



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MÁRCIO ORLANDO LOURENÇO ASSEIRO - 311508021**

**Libermann:**

**Uma vida de disponibilidade ao Espírito Santo**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

**Porto**  
**2012**

## **ABREVIATURAS**

N.D. *Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann*

E.S. *Écrits Spirituels du Vénérable Libermann*

C.S.J. *Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean*

L.S. *Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann*

R.P. *Règle Provisoire des Missionnaires de Libermann*

## INTRODUÇÃO

Ler e revisitar os textos de Libermann faz perceber o leitor que está diante de um homem de Deus, que vivenciou uma forte experiência pessoal com Deus. Não só pelo grande número de textos de Libermann mas, sobretudo pelo conteúdo neles explícitos, percebemos que existe sempre uma nova interpelação e descoberta de Deus a fazer.

Sendo eu espiritano, parece algo banal realizar um trabalho sobre Libermann. Pois poderíamos partir do princípio que é um tema no qual todos os espiritanos estão familiarizados. Contudo, devido ao grande número de escritos e à densidade da sua espiritualidade, poucos são os espiritanos que conhecem a fundo este homem. O conhecimento existente resume-se, maioritariamente, às conferências tidas ao longo do ano de noviciado e à leitura dos textos mais conhecidos de Libermann.

Este trabalho nasce a partir da interpelação feita pelo professor de Libermann no final do noviciado. Ele convidou-nos a continuar a ler e a estudar Libermann, uma vez que nele encontraríamos palavras que nos aproximariam de Cristo e do carisma espiritano. Foi também sua sugestão que o trabalho por mim realizado fosse uma síntese da minha visão de Libermann à luz dos textos por ele escritos.

Assim, este trabalho tenta sintetizar a espiritualidade de Libermann.

Depois de uma primeira pesquisa dos estudos feitos sobre Libermann, verifiquei que existem inúmeros artigos e livros, mas cada um analisa o autor a partir do seu ponto de vista e da dimensão que quer realçar da espiritualidade libermanniana. São poucos os estudos que analisam o seu pensamento no global ou de forma sistemática.

Desde que Libermann se torna o décimo primeiro Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, a sua espiritualidade e o dinamismo que ele trouxe à Congregação, fizeram com que nas décadas seguintes se tivesse Libermann como que um fundador da Congregação. O que por si só é historicamente errado, uma vez que a congregação, fundada por Libermann em 1841, foi suprimida pela Santa Sé e os seus membros foram integrados na Congregação dos Padres do Espírito Santo. Este processo é normalmente apelidado de “fusão” entre as duas congregações. Toda esta etapa da história da Congregação está bem estudada e escrita na quarta parte do livro organizado por Paul Coulon e Paule Brasseur<sup>1</sup>.

De facto a sua espiritualidade e o seu dinamismo foram fundamentais para refortalecer a Congregação nessa época. Por isso, é comum encontrarmos referência a Libermann como

---

<sup>1</sup> Cf. COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: CERF, 1988, p. 661-818.

um dos fundadores dos Missionários do Espírito Santo. Nos anos setenta e oitenta do século XX, surge em Roma um “grupo de estudos espiritanos”, que tinha por objectivo fazer suscitar nos confrades o gosto e o conhecimento pela história e espiritualidade espiritana. Porém, a grande maioria dos artigos que surgiram desse grupo de estudos refere-se a Libermann. Poucos são os que abordam temas da espiritualidade de Cláudio Poullart des Places, fundador da Congregação do Espírito Santo, em 1703.

Contudo, do grande número de estudos que surgiram antes ou depois do grupo de estudos, poucos são os que estabelecem uma análise geral da espiritualidade libermanniana.

O tema escolhido para este trabalho reflecte uma tentativa de síntese do essencial da espiritualidade de Libermann. Depois de ler vários textos e estudos realizados sobre Libermann, decidi estabelecer as colunas fundamentais da sua espiritualidade. Uma vez que são aspectos transversais em todos os textos de Libermann, na grande maioria.

A minha escolha pode ser criticada, contudo procurei estabelecer ligação entre os aspectos que Libermann mais vezes refere e que são imprescindíveis para compreender a sua espiritualidade. Este trabalho também pode ser visto como uma síntese que serve de introdução ao estudo de Libermann, por isso considereei importante o contexto histórico da sua vida e o caminho espiritual que ele percorreu. Só assim percebemos melhor o porquê de ele ter, no terceiro capítulo, os aspectos apontados como essenciais.

Este trabalho não tem por objectivo uma apresentação exaustiva da espiritualidade de Libermann. Pretende apresentar o essencial para que, quem pretenda aventurar-se no aprofundamento da sua espiritualidade encontre aqui uma porta de entrada e um guia para o seu estudo.

Para este estudo, foram usados como fontes, vários volumes de escritos de Libermann editados pela Casa Mãe em Paris. Contudo, devido ao grande número existente, foi preciso fazer uma selecção dos escritos a utilizar este trabalho, por isso o critério usado para a selecção foi o da consensualidade dos estudiosos sobre as ideias de Libermann. Na primeira fase do trabalho, a de pesquisa, foram seleccionados estudos e artigos sobre a personagem em estudo que tivessem como principal objectivo o estudo da espiritualidade libermanniana. Depois da sua leitura, vários textos se destacaram como síntese da espiritualidade de Libermann. O presente trabalho surge no seguimento da reflexão de quais seriam as colunas principais da espiritualidade de Libermann.

Este trabalho exigiu reflexão e leitura e, acima de tudo, um conhecimento da língua francesa, uma vez que a grande maioria dos estudos e, sobretudo as fontes, estão em francês.

As traduções dos textos libermannianos são realizadas pelo autor do trabalho, excepto algumas que se encontravam já traduzidas em alguns estudos em português, e que foram realizados por pessoas com maior conhecimento de Libermann.

Ao longo do trabalho transcreve-se um número significativo de frases e pequenos textos de Libermann. Tendo como principal objectivo o de deixar que sejam as próprias palavras de Libermann a indicarem a ideia que ele quer transmitir. Ao mesmo tempo transmite uma atitude do próprio Libermann: expressar uma espiritualidade assente na realidade e na vida prática do homem. Não se quer transmitir grandes conceitos ou esquemas espirituais, mas, sobretudo, atitudes e princípios que cada um deve ter na sua vida espiritual.

O trabalho foi dividido em três capítulos e cada capítulo subdividido em vários pontos. Embora o terceiro capítulo seja o central do trabalho, os dois primeiros são capítulos que nos levam a um entendimento gradual da personagem em estudo e do seu caminho espiritual.

No primeiro capítulo é apresentado o contexto histórico em que nasceu Libermann, para assim compreendermos o seu meio e as influências que teve sobre ele. Para além do meio histórico-económico, analisa-se o meio familiar em que Libermann nasce. Neste capítulo segue-se a vida de Libermann até à sua saída da terra natal, que, como veremos, representará uma grande mudança. É ainda analisada a vida dos principais representantes da “escola francesa de espiritualidade”, com a qual Libermann estará em contacto.

No segundo capítulo é apresentado o caminho de fé que Libermann percorre para chegar ao Cristianismo e sobretudo a base da sua vida espiritual a partir do momento marcante na sua vida, que foi o seu baptismo. Ao longo deste itinerário de fé, são também apresentados alguns temas importantes em Libermann, que, embora não sejam colunas fundamentais da espiritualidade libermanniana, são uma constatação da sua espiritualidade, como por exemplo o tema da doença em Libermann. Neste capítulo apresenta-se mais pormenorizado o percurso desde a sua chegada a Metz até à sua ordenação. Quanto aos seus últimos dez anos de vida como Superior da Congregação, só são realçados os momentos mais importantes, que são ao mesmo tempo sinal da sua vida interior.

No terceiro e último capítulo, apontam-se as três grandes dimensões da espiritualidade de Libermann. Sem estes três pontos não se consegue analisar os seus escritos, nem entender a sua mensagem. São dimensões importantes que devem ter-se em conta em qualquer referência a Libermann.

O estilo da escrita deste trabalho é simples e procura ser claro, mas ao mesmo tempo expressar a verdadeira mensagem de Libermann.

## CAPÍTULO I – LIBERMANN E O SEU TEMPO

Ao iniciar esta reflexão é de grande importância a contextualização histórica da pessoa em estudo. Todo o homem realiza o seu encontro pessoal com Deus num contexto concreto da História humana. Esse encontro é influenciado pela mentalidade e pelos acontecimentos históricos, assim como o contexto social, político, económico e religioso.

O meio familiar e cultural onde Libermann nasceu e cresceu é de grande relevância, uma vez que só aos vinte anos sai do meio onde cresceu.

Parece ainda relevante apresentar as figuras e espiritualidades que mais influenciaram o início do seu itinerário espiritual. Ainda que o próprio Libermann recusasse qualquer tipo de “esquema” ou de “modelos” de espiritualidades, é inevitável aceitar que pelo menos desde a sua conversão (1826) até à sua partida para Roma (1839), a sua vivência espiritual tenha sido influenciada por três figuras: Bérulle, Olier e João Eudes. É relevante apresentar uma pequena síntese da espiritualidade de cada um destes autores, de forma a percebermos melhor o que Libermann queria exprimir em cada fase do seu itinerário espiritual.

### 1. Contexto Político-religioso da França nos inícios do século XIX

A França dos inícios do século XIX estava profundamente marcada pelo movimento iluminista<sup>2</sup> e pelas mudanças na sociedade que culminaram na Revolução Francesa (1789)<sup>3</sup>. Vários foram os factores políticos, sociais e económicos que provocaram a revolução, nomeadamente a intenção de por fim ao absolutismo régio e às estruturas a ele ligadas. Contudo, de forma rápida, a revolução atingiu a Igreja e iniciou um processo de descristianização da sociedade francesa. Se no início a Igreja participou na revolução acabou

---

<sup>2</sup> O movimento das luzes tem as suas raízes, em Inglaterra e na França, no século XVII e desenvolve-se no século XVIII e as suas consequências irão sentir-se nos séculos seguintes. O iluminismo é uma corrente filosófica que se caracteriza pela plena confiança da razão. Através da luz da razão, o homem consegue eliminar as sobras do desconhecido e do mistério, que perturbam o espírito humano. Nas suas formas mais radicais, a fé só era possível em relação à razão, fé da razão. A confiança na razão levava a uma recusa da tradição, de desprezo do passado, quer a nível religioso, quer a nível político. O optimismo iluminista assentava na ideia de progresso que levava a um espírito reformador e muito crítico. (Cf. VERDETE, Carlos – *História da igreja Católica: Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*. Lisboa: PAULUS Editora, 2009, vol. II, p. 137-147).

<sup>3</sup> Datas relevantes da Revolução Francesa: Estados Gerais, Maio de 1789; Declaração dos Direitos do homem e do Cidadão, Agosto de 1789; nacionalização dos bens eclesiásticos, Outubro de 1789; Constituição Civil do Clero, Novembro de 1789; supressão das ordens religiosas, Fevereiro de 1790; Assembleia Legislativa, Outubro de 1791; Convenção Nacional, em Setembro de 1792; Directório, em 1795; Período do Consolado, altura em que chega Napoleão ao poder, 1799. (Cf. VERDETE, Carlos – *História da igreja Católica*. vol. II, p. 149-154).

por sair dela como escrava, uma vez que a Igreja pós-revolução era muito dependente do Estado. Exemplo disso era a coincidência da geográfica eclesiástica com a civil e a visão do ministério sagrado na linha do funcionalismo estatal.

Durante o período revolucionário a palavra que melhor caracteriza a vida dos cristãos é “resistência”<sup>4</sup>. Foram tempos complicados e de grande adversidade. A constituição “obrigava” à dispersão da vida religiosa e da vida cristã. Porém, no segredo de muitas casas e no interior de muitos cristãos, continuava-se a viver uma vida de fé coerente, de oração e de sacrifício. A revolução foi um duro golpe de descrença na sociedade francesa. A ignorância, a indiferença e o conformismo de muitos cristãos foram um terreno propício para a eliminação da fé cristã em alguns sectores da sociedade. Isto foi fruto de algumas medidas impostas pela revolução, que fizeram perdurar nessa geração tal ignorância religiosa. Destacam-se as seguintes medidas: proibição do culto público; encerramento de Igrejas; alienação de colégios, hospitais e mesmo dos benefícios paroquiais; substituição das festas religiosas por festas civis<sup>5</sup>.

A nível social as classes mais afectadas pela mentalidade revolucionária foram as classes altas e a burguesia. A adversidade à religião presente nestes grupos foi muito forte, uma vez que eram grupos com maior contacto com as correntes iluministas. As universidades também eram um grande centro de difusão de mentalidades anticlericais. Os estudantes tinham muito mais contacto com a cultura optimista e céptica das luzes do que com Cristo.

Contudo, não podemos generalizar a adesão à mentalidade revolucionária de uma forma igualitária em todo o território francês. Várias foram as regiões onde a revolução não teve grande adesão<sup>6</sup>. Porém, a região parisiense representa bem uma zona onde a adesão à revolução foi grande, uma vez que surgiam aí os principais acontecimentos políticos que muitas vezes demoravam a chegar às regiões mais rurais da França.

O século XIX será uma resposta da vida cristã a esta descristianização. Será um processo lento e que é conhecido como período da Restauração Católica<sup>7</sup>. Nele, a Igreja

---

<sup>4</sup> Cf. RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 5, col. 956.

<sup>5</sup> Cf. CHOLVY, Gérard – *Ampleur et limites du renouveau religieux en France au sortir de la Révolution et de l’empire (1800-1860)*. In COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: CERF, 1988, p. 29.

<sup>6</sup> Cf. CHOLVY, Gérard – *Ampleur et limites*, p. 32.

<sup>7</sup> Com a queda de Napoleão Bonaparte, iniciou-se um período que ficou conhecido na História por Restauração. Do ponto de vista político, consistiu na tentativa dos países vencedores restabelecerem o absolutismo monárquico anterior à Revolução Francesa. Ao nível religioso foi um período ambíguo, para alguns foi uma tentativa de regresso a uma sociedade oficialmente cristã e simultaneamente para outros foi uma oportunidade de renovação eclesial. Ao nível religioso verificam-se elementos de síntese entre o antigo e o novo regime,

francesa tentou libertar-se dos condicionalismos impostos pela revolução, existindo duas perspectivas: a de voltar ao que era a Igreja no absolutismo e a de dar novo vigor à fé, com uma renovação eclesial. A recristianização partirá das bases cristãs<sup>8</sup> e talvez por isso tenha sido tão fecunda. Um acontecimento importante para o início desta recristianização foi a assinatura e promulgação da Concordata, em 1801 e 1802 respectivamente, entre Napoleão e o Papa Pio VII. Com a Concordata a Igreja deixou de ser vista com hostilidade por parte do Estado e passou a ser, em certa medida, usada e controlada pelo Estado a fim de difundir as suas ideias. A Igreja tentou aproveitar esta conjuntura para continuar a sua evangelização, apesar dos limites impostos.

Neste início do século destacam-se algumas correntes de pensamento que influenciavam o meio cristão e a sociedade em geral. Uma delas era o humanismo ateu, que negava o sobrenatural e teve muita influência sobretudo na pequena burguesia, nos universitários e na classe operária<sup>9</sup>. Outras correntes importantes nesta época foram o humanismo e o romantismo cristão<sup>10</sup>.

Quanto à espiritualidade denota-se uma evolução da pregação de um Deus terrível para um Deus bom, muito por influência da “escola francesa de espiritualidade”, que predominava entre os clérigos da época<sup>11</sup>. Na espiritualidade e nas devoções desta época destacam-se o culto a Jesus presente na Eucaristia, ao Coração de Jesus e a devoção mariana. É notório, no início do século, a redescoberta de Cristo que se tinha perdido ao longo do século XVIII. A vida cristã passa a centrar-se na pessoa de Cristo. Assim, Cristo torna-se o centro da vida e das motivações cristãs. A caridade que se vive é expressão exterior de uma experiência de Cristo. Como dizia Lacordaire «*a grande tarefa é amar a Cristo*»<sup>12</sup>. Vivencia-se a presença de Cristo nos pobres a quem se serve; nas crianças a quem se anuncia o evangelho. É a vontade de promover o Reino de Cristo que faz tantos missionários partirem rumo a terras distantes. Muita desta experiência tem o seu despertar na adoração eucarística, na contemplação e na adoração de Cristo. A adoração orienta o cristão para o serviço dos seus irmãos. No conhecimento do Coração de Jesus e do amor que daí brota, o cristão poderá imitar verdadeiramente Cristo. O cristão tenta reproduzir Cristo na sua vida, vivendo no e

---

concretizados na tentativa de regresso a uma sociedade oficialmente cristã e num esforço sério de renovação eclesial. (Cf. VERDETE, Carlos – *História da igreja Católica*. vol. II, p. 159-166).

<sup>8</sup> Cf. RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 954.

<sup>9</sup> Cf. RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 962-963.

<sup>10</sup> Cf. RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 963-965.

<sup>11</sup> Cf. CHOLVY, Gérard – *Ampleur et limites*, p. 41.

<sup>12</sup> CHOLVY, Gérard – *Ampleur et limites*, p. 42.

para o amor de Cristo<sup>13</sup>. «*Este amor aos outros em Cristo tende a precisar e a desenvolver a doutrina do corpo místico e do sentido eclesial*»<sup>14</sup>. Esta teologia será desenvolvida com mais profundidade na segunda metade do século XIX por Charles de Foucauld. A devoção mariana também é muito difundida ao longo deste século. É muito impulsionada pelas manifestações Marianas que acontecem ao longo do século: a aparição da “medalha miraculosa” a S. Catarina Labouré (1830); as aparições da Virgem em Salette (1846) e em Lourdes (1858); assim como a grande difusão da devoção mariana na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, onde se destaca o Pe. Degenetes<sup>15</sup>. A meio do século XIX o Papa Pio IX proclama o dogma da Imaculada Conceição. Tudo isto revela uma grande devoção e a importância que Maria tinha na espiritualidade da época. Os grandes espirituais da época apresentam Maria como «*mediadora da contemplação e união divina*»<sup>16</sup>, não se trata de uma simples devoção de piedade.

A recristianização, como já referimos atrás, partiu das bases como o baixo clero e o povo simples pois permaneceram fiéis e zelosos na fé. O cristianismo popular, dependendo das regiões, é menos afectado, uma vez que os hábitos massificados como as missões populares e as peregrinações se mantêm, ou então regressam em força a partir do Segundo Império. Ainda que, em algumas regiões o cristianismo tenha permanecido firme, a ortodoxia nem sempre foi assegurada por falta de uma hierarquia erudita. As missões populares tiveram grande relevo nesta época pois dirigiam-se às várias classes sociais. O grande objectivo destas missões era aproximar o povo das verdades da fé, do amor a Cristo e, ao mesmo tempo, a recristianização da sociedade e suster o avanço das ideias anticlericais e anti-religiosas.

Um contributo importante para esta época foi o reflorescimento da vida religiosa. Em França, no início do século XIX, são renovadas e fundadas várias congregações. Embora não fossem bem vistas pelos bispos, algumas congregações estavam encarregues do ensino nos seminários diocesanos, como os sulpicianos, os eudistas e os lazaristas. As congregações que

---

<sup>13</sup> Cf. RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 969.

<sup>14</sup> RAYEZ, André – France: VII De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 970.

<sup>15</sup> Charles-Éléonor Dufriche Degenetes (1778 – 1860), da diocese de Alençon, onde nasceu em 1778, toma o partido dos sacerdotes refractários, ordenado sacerdote aos 28 anos. A sua solicitude pastoral revela-se durante uma epidemia da febre tifóide. Abertamente anti-napoleónico, teve de se esconder durante os Cem Dias e deixar a sua paróquia de Alençon, refugia-se em Paris. Primeiramente foi o pároco de uma paróquia burguesa e bastante rica, tendo à sua disposição a capela das Missões Estrangeiras na rua do Bac. Depois foi nomeado para Nossa Senhora das Vitórias, três vezes proposto para bispo, não acedeu ao episcopado devido à sua frontalidade. Pároco de Nossa Senhora das Vitórias, funda a arquiconfraria do imaculado Coração de Maria, centro de numerosas conversões. A 2 de Fevereiro de 1939 lança uma campanha apostólica pela salvação da raça negra. Homem de se dar por inteiro tanto à caridade para com os pobres e para com os pecadores como à defesa das suas convicções. Iniciador da Obra dos Negros junto com F. Le Vasseur e E. Tisserant; amigo íntimo do Pe. Libermann. (Cf. Congregação do Espírito Santo – *Antologia Espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2010, vol. I, p. 517).

<sup>16</sup> RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle, vol. 5, col. 971.

surtem nesta época escolheram os meios rurais para a implantação das suas comunidades. Os carismas eram diferentes, contudo, tentavam dar resposta a necessidades comuns: o ensino, o serviço paroquial, instituições de assistência caritativa e a evangelização dos não cristãos nas colónias francesas. O surgimento de congregações femininas de vida activa foi grande, assim como congregações só de irmãos, onde não existiam clérigos. Este vigor criativo teve efeitos muito positivos na vida cristã, uma vez que a dinâmica implementada por estas congregações trouxe novo vigor a muitas comunidades cristãs.

Ao longo das primeiras décadas a preocupação com a evangelização dos povos não cristãos foi crescendo no seio da Igreja e da França em particular. Vários foram os motivos<sup>17</sup>, contudo, desenvolveu-se uma teologia missionária que estabeleceu os fundamentos da missiologia actual. Homens como Libermann, Lavigerie e Luquet desenvolveram uma espiritualidade missionária que assentava principalmente na caridade desinteressada e numa espiritualidade mais aberta, enraizada no essencial do evangelho<sup>18</sup>. O seu grande entusiasmo era alargar o Reino de Cristo por toda a terra, respondendo sempre ao seu chamamento e, se necessário, dar a vida por Cristo. Para este entusiasmo contribuiu muito a criação da Obra da Propagação da Fé, iniciada por Pauline Jaricot em 1822. Quanto a congregações, destaca-se a fundação dos Missionários do Coração de Maria por Libermann em 1841 que se funde com a Congregação do Espírito Santo em 1848; os Oblatos de Maria Imaculada fundados em 1815-1816 por Eugène de Mazenod; as Missões Africanas de Lyon fundadas por Melchior de Marion-Brésillac em 1856.

A França que aqui descrevemos é a França em que nasce e vive Libermann. Toda a sua vida vai ser influenciada, quer pelos conflitos políticos, quer pela dinâmica da igreja francesa e pela espiritualidade da sua época. O que ele vai viver não é algo fora do seu tempo, ele faz a experiência de Cristo dentro de uma época, de uma sociedade.

## **2. O Judaísmo e Libermann**

Na análise dos aspectos que influenciaram a vida e a personalidade de Libermann, não se pode deixar de lado a influência que o judaísmo teve na sua vida. Ele nasceu numa família e num meio judaico. Ao longo de vinte anos, Libermann não teve contacto com outra

---

<sup>17</sup> Cf. TORRES NEIVA, Adélio – *Libermann e a hora da África*. In *Missão espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2009. n.º 15, p. 75 – 92.

<sup>18</sup> Cf. RAYEZ, André – *France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle*, vol. 5, col. 989.

realidade a não ser a realidade judaica. A sua experiência de gueto religioso e cultural foi importante para a dimensão universal e missionária que a sua vocação cristã teve aquando da sua conversão<sup>19</sup>. Por isso, será muito útil conhecermos a realidade judaica em que nasceu, a sua experiência familiar, religiosa, e as características que Libermann manifestou ao longo da sua vida com influência do judaísmo.

## 2.1 Judaísmo na Alsácia, no início do século XIX

A Revolução Francesa também teve os seus impactos na comunidade judaica estabelecida em França. Antes da revolução os Judeus não eram abrangidos pelo direito civil. Eles viviam no território francês mas tinham a sua própria organização e regulamentação. No Antigo Regime, os Judeus estavam em zonas das cidades à parte, em pequenos guetos, onde viviam segundo as suas tradições e ritmos de vida próprios. Esta vida, à margem do resto da sociedade, ia também ao encontro dos seus próprios desejos no que diz respeito à visão de povo consagrado a Deus e colocado à parte dos outros<sup>20</sup>. Como um grupo à parte, eram muitas vezes marginalizados, mas também eles próprios se marginalizavam. A igualdade só existia ao nível dos impostos, uma vez que a sua principal actividade era o comércio. A vivência no meio de uma sociedade maioritariamente cristã não era fácil, nomeadamente em relação à mentalidade da época que via os judeus como os responsáveis pela morte de Jesus. Contudo, os próprios judeus possuíam juízos preconcebidos contra os cristãos, o que não favorecia uma sã convivência<sup>21</sup>. As tensões que surgiam de um lado e de outro reflectiam-se no quotidiano das populações<sup>22</sup>.

Com a Revolução, os Judeus adquirem a igualdade na condição cívica. Com a Declaração dos Direitos do Homem (1791), os judeus passam a ser considerados cidadãos como todos os outros, com os mesmos deveres e com os mesmos direitos. Esta igualdade trouxe uma nova realidade ao judaísmo que se encontra, agora, mais exposto à sociedade e à cultura que o envolve. Começa então uma época de emancipação do judaísmo e onde os horizontes se abrem à realidade que os envolve<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito: duas vidas, um projecto missionário*. Braga: Apostolado de Oração, 1997, p. 49.

<sup>20</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*. Paris: Beauchesne, 1977, p. 15.

<sup>21</sup> Cf. SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espiritana: Francisco Libermann de Judío a padre de missionero*. Madrid: [s.n.], 2000. Tomo II, p. 46.

<sup>22</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 16. O próprio Jacob bebe desta adversidade, o autor dá um exemplo de quando era Jacob pequeno e se escondeu quando viu um padre.

<sup>23</sup> Cf. SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espiritana*. Tomo II, p. 22.

O desenvolvimento da comunidade judaica, nomeadamente ao nível económico, provocou medo em perder a sua segurança económica nos mais notáveis da Alsácia. Eles pedem a Napoleão que regulamente a actividade deste grupo social. Para resolver esta questão, Napoleão, em 1807, convoca o Grande Sinédrio de Jerusalém, em Paris. O Grande Sinédrio já não se reunia há mais de 15 séculos, nele participaram os Rabinos mais respeitados e com mais autoridade das várias regiões de França. Lázaro Libermann, pai de Jacob<sup>24</sup>, participou nesta grande assembleia a convite do Perfeito de Estrasburgo. As decisões tomadas no Grande Sinédrio provocaram mudanças importantes no judaísmo francês: os rabinos passam a estar sob a tutela do poder público; as actividades económicas passam a estar sob um controle mais severo; os jovens passam a ser obrigados a cumprir o serviço militar; o língua francesa passa a ser obrigatório em todas as escolas judaicas<sup>25</sup>.

Apesar de ter participado no Grande Sinédrio, Lázaro Libermann não acata a maioria destas medidas. A sua intenção era de permanecer sempre fiel à sua fé, o que implicava a prática das tradições e uma estrita observância das tradições talmúdicas. Assim sendo, a Sinagoga de Saverne permanece um meio muito fechado sobre si mesmo, uma vez que nela não penetra nenhuma doutrina ou ideologia estranha à tradição talmúdica. O zelo do seu Rabino, Lázaro Libermann, muito contribuiu para a continuidade desse isolamento.

As novas ideias veiculadas pela revolução provocaram a emancipação de um movimento dentro do judaísmo onde se defendia uma maior abertura à sociedade actual. Esta abertura passava pelo aprofundar a fé e as tradições, no encontro e abertura a novas línguas e à cultura circundante, a nível intelectual e filosófico. Este movimento defendia que os Rabinos não necessitavam de aprender só o Talmude, pois deveriam ter um conhecimento mais abrangente. Alguns destes judeus estavam também insatisfeitos com o culto judaico que se tinha afastado da realidade actual. Por outro lado, existiam os Rabinos mais tradicionalistas que defendiam as tradições judaicas tal como eram praticadas. Pode constatar-se que eram adversos às novas ideias de evolução na religião pois temiam a perda da identidade e da fé judaica. As divisões entre os judeus ortodoxos e os mais liberais eram evidentes nesta altura e duraram até meados do século XIX.

Estas divisões foram um terreno fértil para um número significativo de conversões que aconteceram nesta época<sup>26</sup>. Nas primeiras décadas do século XIX deu-se um grande número

---

<sup>24</sup> Este é o nome de Libermann no judaísmo e que ele usa até à sua conversão, a quando do seu Baptismo ele toma o nome de Francisco Maria Paulo Libermann.

<sup>25</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 16.

<sup>26</sup> Cf. SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espirítana*. Tomo II, p. 54.

de conversões de judeus ao cristianismo. A conversão mais conhecida e sonante foi em 1823 quando David Drach se converte ao cristianismo. Ele ajudou muitos judeus, nos seus primeiros tempos de cristãos, depois de se converterem ao cristianismo. O próprio Libermann, quando em Novembro de 1826 vai para Paris, encontra-se com Drach e é este que lhe consegue a estadia no Colégio Stanislas. Muitos dos que se convertiam tinham a intenção de ajudar outros judeus no seu caminho de conversão. Por influência dos ideais revolucionários consideravam o judaísmo, na forma fundamentalista como era vivido pela maioria, como uma religião que impedia as pessoas de terem um pensamento livre e esclarecido. Por isso, alguns convertidos propunham uma pastoral que se destinasse à conversão dos judeus ao cristianismo<sup>27</sup>.

É neste contexto judaico que Libermann vai nascer e ser educado.

## **2.2 Influências do judaísmo em Libermann**

Jacob Libermann nasce a 12 de Abril de 1802, em Saverne, na Alsácia (França). Ele é o quinto filho do casamento de Lázaro Libermann e de Lia Haller. O seu ambiente familiar é judaico integrista. O Pai realizou os seus estudos em Lublín (Polónia), onde existia uma importante universidade de ciências hebraicas. No início era auxiliar de professor num bairro de Saverne. Contudo, quando morre o Rabino de Saverne é eleito para ocupar a sua função. Lázaro tinha uma grande reputação na região pelos seus conhecimentos da *Torah* e sobretudo do Talmude, do qual tinha uma sabedoria excepcional. Era um grande defensor das tradições judaicas, austero, duro para consigo mesmo e exigente para com os outros. Era também um homem autoritário e por vezes violento, mas nada colocava em questão a sua honestidade e rectidão. Era caridoso e tinha sempre a sua casa aberta para acolher os correligionários que estavam de passagem por Saverne e aqueles que precisassem de um abrigo para pernoitar<sup>28</sup>.

Lázaro Libermann exerceu sobre Jacob uma grande influência e não deixou nenhum pormenor de lado quanto à sua educação religiosa, pois tinha a intenção de que Jacob lhe sucedesse como rabino na Sinagoga.

Em Saverne havia um número razoável de famílias judaicas que viviam num ambiente de gueto e de conservadorismo. A vida destes judeus passava-se muito à volta do bairro judaico. O contacto com os cristãos era o mínimo possível, pois normalmente só se cruzavam

---

<sup>27</sup> Em 1823, Sansão Libermann e o advogado Meyer escrevem uma carta aos bispos de França pedindo padres para evangelizar os Judeus (Cf. N.D., I, 41-50).

<sup>28</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 13-14.

a nível do comércio. Assim sendo, na sua infância, Jacob tem pouco contacto com o cristianismo e até o seu pai lhe inculca pré-juízos sobre os cristãos.

A sua educação seguiu os métodos da época<sup>29</sup>. Aprende o hebraico para poder ler a *Torah* sem ajuda de gramática. Em seguida aprendeu a *Messina*. Depois, só aqueles que revelassem grande capacidade eram introduzidos ao estudo do Talmude. Tal como os jovens judeus, Jacob só sabe o hebraico e o yiddish, a língua que falava em casa e que os judeus usavam diariamente com os não judeus. Jacob não falava francês nem nenhuma outra língua porque, na altura, se algum pai judeu quisesse que o seu filho aprendesse uma outra língua teria de encontrar um professor particular, uma vez que nas escolas judaicas não se aprendia outra língua além do hebraico. Cedo Jacob se destaca pela sua inteligência e memória no estudo. Todos os sábados era submetido a um rigoroso e exigente exame feito pelo seu pai, o que lhe permitia ter a matéria sempre bem sabida e assimilada. A sua educação é feita em casa e na Sinagoga, que ficava ao lado de sua casa. Aqui ele começa a familiarizar-se com o Absoluto. Todos os momentos do seu dia estão orientados para Deus, quer nas orações da Sinagoga, quer em casa e na escola, pois está sempre em contacto com a Palavra de Deus. A partir dos 14 anos de idade, Jacob passa a ser membro de plenos deveres e direitos na Sinagoga. Era ele quem abria todas as manhãs a Sinagoga e preparava o que era preciso para o culto. Durante sete anos Jacob cumpriu todos os mandamentos e preceitos de forma seria e comprometida<sup>30</sup>. A sua evolução nos estudos continuava e nenhum aluno o conseguia vencer nos torneios talmúdicos. A sua inteligência permitia-lhe assimilar uma boa parte do Talmude. O seu pai continuava atento e orgulhoso pela evolução de seu filho e exige cada vez mais dele para que possa ser seu sucessor como rabino e permaneça fiel ao seu pensamento sobre a tradição judaica<sup>31</sup>.

Até ao momento em que partirá para Metz, Jacob viverá neste ambiente muito familiar e religioso. Aqui sente-se muito protegido e amado por todos. Será para ele um momento muito duro quando tiver de deixar este meio que o protegia e entrar em contacto com um meio em que as certezas já não são tão óbvias.

Mas os vinte e quatro anos de judaísmo tiveram alguma influência na sua personalidade ou na sua espiritualidade? Seria irreal negar as influências desta primeira etapa da sua vida. Um dos aspectos evidenciados é a sua relação com a família. Como é natural no

---

<sup>29</sup> Cf. N.D., I, 37.

<sup>30</sup> Cf. N.D., I, 51 Este texto é uma nota de Sansão Libermann sobre uma visita que Libermann lhe fez, onde este permaneceu de chapéu durante toda a refeição.

<sup>31</sup> Cf. N.D., I, 61.

judaísmo a família tem uma importância na educação humana e religiosa. Para o judaísmo a família é um santuário onde se celebra a fé e o pai transmite a cada filho as verdadeiras tradições. O Deus de Israel é o Deus dos nossos Pais (cf. Ex 3,6). Libermann mantém esta ligação próxima à família desde pequeno. Ele era o filho de quem todos gostavam, pela sua humildade e pela sua descrição. Era de Jacob que Lázaro mais gostava<sup>32</sup>, por isso lhe dava tanta atenção. No entanto, com a maneira de ser austera e exigente do pai, era junto da sua mãe que Jacob encontrava o afecto e o carinho de que necessitava. Contudo, Lia Haller morre quando Jacob tinha apenas onze anos. Mesmo tendo sido privado do afecto materno muito cedo, a experiência afectuosa que teve com a sua mãe, do coração e da doçura de mãe, reencontrou na Virgem Maria depois da sua conversão. Isso vê-se numa carta que mais tarde Libermann escreverá a um seminarista, quando compara a relação de um cristão com a Virgem Maria à relação de uma criança com a sua mãe.

«Sê com Maria como uma criancinha com a sua querida Mãe. Tem uma ferida? Vai logo mostrá-la à mãe. Está muito menos preocupada com a cura do que com o desejo de mostrar a ferida à mãe, a fim de que ela se enteneça e a acaricie. A mãe acaricia-a e trata-a, e ela, sem se preocupar com a cura, fica contente e tranquila. A mãe deu-lhe um beijo, disse-lhe uma palavrinha de amor, e ela ficou satisfeita»<sup>33</sup>.

Mgr Jean Gay realça, neste texto, o conhecimento que Libermann demonstra da experiência de um coração de mãe<sup>34</sup>. Para Pierre Blanchard, o encontro de Maria compensou as frustrações que Libermann possa ter vivido na sua infância e adolescência. Devido à sua maneira de ser muito sensível, o Coração de Maria foi para ele «*um grande tesouro, pois a sua boca é o canal deste grande tesouro*»<sup>35</sup>. Quando for superior da congregação, Libermann terá para com os seus confrades uma relação mais maternal do que paternal.

A conversão de alguns dos seus irmãos e sobretudo a sua, serão uma grande dor para o seu Pai que, dois anos depois do baptismo de Libermann, toma conhecimento da conversão ao cristianismo e escreve-lhe uma carta “fulminante” para o maldizer e renegá-lo como filho. Este será um momento muito difícil para Libermann.

Depois da sua conversão ao cristianismo, privado das relações familiares com os que permaneceram no judaísmo, Libermann manterá uma relação afectuosa com os seus irmãos e sobrinhos escrevendo-lhes e mantendo sempre uma presença construtiva, ajudando e

---

<sup>32</sup> Cf. N.D., I, 9.

<sup>33</sup> N.D., VIII, 206.

<sup>34</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 21.

<sup>35</sup> C.S.J., 59.

aconselhando os seus familiares na busca da vontade de Deus para as suas vidas. Esta sua ligação era vivida numa liberdade e responsabilidade para com as exigências da opção de vida que tinha tomado.

Um aspecto onde se denota a influência do judaísmo é a importância e sobretudo o conhecimento que Libermann tinha da Palavra de Deus. Blanchard realça que a espiritualidade de Libermann tem uma ressonância bíblica muito grande. Na sua maneira de ser, Libermann aproxima-se de uma fé como a de Abraão, uma confiança em Deus como a de Jacob e uma paciência como a de Job. A sua espiritualidade irá beber do Evangelho e sobretudo de S. Paulo<sup>36</sup>. A Palavra de Deus era a fonte da sua vida, mais do que citar passagens bíblicas, Libermann trazia-as no seu coração, uma vez que aquilo que escrevia era muitas vezes um reescrever a Palavra de Deus em contexto diferente<sup>37</sup>. Agostinho Tavares realça, por seu lado, que Libermann vai buscar esta importância dada à Palavra de Deus à espiritualidade beruliana, mas sobretudo à escola do rabino Lázaro Libermann. É aqui que Libermann aprende o rigor da interpretação rabínica e o amor que se deve dar à Palavra de Deus<sup>38</sup>.

O judeu é um homem de extremos porque ele é um homem de Deus. E é no ambiente de fé judaica vivida na radicalidade integrista que Libermann vai viver a sua primeira experiência do transcendente, da primazia e da radical dependência de Deus<sup>39</sup>. Por isso, ao longo de toda a sua vida Deus terá sempre a primazia. Esta é a fonte da importância que Libermann dá à procura da vontade de Deus, ao momento de Deus e à confiança em Deus. Libermann é o homem do absoluto. Diante do Absoluto e da Majestade de Deus sente que não é nada. Ele vai perceber que para chegar à perfeição terá de imitar Cristo na sua *kenosis*. O seu irmão Sansão descrevia Jacob como aquele que se distinguia pela profunda humildade, uma vez que ele se via sempre como o último homem<sup>40</sup>. Ao longo da sua vida Libermann vai procurar sempre este abaixamento de si próprio, da sua vontade, para que na sua vida só habite Deus. O que ele procura é que Deus seja o sentido da sua vida, que esteja presente e motive todas as suas acções. Este abaixamento de si próprio é uma característica que encontramos nos judeus espirituais. Libermann usa o termo abaixamento no sentido de abandono à vontade divina, tal como S. Paulo usa nas suas cartas, um sentido cristológico.

---

<sup>36</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Paris: Desclée de Brouwer, 1960. Tome I, p. 43.

<sup>37</sup> Cf. FARIAS, António – *S. Paulo na espiritualidade do Padre Libermann*. In *Missão espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2009. n.º 15, p. 43.

<sup>38</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 50.

<sup>39</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 48.

<sup>40</sup> Cf. N.D., I, 50.

Blanchard, na sua obra, realça ainda duas características da personalidade de Libermann que, segundo ele, são influência do seu judaísmo e da experiência de vida que teve no meio judaico. Uma delas é a capacidade organizativa e administrativa que Libermann possui. Ele trata os assuntos do âmbito espiritual e da vida prática de uma forma concreta e objectiva. Não valoriza muito a subjectividade nos assuntos e tenta sempre elaborar uma análise bastante objectiva, o que lhe permitia decidir e aconselhar de forma eficaz e mantendo sempre o seu equilíbrio<sup>41</sup>. Uma outra característica é o carisma diplomático de conseguir, por diversos caminhos, obter o que sentia ser a vontade de Deus. O seu saber negocial e a sua insistência naquilo que sentia ser importante era algo natural em Libermann. Muitas vezes foi mal compreendido e era visto por muitos como um intriguista e hipócrita por causa da sua astúcia negocial. Em Libermann coexiste uma síntese entre a simplicidade transparente e a mais fina diplomacia<sup>42</sup>.

Assim percebemos os aspectos da espiritualidade de Libermann que foram beber à sua educação, ao seu meio familiar e à sua experiência religiosa no judaísmo. Libermann era tido como um israelita respeitado<sup>43</sup>, pelo seu exemplo de vida. Depois da sua conversão Libermann não vai apagar as suas experiências vividas ao longo destes vinte e quatro anos no judaísmo. É nesta identidade que Libermann vai acolher a mensagem do Evangelho que encontrará quando se deslocar para Metz e sobretudo, quando tocado por Deus, for para Paris e aí acolher totalmente o evangelho de Cristo. Porém, será sempre visto por muitos como um judeu convertido ao cristianismo e isso lhe criará muitas dificuldades e inimigos, nomeadamente na sua passagem por Roma para apresentar o seu projecto de Congregação. Ele próprio tinha consciência das dificuldades que ser um judeu convertido lhe trazia: *«Deixam-se levar, por qualquer tipo de pensamento sobre mim. O meu judaísmo e o meu atraso para o sacerdócio trazem mal dizer sobre mim, como se eu ligasse»*<sup>44</sup>. Mas Libermann nunca negará ou renunciará ao seu passado e para ele, esse tempo foi um instrumento de que Deus se serviu para o levar a realizar a Sua vontade.

---

<sup>41</sup> Cf. N.D., VIII, 24.

<sup>42</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 53-55.

<sup>43</sup> N.D., II, 161.

<sup>44</sup> N.D., III, 114.

### **3. Escola Francesa de espiritualidade**

O contacto que Libermann teve com as principais personagens da “escola francesa de espiritualidade” é inegável. Se para a maioria dos seus estudiosos, Libermann não é um discípulo fiel da “escola”, pelo menos nos seus primeiros anos de cristianismo, cresceu e aprofundou a sua fé no contacto diário com a “escola francesa de espiritualidade”. Isto porque, depois da sua conversão em 1826, até deixar Rennes (1839) para começar o projecto da nova Congregação, Libermann habitará sempre em seminários e casas de formação cujos fundadores são importantes representantes da “escola francesa”.

Em primeiro lugar importa definir ou explicar o conceito de “escola francesa de espiritualidade”. O termo surge em meados do século XIX, mas só no final do século XIX e o início do século XX se torna uma expressão usual. Contudo, alguns autores preferem dizer “escola beruliana”, na medida em que Bérulle é o iniciador desta corrente de espiritualidade. Em seguida, ao longo dos tempos, vários dos seus discípulos seguiram o caminho proposto por Bérulle, realçando mais um aspecto em detrimento de outros. Embora seja conhecida por “escola francesa” ela não apresenta mais do que uma corrente espiritual de uma época concreta no território francês, e prolongou-se na história através de cristãos que nela encontraram sentido para o seu caminho de fé.

Esta corrente espiritual tem início em meados do século XVII, quando a Igreja e a sociedade estavam numa época difícil, uma vez que a Igreja estava a passar por um momento de reformas. Depois dos momentos de divisão com os protestantes surge o Concílio de Trento (1563). A Igreja tenta implementar reformas que possibilitem um renovamento espiritual dos fiéis. Nesta época o cristianismo não era muito fervoroso, era vivido de forma exterior e formalista, que resultava num fraco compromisso por parte dos cristãos. O clero era mal preparado, o seu nível intelectual era muito baixo e a formação espiritual inexistente. Com o Concílio de Trento é recomendada a criação de seminários, o que acontece muito lentamente.

A “escola francesa” será um grande contributo no sentido em que é uma espiritualidade que foca a sua atenção na formação espiritual dos sacerdotes e na sua acção pastoral. Embora tenham existido leigos que se tenham destacado, foram sobretudo os sacerdotes que desenvolveram esta “corrente” espiritual, uma vez que tinham a preocupação da formação sacerdotal. As suas características de partilha de ideias ou temas espirituais fizeram com que muitos autores espirituais posteriores estejam ligados a ela. Realça, sobretudo, a importância de uma experiência espiritual profunda; insiste na grandeza de Deus,

no cristocentrismo e na devoção ao Espírito Santo; destaca ainda a necessidade do compromisso apostólico e missionário.

Para percebermos melhor esta “corrente” iremos, em seguida, apresentar os grandes representantes da “escola francesa” com os quais Libermann, de forma muito concreta, esteve em contacto. Em primeiro lugar Bérulle como o iniciador da “corrente” e onde muitos outros foram beber. Em segundo lugar veremos Jean Olier, uma vez que Libermann realizou a sua formação sacerdotal no Seminário de S. Sulpício, que foi fundado por Monsenhor Olier, e o próprio Libermann recomenda a leitura de Olier àqueles que lhe pedem conselhos espirituais. Em terceiro lugar veremos João Eudes, uma vez que Libermann foi convidado, em 1836, a ser mestre de noviços dos eudistas.

Mais do que apresentar toda a espiritualidade destes três autores espirituais, a intenção é apresentar o cerne da sua espiritualidade e, sobretudo, realçar os aspectos que ajudaram Libermann a expressar a sua experiência espiritual.

### **3.1 Bérulle, o mestre da “escola francesa”**

Bérulle nasce numa família e num meio nobre e católico, em 1565. Seus pais eram nobres e viviam a religião cristã. Era o filho mais velho e cedo foi destinado a estudar direito, porém o seu desejo era ser padre, por isso começa também a estudar teologia. É ordenado padre em 1599, mas passados três anos começa a pensar em seguir a vida religiosa. Faz um retiro com os jesuítas para discernir a vontade de Deus. Nesse retiro Bérulle “descobre” o mistério da Incarnação como rebaixamento de Jesus e aí o seu próprio rebaixamento. Começa a ter uma visão cristocentrica pois Cristo é a plenitude do ser. No retiro toma a decisão de não ser padre religioso mas, compromete-se a praticar os conselhos evangélicos. Em 1604 é enviado a Espanha com a missão de implantar em França os Carmelitas. Sobre a sua vigilância são criados vários carmelos ao longo de vinte e cinco anos. Faz o voto de serviço com a intenção de estar sempre disponível nas mãos de Cristo. A tentativa de obrigar os carmelitas a adoptar este voto, trouxe-lhe dissabores e calúnias.

O retiro que ele faz em 1607 torna o Verbo Incarnado o centro da sua existência, do seu pensamento e da sua doutrina. O homem só realiza a sua união com Deus na adoração e no amor. O adorador perfeito é Cristo, através da união, na sua pessoa, das duas naturezas. Para Bérulle a vida cristã consiste na adoração de Cristo nos seus mistérios, nomeadamente o mistério da encarnação que é o mistério central da fé cristã. O cristão deve também adorar as atitudes interiores de Cristo, principalmente a abnegação da vontade própria, a fim de realizar

a vontade do Pai. Bérulle sintetiza o seu pensamento numa obra escrita em 1623, *O discurso do estado e das magnitudes de Jesus*.

A situação deplorável do clero da época incomoda Bérulle. Em 1611, Bérulle decide viver em comunidade com cinco companheiros. Passam muito tempo em oração pessoal, no ministério pastoral e no estudo da teologia. Ele quer uma sociedade de padres que se afaste da ambição, do luxo, dos benefícios eclesíasticos e que queiram viver em comunidade. Os padres que a sociedade forma serão, muitas vezes, chamados a dirigir os seminários de várias dioceses, o que expandirá o seu pensamento e a sua influência. Bérulle estabelece a obrigatoriedade, para os seus membros, do voto de serviço. Morre em 1629.

Na vida de Bérulle, Deus tem uma centralidade muito grande. Ele não inventa o teocentrismo, mas dá a Deus um lugar central. Nos seus textos existe uma necessidade frequente de exaltar e de adorar a Deus, pois esta atitude parte da constatação da grandeza de Deus. Diante desta grandeza e da imensidão de Deus, o homem faz a experiência do aniquilamento, uma vez que diante d'Ele e comparando-se a Ele, é nada. A alma do cristão fica mais sensível a Deus se permanecer nesta atitude de louvor e de ver em tudo a presença de Deus. É um Deus criador, por isso no uso do dom da vida, devemos servir-nos dela sempre em referência a Deus que incarnou.

O mistério da Encarnação de Cristo é para Bérulle algo essencial, do qual ele falava abundantemente a quem dirigia. Numa linguagem da época, Bérulle tinha o dom de inscrever Jesus nas almas dos cristãos, fazia entrar Jesus nas almas. É na Eucaristia que esta intimidade com Deus acontece, pois, através deste sacramento Jesus incorpora-nos na sua humanidade santa e faz-nos viver Nele e da sua vida, como seus membros e com Ele no Pai<sup>45</sup>. Para Bérulle, Cristo é o termo, o meio e o exemplo de adoração a Deus<sup>46</sup>. Cristo é termo de adoração porque Ele mesmo é a vida, a sabedoria e o poder do Pai, é eterno e igual ao Pai. Porém, este Deus que incarnou e esta união das duas naturezas é, para Bérulle, motivo de exaltação e de adoração. Cristo é meio de adoração porque Ele mesmo é o adorador por excelência do Pai, pela união das duas naturezas numa pessoa, pois Cristo pode oferecer a Deus uma adoração infinita. Bérulle exalta o sacerdócio de Cristo pelo qual Cristo adora continuamente o Pai. Pela participação no Corpo místico de Cristo, o cristão faz suas adorações de Cristo ao Pai. Cristo é o exemplo de adorador, por isso Bérulle pede aos seus discípulos que procurem uma imitação perfeita de Cristo pois, através desta imitação estão a

---

<sup>45</sup> Cf. MOLIEN, A. – Bérulle. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, col. 1553.

<sup>46</sup> Cf. MOLIEN, A. – Bérulle. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 1, col. 1554.

participar na adoração de Cristo ao Pai. Desta imitação, o cristão vai reconhecer que só depende de Deus. A sua atitude deve ser de uma constante oblação, aniquilamento e adoração a Deus no mais profundo da sua alma. Quando existe esta perfeita união entre o cristão e Cristo, este passa a ser tudo na vida do cristão.

Todas as ascetes católicas indicam a renúncia como um meio importante para atingir a união necessária da actividade humana e da graça divina na vida espiritual do cristão. Bérulle acentua bastante a importância da renúncia, só assim a adesão à actividade divina pode ser plena. À alma que busca a perfeição, Bérulle diz-lhe: «*Só Jesus é quem nos leva à plenitude, é necessário unirmo-nos a Jesus como àquele que é o fundo do nosso ser (...) Jesus é a nossa vida, o nosso descanso, a nossa força e o nosso poder para trabalhar*»<sup>47</sup>. A verdadeira união a Cristo dá-se quando já não existe mais do que Cristo a guiar a alma do homem. O que o homem tem de fazer é aderir à vontade divina. Aderir, para Bérulle, consiste em oferecer-se à acção de Deus em nós, é sofrer a acção do homem-Deus em nós, é aderir aos mistérios de Jesus<sup>48</sup>. É necessário um esvaziamento de nós mesmos para que não exista se não Deus a agir em nós. Isto só é possível se começarmos por reconhecer a infinita grandeza de Deus, diante de quem não somos nada. Contudo, não podemos confundir este deixar Deus agir em nós com o quietismo, porque para chegar a esta perfeita adesão é exigida a prática das virtudes Cristãs. O cristão tem de desejar esta adesão, tem de a pedir a Deus. Em seguida tem de abrir a sua alma à acção do Verbo incarnado. Consequentemente, o cristão tem de aderir a esta sua dependência e aniquilar-se diante do Verbo. Estas atitudes levarão o cristão a estar totalmente ao serviço do Verbo incarnado.

Depois da morte de Bérulle, dentro do próprio Oratório, foram aprofundados e valorizados aspectos da espiritualidade de Bérulle conforme a sensibilidade de cada autor. Talvez pela influência da época, onde não era possível conceber a santidade sem nenhuma espécie de mortificação, um dos temas mais aprofundados da espiritualidade de Bérulle foi o aniquilamento e o abaixamento de si mesmo, para que a alma humana seja habitada só por Deus. O sentido destas mortificações não é o sofrimento, mas sim o amor a Deus, o serviço do próximo e a renúncia a si próprio.

O que mais aprofundou esta temática foi o sucessor de Bérulle à frente dos destinos do Oratório, Charles de Condren. Condren aprofunda a temática do abaixamento de si próprio,

---

<sup>47</sup> MOLIEN, A. – Bérulle. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 1, col. 1564.

<sup>48</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves, - *L'école française de spiritualité: Des mystiques, des fondateurs, des courants et leurs interprètes*. Paris: CERF, 1999, p. 190.

sobretudo pela experiência de vida e pela visão platónica<sup>49</sup>. A sua antropologia é pessimista, pois o absoluto de Deus realça o abismo que separa Deus da criatura. Por si mesmo a criatura não consegue chegar a Deus, por isso a Encarnação é necessária. Pelo seu sacrifício, Cristo torna-se o verdadeiro adorador.

Para Condren a eficácia da encarnação depende da adesão a Cristo. Esta adesão a Cristo passa pelo completo aniquilamento de si próprio, pela destruição do “velho Adão” que existe no homem, e por se tornar num instrumento do espírito divino. O abandono ao Espírito é valorizado, mas mesmo aqui é necessária a atenção para que as inspirações interiores não sejam um ecoar da vontade própria. O homem, para Bérulle, é um nada que é exaltado pela sua relação com Deus; para Condren, o homem deve, sobretudo, aniquilar o que ele é. Embora as duas visões não sejam contraditórias, a segunda leva mais facilmente às mortificações, a um olhar mais pessimista sobre o mundo ou a uma maior exigência na radicalidade para uma conversão verdadeira.

### **3.2 João Olier, fundador do Seminário de S. Sulpício**

Libermann depois do seu baptismo e de ter sentido o chamamento de Deus para o sacerdócio, realiza a sua formação sacerdotal no seminário de S. Sulpício. Aqui Libermann recebe não só uma formação teológica, mas sobretudo uma formação sacerdotal segundo a espiritualidade de João Olier, o fundador dos sulpicianos, que tinham como principal objectivo a formação sacerdotal. A espiritualidade de Olier influenciará Libermann nos seus primeiros anos de sacerdote, sobretudo quando se encontra como sub-mestre de noviços dos eudistas. Em algumas das suas inúmeras cartas, Libermann recomenda a doutrina de Olier, nomeadamente a renúncia. «*A renúncia, a humildade, o amor a Deus e a santidade, que as suas (Olier) obras nos levam a inculcar sem cessar*»<sup>50</sup>. Noutras ocasiões apresenta Olier como modelo de perfeição sacerdotal. «*Se vos conservardes na perfeita renúncia e na vida de amor e de união a Nosso Senhor, tereis o espírito sacerdotal em abundância para o comunicar. Considerai Monsenhor Olier e imitai-o. Quando fores como ele foi, tereis a perfeição que Deus vos pede*»<sup>51</sup>. Libermann não recomendaria Olier se não conhecesse a sua doutrina.

João Olier nasceu em 1608 em Paris, o seu pai era nobre e conselheiro no parlamento. É uma criança turbulenta, não tem um bom relacionamento com a sua mãe e é narcisista,

---

<sup>49</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 263-268.

<sup>50</sup> L.S., II, 329.

<sup>51</sup> L.S., II, 280.

gosta de ser o centro de tudo. Isto marcá-lo-á porque, depois da sua infância, viverá com um sentimento de culpa. Aos nove anos vai para Lyon, por motivos de trabalho de seu pai, e é educado com os jesuítas, contudo permanece problemático. Olier foi destinado pela sua família à carreira eclesiástica, foi tonsurado aos onze anos e recebeu alguns títulos. Em 1625 regressa a Paris e o seu pai é nomeado conselheiro de estado, Olier continua a filosofia e a teologia na Suborne. É um aluno brilhante e sua mãe ambiciona para ele a capelania do Rei ou um cargo de grande prestígio. Um dia, em 1629 na feira de S. Germain, encontra uma senhora, Maria Rousseau, que lhe diz que ali não era lugar para um seminarista. Este acontecimento fê-lo repensar na sua condição e deu-se a sua primeira conversão. No ano seguinte vai para Roma a fim de estudar as línguas hebraicas, mas adoece com problemas nos olhos. Faz uma peregrinação à Nossa Senhora de Loreto e fica curado. Aqui dá-se a sua segunda conversão. É uma cura mais interior do que exterior, pois passa a ter um grande desejo interior de oração.

Em 1631 regressa a Paris aquando da morte de seu pai, contudo, não revela à sua mãe a conversão que ele realizou. Começa a viver de forma diferente, sentindo-se atraído pelo trabalho junto dos pobres. A conselho de sua mãe coloca-se sob direcção de Vicente de Paulo que o lança nas missões. É ordenado em 1633.

A sua experiência nas missões de Vicente de Paulo leva-o a considerar as missões como a grande fonte de renovação do cristianismo. Durante uma viagem encontra-se com Agnès de Langeac que era priora das dominicanas contemplativas<sup>52</sup>. Esta mulher vai exortá-lo e iniciá-lo à misericórdia de Deus, uma vez que o convida a uma verdadeira intimidade com Jesus. É ela que o vai orientar até ao Pe. Condren, que será seu director espiritual de 1635 a 1641. Condren incentivá-lo-á a recusar o episcopado e iniciá-lo-á na “escola francesa”. Através de Condren, Olier descobrirá em si a acção do Espírito e removerá os obstáculos à acção do mesmo Espírito. Em 1639 entra numa crise espiritual muito profunda que durará dois anos<sup>53</sup>. Ele pára de pregar, de confessar, não vê outra coisa para além do seu amor-próprio, a que ele chama “a minha soberba”. Olier ultrapassará esta crise quando decide abandonar-se profundamente nas mãos de Deus este seu amor-próprio. Ele aceita, em si mesmo, este limite e esta falha, que desde logo deixa de ser um obstáculo. Entrega-se nas mãos de Deus tal qual ele era. Evolui para um abandono ao Espírito Santo, em vez de

---

<sup>52</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 279.

<sup>53</sup> Cf. NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique : doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 11, col. 738.

procurar corrigir-se a si próprio, é necessário unir-se à humildade de Cristo<sup>54</sup>. A partir daqui Olier dá ao Espírito Santo o primeiro lugar na vida cristã. Ele sente-se livre e tem agora momentos de grande fecundidade espiritual.

Em 1642, torna-se pároco de S. Sulpício onde inicia um seminário. Dá ao seminário uma formação de espírito apostólico e a sua intenção é formar verdadeiros padres que depois sejam capazes de ser verdadeiros evangelizadores. Para ele o padre tem de viver de Cristo<sup>55</sup>. A sua conduta como pároco e como director é exemplar<sup>56</sup>. A partir de 1646 vários bispos começaram a pedir a Olier padres para fundar os seminários diocesanos. Esta era uma das resoluções do Concílio de Trento, a fundação de seminários diocesanos<sup>57</sup>. Depois de ficar doente deixa a paróquia e dedica-se à publicação de obras espirituais e à direcção do seminário. Morre em 1657.

Na sua espiritualidade, Olier segue as mesmas bases da espiritualidade de Bérulle, onde Deus é Deus, a grandeza e a santidade de Deus são uma interpelação ao homem. Este deve responder com a atitude de adoração até à consagração de si mesmo. Olier insiste, de forma singular, na importância do louvor ao Pai pelo Cristo. O cristocentrismo é outro aspecto relevante onde Olier também valoriza o mistério da Encarnação. A adoração torna-se em amor, em desejo e em comunhão. Para ele a vida cristã é a vida de Jesus em nós, tendo como base espiritual a passagem de S. Paulo: «*Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim*» (Gal 2,20). Maria foi o primeiro e mais perfeito exemplo no cristianismo, de alguém que vive em Cristo, por Cristo e para Cristo. Assim sendo, a oração de Olier dirige-se a Jesus vivendo em Maria. A devoção mariana emana naturalmente da contemplação de Jesus.

Esta vida de Jesus em nós é realizada pelo Espírito Santo. O mesmo Espírito que estava presente na Encarnação realiza Jesus em nós. Por isso Olier destaca a importância de apoiarmo-nos nos movimentos do Espírito e de abandonarmo-nos a Ele renunciando à vontade própria<sup>58</sup>.

«O cristão (...) não deve viver segundo a carne, mas segundo o espírito porque no baptismo ele recebeu o Espírito Santo, que veio dentro dele para ser o princípio das suas obras e para retirar à carne a liberdade de o conduzir. É o que nos obriga a reprimi-la e a mortificá-la

---

<sup>54</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 281.

<sup>55</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 286.

<sup>56</sup> Cf. NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 11, col. 738.

<sup>57</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 283.

<sup>58</sup> Cf. NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 11, col. 743.

todas as vezes que ela quer agir, a fim de que o Espírito Santo possa fazer em nós o que ele quer, e nos levar àquilo que ele deseja»<sup>59</sup>.

Olier concede ao Espírito Santo o papel fundamental na oração a Deus, é ele que tem a iniciativa, e que dá aos cristãos as virtudes de Cristo que possibilitam a adesão ao Salvador e amar o seu próximo. Ele recomendava a oração várias vezes ao dia e recomendava aos cristãos estar na vida com um espírito de oração contínua. Para os padres era essencial pois, através da oração, Deus vive no homem e ela é a fonte da caridade. A oração pessoal consistia sobretudo numa adoração silenciosa e humilde, sem esforço humano para impor a Deus os seus próprios pensamentos ou intenções. A única vontade que deve existir é a de deixar o espírito agir<sup>60</sup>.

A renúncia à vontade própria é uma dimensão importante na vida espiritual de Olier. O sacrifício de Jesus é a obra de Deus por excelência. Por isso é essencial na vida cristã o sacrifício que se vive em Cristo através da renúncia total. Ao imitarmos Cristo devemos, sobretudo, imitá-lo no aniquilamento de si mesmo, a fim de realizar a vontade do Pai<sup>61</sup>. Ao renunciar à vontade própria estamos a aderir ao Espírito Santo.

Vários são os autores que fazem referência à proximidade da espiritualidade de Olier e de Libermann. Noye e Dupuy dizem que Libermann é o eco mais fiel da doutrina de Olier<sup>62</sup>. Henri Dubreil diz que a maior originalidade de Libermann, naquilo em que se aproxima ou segue Olier, está no ser fielmente e totalmente discípulo de Olier<sup>63</sup>. Porém, desde que Libermann sai de Rennes deixa de fazer referência a Olier.

### **3.3 S. João Eudes, fundador dos eudistas**

Entre 1837 e 1839, Libermann é indicado pelos formadores de Issy ao Superior Geral dos eudistas, Luis de la Morinière, que passou por Paris com a intenção de recrutar pessoal que o ajudasse a refundar a congregação em França. Libermann inicia o noviciado em Rennes como simples noviço mas rapidamente é-lhe confiada a função de “mestre de noviços”. Para desempenhar estas funções teve de aprofundar os seus conhecimentos sobre S. João Eudes e os seus escritos. Assim, o contacto de Libermann com a espiritualidade de Bérulle deu-se também pela forma simples e adaptada às necessidades da acção pastoral que João Eudes lhe ofereceu.

---

<sup>59</sup> DUBREIL, Henri – *Le disciple de Monsieur Olier*. In *Spiritus: supplément*. Paris: [s.n.], 1965, p. 227.

<sup>60</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 290.

<sup>61</sup> Cf. NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 11, col. 742.

<sup>62</sup> Cf. NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 11, col. 750.

<sup>63</sup> Cf. DUBREIL, Henri – *Le disciple de Monsieur Olier*, p. 226.

João Eudes nasceu em 1601, no interior de Argentan (França), numa família muito cristã. A sua formação é realizada com os jesuítas em Caen. Aos vinte e dois anos de idade entra no Oratório. As virtudes e os ensinamentos de Bérulle marcam profundamente Eudes<sup>64</sup>. Dois anos depois é ordenado sacerdote. Entre 1627 e 1631 é enviado para Caen para se ocupar das vítimas da peste e dos pobres, com quem vive no meio de um campo. De 1631 e 1676 é o período das “missões”. Ele realizará mais de cem e neste tempo valorizará muito o acompanhamento espiritual e constatará a débil formação espiritual e pastoral dos sacerdotes. Em 1641, funda a congregação de Nossa Senhora do Refúgio que acolhia as prostitutas e as ajudava a levar uma vida cristã. Em 1643, João Eudes deixa o Oratório para fundar um seminário em Caen e assim se dá o início da Congregação de Jesus e Maria (eudistas). Os seus principais objectivos eram os seminários e as “missões”. Rapidamente os eudistas tomaram conta da direcção de vários seminários. Na congregação destacava-se a grande devoção ao Coração de Jesus e de Maria. Morre em 1680.

A sua vivência espiritual parte da experiência de que é Deus quem ama em primeiro lugar. O amor de Deus é o início e o fim de todas as realidades. O amor do Pai deseja que Cristo seja tudo em todas as coisas. Cristo Incarnou para nos dar a vida, o amor do Pai. A nossa vida deve então corresponder a este amor através de uma submissão amorosa à vontade de Deus. A renúncia consiste neste movimento de amor, onde não nos afastamos só daquilo que nos opõe a Cristo. A nossa renúncia completa em nós a renúncia vivida pelo Filho amado<sup>65</sup>. A nossa vida cristã deve ser vivida em união e louvor às actividades do Filho de Deus. Toda esta ascese é obra do Espírito de Jesus a quem devemos ser fiéis.

O elemento da espiritualidade de Eudes que mais se destaca é a sua devoção ao Coração de Jesus e de Maria. Sendo considerado pelo Papa Pio X o “Doutor do Sagrado Coração”. Para Eudes a palavra coração tem três sentidos: o sentido corporal; o simbolismo da interioridade e do amor; o coração divino, que é o coração do nosso coração, ou seja, o próprio Deus em nós. Ele aplica a linguagem do coração, em primeiro lugar, em relação a Maria porque Ela é o modelo perfeito da vida de Jesus no homem onde a união e a comunhão de vida é plena. Maria vive da vida de Cristo e Cristo permanece nela, assim como ela permanece nele, e não são mais do que um só. No coração de Maria contemplamos Jesus que é o coração do seu coração e o único princípio da vida dela<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> Cf. GAUTIER, Jean – *L'esprit de l'École française de spiritualité*. Paris: Bloud & Gay, 1936, p. 30.

<sup>65</sup> Cf. MILCENT, Paul – Jean Eudes. In *Dictionnaire de spiritualité : ascétique et mystique : doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 8, col. 495.

<sup>66</sup> Cf. MILCENT, Paul – Jean Eudes. In *Dictionnaire de spiritualité*. vol. 8, col. 498.

A devoção ao coração de Jesus é, em primeiro lugar, ao coração de carne, que é quebrado pela força do amor de Cristo na Cruz. Porém, no centro do Coração de Jesus está o Amor incriado que é o próprio Deus que nos ama através do coração de um homem, Jesus. O Coração de Cristo é o centro de tudo porque é onde Deus encontra e ama a criação.

A devoção ao coração de Maria e de Jesus vem na continuidade do pensamento de Bérulle e mesmo de Olier que rezam a “*Jesus vivendo em Maria*”. Esta devoção é, para Eudes, o reflexo do realismo da Encarnação onde a relação de amor existente entre o Pai e o Filho se revela aos homens<sup>67</sup>. Para Eudes esta devoção tem consequências práticas, sobretudo na caridade. João Eudes também se deixou habitar e dinamizar pelo Coração de Deus, que é Cristo. Foi este coração que o conduziu até ao seu próximo necessitado. Foi este coração que o lançou, sem descanso, pelos caminhos da missão. Foi este coração que lhe permitiu situar o seu carisma e a sua missão entre a miséria do homem e o Amor de Deus que quer que todo o homem se salve.

---

<sup>67</sup> Cf. KRUMENACKER, Yves - *L'école française de spiritualité*, p. 300 -301.

## CAPITULO II – ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE LIBERMANN

A experiência que cada cristão faz de Deus é pessoal e comunitária. Não diminuindo a importância da dimensão comunitária, mas a dimensão pessoal é única em cada cristão. O dom da fé concedido a cada um de forma gratuita por Deus é vivenciado de forma irrepetível por cada cristão.

Na caminhada de fé que cada um percorre vários são os acontecimentos e experiências que são meios pelos quais Deus se serve para nos guiar e conduzir. É um caminho com várias etapas, mas com o mesmo objectivo: a santidade de vida, a plena comunhão com Deus.

Libermann percorreu o seu caminho de experiência com Deus. Caminho esse com vários percalços e dificuldades que teve de ultrapassar. Contudo tudo isso faz parte de um crescimento verdadeiro na fé. As próprias dificuldades são um convite á mudança e ao crescimento espiritual. Libermann sempre as encarou como instrumento de Deus para que ele se configure á vontade divina e ao próprio Cristo.

Este capítulo encontra-se dividido em cinco pontos. Cada um deles corresponde a uma etapa no crescimento espiritual de Libermann. Tenta-se descrever a experiência de Libermann sobretudo pela referência aos seus textos.

É importante referir que o quinto ponto apresenta só alguns aspectos mais relevantes desse período da vida de Libermann. Uma vez que, se fosse apresentar a todos, tornaria o trabalho mais pesado e longo. Julgo ser os momentos mais importantes dessa sua fase da vida e que de certa forma resumem bem a sua experiência espiritual.

### **1. A conversão**

Assim como relatamos no ponto 2.2 do capítulo anterior, nas influências do judaísmo na vida de Jacob Libermann, apontamos ao mesmo tempo o percurso da sua vida até aos vinte anos. Este é o tempo em que Jacob Libermann tem a sua experiência de Deus mediante a fé judaica. O ambiente era intriguista e fechado, onde as ideias da modernidade não penetravam. O seu processo de conversão iniciar-se-á aquando da sua partida para Metz. Esta é a reflexão que o próprio Libermann fará, dois anos antes da sua morte, ao Pe. Gamon, quando lhe faz um relato da sua conversão: «*Tinha cerca de vinte anos quando aprouve a Deus começar a obra*

*da minha conversão»*<sup>68</sup>. É neste afastar-se do meio familiar e religioso no qual tinha sempre vivido que Libermann identifica a acção do Espírito Santo no processo da sua conversão.

Neste ponto iremos realçar um conjunto de factos, de circunstâncias e de pessoas que irão, aos poucos, preparar o caminho do encontro de Libermann com Cristo. Não foi de um momento para o outro, não foi de uma forma prevista que Cristo surgiu na vida de Libermann. Aliás, a sua vida vai-se desenvolvendo num desenrolar de imprevistos, onde Libermann vive a experiência da docilidade ao Espírito Santo e do total abandono à vontade de Deus.

### **1.1 Metz, o encontro inesperado com a dúvida**

Até aos vinte anos Libermann recebe a sua formação rabínica junto de seu pai. Depois do seu irmão mais velho, Sansão, ter decidido ser médico em vez de rabino, tal como o seu pai desejara, é sobre Jacob Libermann que recai o desejo de Lázaro Libermann de que um filho seu lhe suceda à frente da Sinagoga de Saverne. Vendo o empenho, a inteligência e a espiritualidade de Jacob, o seu pai decide enviá-lo a Metz, com o intuito de Jacob obter o diploma de rabino, que desde o Consistório de 1820 deixou de ser possível obter, a não ser em escolas talmúdicas oficiais.

Na sua viagem para Metz, Libermann faz uma visita ao seu irmão Sansão. Este, quando sai de Saverne para estudar, começa a interessar-se pelas línguas e pelos autores modernos, depois de descobrir a sua verdadeira vocação como médico e de se ter casado com uma judia, Elisabete. Aos poucos começa a afastar-se da prática judaica e a ficar sensível à mensagem de Cristo. Em 1822, ele e a sua mulher, lêem em conjunto o evangelho emprestado por um vizinho luterano e esta leitura muda a sua vida. Embora permanecendo judeus, o seu processo de conversão começa a desenvolver-se rapidamente. Serão baptizados em 1825. Sansão será o primeiro dos irmãos a converter-se ao catolicismo. Quando Libermann o visita no caminho para Metz (1822), Sansão não procura questionar a fé de Jacob, somente partilha com ele a sua opinião de que os rabinos se deveriam abrir à cultura moderna e deixar todas as superstições talmúdicas<sup>69</sup>. Apesar de Jacob ter uma grande admiração e respeito pelo seu irmão mais velho, nada nos indica que esta partilha tenha tido qualquer tipo de eco em Jacob Libermann.

Quando Libermann partiu para Metz o seu pai deu-lhe duas cartas de recomendação para dois dos seus amigos que eram professores na escola rabínica: Brucken e Worms. O

---

<sup>68</sup> N.D., I, 61.

<sup>69</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 32.

contacto de Libermann com estes dois israelitas será uma grande decepção. Brucken era um homem conceituado mas fanático e ambicioso. Esta postura de Brucken repugnará a Jacob. Diz ele: «(...) recebeu-me com uma altivez e um desdém que me feriram profundamente e me levaram, desde os primeiros dias, a nem querer vê-lo mais»<sup>70</sup>. Worms era o director da Escola talmúdica muito respeitado pelo seu profundo conhecimento do Talmude. Como Libermann começou a estudar outras línguas para além do Hebraico, Worms não ficou satisfeito com esta ousadia do jovem. «Embora no princípio não tenha censurado abertamente, começou (Worms) a mostrar-se duro e preconceituoso para comigo, a tratar-me com maus modos e a falar-me sempre mal-humorado»<sup>71</sup>. A impressão com que ficou destes dois rabinos será para Jacob uma experiência contrária àquela que ele viveu com o seu pai. Ele fica desiludido com o tratamento recebido destes dois representantes do judaísmo, esta sua desilusão contribuirá para o seu afastamento do judaísmo e a perda de uma visão perfeita da religião judaica que ele possuía até este momento.

Em Metz, Libermann dá-se conta das divisões existente no judaísmo, onde existiam duas visões diferentes. Uns defendiam uma abertura à cultura moderna e à sociedade actual. Um outro grupo, mais fanático, defendia um forte apego às tradições. As atitudes deste segundo grupo questionam o jovem Jacob, «ficou desgostoso e escandalizado com prescrições ridículas acrescentadas pelos rabinos à Lei de Moisés e penitências incríveis que aplicavam por causas insignificantes»<sup>72</sup>. Na própria Escola de Talmude era frequente os professores envolverem-se em confrontações menos adequadas, na defesa das suas ideias<sup>73</sup>. Contudo, esta sua desilusão com o judaísmo que encontrou em Metz, não implicava a sua conversão ao cristianismo. Aos poucos Libermann vai perdendo a fé no sobrenatural, vai questionando a eleição do Povo de Israel. O judaísmo apresenta-se-lhe como uma religião fechada sobre ela mesma e incompleta<sup>74</sup>.

Neste âmbito, Libermann vai dando mais atenção ao estudo do francês e do latim, em detrimento do estudo das matérias do Talmude, estudando só o essencial para não passar por ignorante<sup>75</sup>. Esta desorientação de Libermann fê-lo «cair rapidamente numa tristeza profunda (...) até então, tinha vivido no judaísmo de boa fé e sem suspeitar do erro; nessa altura cai numa espécie de indiferença religiosa que, em poucos meses, deu lugar a uma ausência

---

<sup>70</sup> N.D., I, 61.

<sup>71</sup> N.D., I, 62.

<sup>72</sup> N.D., I, 81.

<sup>73</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 35.

<sup>74</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 61.

<sup>75</sup> Cf. N.D., I, 62.

*completa de fé*»<sup>76</sup>. Neste momento Jacob lê o *Émile* de Rousseau, que tem sobre ele um efeito benéfico, uma vez que foi um contributo positivo para a sua conversão.

Em Julho de 1825, Jacob recebe a notícia da conversão do seu irmão Sansão, conversão que fará Jacob questionar-se. No início Jacob critica a apostasia do seu irmão, argumentando que ele tomou aquela decisão sem pensar no bem da família e só pensando na sua promoção social. Contudo, esta conversão faz Jacob reflectir, e pela troca de correspondência entre Jacob e Sansão vamos percebendo o evoluir da dúvida de Jacob<sup>77</sup>. Sansão não duvida da influência que teve a sua própria conversão sobre a de Jacob, diz ele: «*a influência que sempre exerci sobre ele, era, não tenho dúvidas, um dos principais meios pelos quais o Senhor se serviu para chamá-lo*»<sup>78</sup>.

A família sempre teve uma importância muito grande na vida de Jacob, não foi pelo facto de o seu irmão ter mudado de religião que Jacob deixou de o amar. Em 1826, Jacob toma conhecimento do Baptismo dos seus irmãos, Félix e Samuel, que o marca bastante. Pode, então, supor-se que por se encontrar mais sensível à graça de Deus, a conversão dos irmãos provoca em Jacob uma maior ressonância, «*isso comoveu-me até ao fundo da alma*»<sup>79</sup>. Jacob amava muito a sua família mas, o normal na psicologia judia seria Jacob amar mais o pai, no entanto, neste momento o pai representa para ele o judaísmo do qual ele estava a afastar-se. Assim a perspectiva de lamento do pai resultava numa grande angústia interior. Segundo Blanchard «*o equilíbrio das motivações afectivas não podiam mantê-lo se não numa indeterminação*»<sup>80</sup>.

Seguindo o relato do próprio Jacob ao Pe. Gamon, ele realça a importância que teve a leitura do Evangelho de Jesus Cristo. Um colega de Jacob mostra-lhe um livro escrito em hebraico sem pontuação, que ele não conseguia ler, e pediu a Libermann que o ajudasse: «*Fiquei muito impressionado com essa leitura*»<sup>81</sup>. Apesar de estar longe da fé cristã, agrada-lhe muito ler o evangelho, contudo, continua com grandes dúvidas quanto aos milagres realizados por Jesus. Outra leitura que contribui no processo da sua conversão é a leitura do *Émile* de Rousseau. A carta que Jacob escreve a seu irmão, em Janeiro de 1826<sup>82</sup>, está

---

<sup>76</sup> N.D., I, 62.

<sup>77</sup> Cf. N.D., I, 51-55.

<sup>78</sup> N.D., I, 51.

<sup>79</sup> N.D., I, 63.

<sup>80</sup> BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 64.

<sup>81</sup> N.D., I, 63.

<sup>82</sup> Cf. N.D., I, 51-55.

impregnada das ideias de Rousseau: excelência da moral natural, a necessidade de seguir a consciência pessoal, a igual inutilidade de todas as religiões. Escreve ele:

«Deus deu-nos a faculdade de pensar não para a mantermos inactiva, mas para fazermos uso dela. Se o homem tiver de deixar entorpecer o seu espírito, se tiver que se entregar cegamente às candeias que lhe apresenta a religião, qual a diferença entre ele e uma besta? A religião faria do homem o que a natureza faz do animal. (...) Depois destas considerações, alicercei a minha religião sobre a minha própria razão, e não vejo nisso nenhum crime mesmo que me engane em algumas de minhas máximas, contanto que não prejudique o meu próximo»<sup>83</sup>.

Nesta carta vemos a dúvida por que passa Jacob. Mas a leitura de Rousseau em vez de o fazer duvidar ainda mais, fê-lo colocar, de forma crítica, o problema da divindade de Cristo. O encontro com a modernidade fez abalar a sua fé, contudo Jacob não deixou de procurar, mesmo no meio da dúvida racionalista<sup>84</sup>. «*No seguimento desta dupla leitura do Evangelho e do Émile, a divina figura de Nosso Senhor Jesus Cristo elevou-se no horizonte de Jacob Libermann*»<sup>85</sup>.

Um nome inseparável da conversão de Jacob é David Drach, um rabino filho de rabino e casado com a filha do grande rabino de Paris, convertido ao cristianismo em 1823. Drach era zeloso na conversão dos seus compatriotas e teve uma grande influência na conversão de vários irmãos de Libermann<sup>86</sup>. No relato de Gamon, Libermann revela-nos que tinha um amigo que partilhava as suas dúvidas e disposições, este aconselhou-o a ir a Paris a fim de se encontrar com Drach. «*A proposta agradou-me; dei-lhe pleno assentimento*»<sup>87</sup>. Nem todos os relatos da conversão de Libermann apontam a esta motivação no que diz respeito à sua ida para Paris. Da confrontação feita por Blanchard, conclui-se que não existem contradições, mas antes que todos os seus irmãos e amigos se unem de forma favorável, para levarem Jacob ao encontro com Cristo. No centro desta “conspiração mística” está Drach que admira bastante este jovem judeu<sup>88</sup>. A correspondência entre os dois estreita-se, contudo não possuímos exemplares destas cartas. Jacob tinha grande confiança em Drach para seguir os conselhos que este lhe vai dando. A graça de Deus vai, aos poucos e poucos, trabalhando o coração de Jacob, e tudo se vai desenrolando de forma não prevista.

---

<sup>83</sup> N.D., I, 52.

<sup>84</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 54.

<sup>85</sup> N.D., I, 100.

<sup>86</sup> Cf. N.D., I, 56.

<sup>87</sup> N.D., I, 63.

<sup>88</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 67.

Para Jacob se deslocar a Paris necessitava da autorização de seu pai. Enviar-lhe uma carta seria a maneira de obter a recusa de forma mais evidente, até porque as informações que Lázaro ia tendo da estadia de seu filho em Metz não eram as mais favoráveis. Jacob decide então ir a Saverne pedir a permissão de viajar para Paris. No mesmo dia em que chega à casa paterna, depois de umas horas de descanso, Lázaro Libermann chama Jacob para lhe fazer um aprofundado exame sobre o Talmude. Este exame permitira-lhe esclarecer as dúvidas que tinha sobre os estudos e os maus caminhos que supostamente Jacob andaria em Metz. Jacob temia o exame porque se tinha descuidado no estudo do Talmude. A primeira pergunta foi das mais complicadas que se poderia fazer. «*No entanto mal ouvi a pergunta, uma luz abundante me ilumina e mostra tudo o que devia dizer*»<sup>89</sup>. Assim Jacob supera o exame com distinção, os dois ficam surpreendidos, mas seu pai ainda mais porque se dissipam todas as suas dúvidas sobre o filho. Graças à distinção com que realiza o exame, é com facilidade que Jacob obtém a autorização de realizar a viagem a Paris.

## 1.2 Paris, o encontro com Cristo

Jacob Libermann vai para Paris em Outubro de 1826. Fica em casa de seu irmão Félix, que se tinha convertido há pouco tempo, mas que impressiona Jacob por ver «*a felicidade de que gozava. Mesmo assim estava longe de me (Jacob) sentir mudado e convertido*»<sup>90</sup>. A felicidade que Jacob encontra em casa de seu irmão Félix é a felicidade que Jacob tinha perdido. Este encontro com a verdade é em primeiro lugar experimental. O seu pai tinha-lhe dado uma carta de recomendação para o rabino Deutz, porém Jacob só a entregará algum tempo mais tarde. A sua primeira visita será a David Drach. Este percebe, desde o primeiro encontro, que Jacob é já um coração cativado por Jesus Cristo<sup>91</sup>. Drach era um convertido muito fervoroso que se empenhava na conversão dos judeus. Sempre que deslumbrava uma luz de Cristo num judeu, Drach empenhava-se para o trazer a Cristo.

Alguns podem pensar que Drach tenha exercido grande pressão e forçado a conversão de Jacob. Jean Gay, no seu livro, justifica essa aparente atitude, «*se ele (Drach) dava por vezes a impressão de querer queimar etapas, era porque ele sentia próximo o momento onde brilharia a grande luz*»<sup>92</sup>. Não faz esse queimar de etapas no sentido de sentir que Jacob se aproximava de Cristo e da sua conseqüente “conversão”. Entretanto, Drach consegue um

---

<sup>89</sup> N.D., I, 64.

<sup>90</sup> N.D., I, 65.

<sup>91</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 55.

<sup>92</sup> GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 53.

lugar no Colégio Stanislas para Jacob. «*Deram-me um quarto e, para ler, a história da Doutrina Cristã escrita por Lhomond, bem como a História da religião, do mesmo autor, e deixaram-me sozinho. Este momento foi extremamente penoso para mim*»<sup>93</sup>. Quando se encontra sozinho no seu quarto, Jacob sente-se só e abandonado, uma grande tristeza o envolve. Está longe do seu meio, da sua família e das suas referências. É neste momento que coloca tudo em dúvida, nem o judaísmo nem o cristianismo o fazem ter certezas. Esta crise de solidão e de profunda tristeza é, para Jacob, uma experiência de abandono. Aqui ele tem a experiência de que para seguir Cristo é necessário um total abandono à sua vontade. Este abandono não é fácil uma vez que provoca uma «*tristeza profunda (...) e uma penível melancolia*»<sup>94</sup>. Contudo, é a experiência do abandono que permitirá a Jacob viver a acção do Espírito Santo na sua pessoa. Nesta atitude de dúvida e de falta de certezas, Jacob está livre para tomar uma decisão e fá-lo-á através da oração.

Segundo o relato de Gamon<sup>95</sup>, Jacob abalado por esta tristeza e incerteza coloca-se de joelhos e dirige ao “Deus de seus Pais” uma intercessão profundamente bíblica, mas é também uma intercessão de alguém que está em desespero e intercede a Deus que o ilumine nesta sua busca da verdade.

«Foi então que, recordando-me do Deus de meus pais, me lancei de joelhos e O conjurei que me esclarecesse acerca da verdadeira religião. Pedi-lhe que se a fé dos cristãos fosse verdadeira, mo desse a conhecer, mas, se fosse falsa, me afastasse dela de imediato. O Senhor que está perto de quantos O invocam do fundo do coração, escutou a minha oração. Fui prontamente esclarecido e vi a verdade: a fé penetrou o meu espírito e o meu coração»<sup>96</sup>.

A oração de Jacob permanece dirigida ao Deus de seus pais. Por isso, tornando-se cristão, o judeu Jacob não muda de Deus, mas mais que uma ruptura realiza um aprofundamento da sua fé judaica. Tal como S. Paulo, Jacob não realiza uma conversão a Deus, mas antes uma conversão a Cristo<sup>97</sup>. Neste momento o jovem Jacob é alcançado por Cristo que, desde algum tempo, vinha preparando o seu coração para O receber.

Jacob estava envolvido por dúvidas mas, pela intervenção de Deus, é esclarecido de todas as suas dúvidas e imediatamente acredita nas verdades que lhe são apresentadas, quer pela leitura do evangelho, quer pela leitura de Lhomond. Mediante estas leituras, o próprio Jacob diz-nos que, facilmente aderiu a tudo o que diz respeito à vida e morte de Jesus Cristo.

---

<sup>93</sup> N.D., I, 65.

<sup>94</sup> N.D., I, 65.

<sup>95</sup> Cf. N.D., I, 58-72.

<sup>96</sup> N.D., I, 65-66.

<sup>97</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 55.

Também o mistério da Eucaristia não apresentava nenhuma dificuldade à fé de Jacob<sup>98</sup>. Os judeus que se convertiam tinham uma grande dificuldade em acreditar no mistério da Eucaristia como prolongamento do mistério da Encarnação<sup>99</sup>. Com esta experiência de conversão, Jacob está de todo o coração e no fundo do seu ser seduzido por Cristo. Ele acredita no Deus de seus Pais, no Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, no Deus de Jesus Cristo. Todo o seu percurso de conversão é relativamente curto, cerca de um mês depois da sua chegada a Paris. Mas, apesar de todas as influências que ele tem para se converter, é o próprio Deus que o converte.

Na sequência deste acontecimento fundamental da sua vida, Jacob pede o baptismo. Nas seis semanas seguintes, Jacob recebe a preparação e, no dia 24 de Dezembro de 1826, na capela do Colégio Stanislas, recebe o baptismo administrado pelo director do Colégio o Pe. Augé. No baptismo, Jacob recebe o nome de Francisco Maria Paulo Libermann<sup>100</sup>. Durante a celebração do baptismo Libermann tem uma profunda experiência da acção do Espírito. Nos vários textos onde Libermann relata aos seus condiscípulos a sua experiência, podemos verificar o carácter místico desta experiência.

«Ah!... dizer-vos o que eu senti nesse momento solene, é-me impossível. Quando a água santa deslizou sobre a minha fronte, parecia-me que estava no meio de um imenso globo de fogo; já não vivia mais da vida natural; não via nada, não ouvia nada do que se passava à minha volta; aconteciam em mim coisas impossíveis de descrever. Isto aconteceu durante uma parte da cerimónia»<sup>101</sup>.

O que chama mais a atenção, no relato de Libermann descrito a Vernhet, não são os efeitos psico-sensoriais que podiam ser explicados pelas emoções pessoais, mas antes a referência à não dependência da vida natural e o simbolismo da bola de fogo que o envolve<sup>102</sup>. Esta é a imagem a que frequentemente os místicos e os homens da Bíblia recorrem para exprimir a presença e a acção de Deus no homem. Esta experiência representa para Libermann a descida do Espírito de Deus sobre si mesmo. Doravante a consciência da presença deste mesmo Espírito será fundamental para o seu itinerário espiritual.

Quando Libermann medita sobre o encontro de Nicodemos com Jesus escreve: «*Após o nosso baptismo, o Espírito Santo habita em nós de uma maneira viva e vivificante; está em nós a fim de ser, em nós, o princípio de todos os movimentos da nossa alma. A nós, deixar-*

---

<sup>98</sup> Cf. N.D., I, 66.

<sup>99</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 74.

<sup>100</sup> A partir deste momento iremos nos referir a Jacob Libermann, simplesmente com o nome de Libermann.

<sup>101</sup> N.D., I, 90.

<sup>102</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 76.

*nos impressionar e influenciar por Ele»<sup>103</sup>. Pelo baptismo o Espírito habita em nós, tal como diz S. Paulo «o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós» (1Cor 6,19) mas, para Libermann nada é automático, ou seja, apesar de o Espírito estar em nós, cabe a cada um deixar o Espírito Santo agir em si mesmo. Este deixar agir passa pela atitude de remover todos os obstáculos a esta acção.*

A partir do baptismo, Libermann é um homem completamente incendiado pelo fogo ardente do amor do Espírito. Esta experiência realiza algumas mudanças em Libermann, nomeadamente no que diz respeito a algumas ideias judaicas, a sua visão de Maria<sup>104</sup> e a roupa eclesiástica. Libermann sente a mudança ao nível psicológico, as suas incertezas e os seus medos desaparecem. Depois do baptismo possui uma coragem e uma força invencível para ser um verdadeiro cristão<sup>105</sup>. A certeza absoluta de fé que se estabelece na sua pessoa dá-lhe uma força invencível que penetra a sua vontade e animará toda a sua vida. Libermann está verdadeiramente agarrado a Cristo. Agora nenhum obstáculo o fará desviar do seu caminho de amor a Deus. No dia do seu baptismo, nasce em Libermann o desejo de corresponder à acção de Deus na sua vida através do sacerdócio. A conversão de Libermann foi uma conversão total, ou seja, a entrada em Deus, a fixação da vida Nele, a conversão à santidade, uma verdadeira e definitiva consagração.

Ao longo do ano de 1827, Libermann realiza os seus estudos no Colégio Stanislas. Deste tempo temos poucas informações, porém, sabemos que Libermann tinha dificuldades ao nível das línguas, é fraco em Latim e ainda não está à vontade com o francês. A sua saúde também não é robusta, a emoção da sua conversão e o tempo de interrogação precedente deixaram-no muito cansado e o seu organismo ressentiu-se. A nível espiritual, Libermann sente que não tem sido fiel como desejaria à graça de Deus. Mas a sua estadia foi envolta em muitas questões, principalmente relativas ao seu futuro. Porém, em Julho de 1827, o arcebispo de Paris pede que o seminário do Colégio Stanislas seja só para os estudantes destinados às missões de França. Libermann não sente que o Espírito o chame à vocação missionária<sup>106</sup>. Drach consegue junto do arcebispo de Paris uma bolsa de estudo para Libermann no seminário de S. Sulpício.

---

<sup>103</sup> C.S.J., 119.

<sup>104</sup> Cf. N.D., I, 98-99.

<sup>105</sup> Cf. N.D., I, 66.

<sup>106</sup> Cf. N.D., I, 76.

## **2. O caminho do sacerdócio barrado**

Libermann inicia o seu percurso de preparação para o sacerdócio no seminário de S. Sulpício. Contudo, os planos de Deus não são tão previsíveis como Libermann achava. Um percurso de abandono a Deus, de despojamento da vontade própria e de total disponibilidade à acção do Espírito Santo, inicia-se com a sua doença. Na própria linguagem de Libermann é um muro que se coloca na caminhada.

Ao longo deste caminho Libermann vai sendo moldado pelo Espírito a fim de ser o homem de Deus que a Igreja precisava. A experiência da doença e o testemunho de vida que Libermann nos dá são fortes. O coração torna-se humilde e pobre, porque não possui nada se não Deus.

No meio da indefinição e da dúvida do seu futuro, Libermann tem de testemunhar o ardor interior que possui. Nos “bandos de piedade” que ajuda a formar no seminário de Issy, ele adquirirá uma experiência de director espiritual notável que lhe será muito proveitosa no momento em que estará à frente da Congregação.

### **2.1 Em S. Sulpício encontra um “tesouro”**

S. Sulpício é o seminário onde se encontra a elite clerical da época, foi um dos primeiros seminários a reerguer-se depois da Revolução Francesa. Em 1827, a sua influência estendia-se para lá das fronteiras francesas. Ele é responsável pela formação de um grande número de clero desta época e sobretudo de formadores de seminários que posteriormente foram criados em diversas dioceses.

#### **2.1.1 Estadia em S. Sulpício**

Libermann chega a S. Sulpício em Outubro de 1827. Esta mudança foi um tempo de graça para ele, uma bênção<sup>107</sup>. Ele sentia-se bem e admirava o acolhimento que lhe foi dado, o silêncio da casa e o testemunho da caridade que existia no seminário.

No início do ano 1828, Libermann recebe uma carta muito dura de seu pai. Até há pouco tempo, Libermann tinha conseguido esconder do pai a sua conversão, porém, o rabino de Saverne toma conhecimento da mudança de religião de mais um filho, o que lhe iria suceder. Então, Lázaro Libermann escreve uma carta a seu filho cheia de blasfémias contra a religião cristã, maldizendo os seus filhos convertidos e onde exprimia a sua fúria para com o

---

<sup>107</sup> Cf. N.D., I, 86.

seu filho em quem ele tinha tantas esperanças. A partir desse momento, Lázaro Libermann considerava o seu filho como um homem morto, cortado da família. Este foi um acontecimento extremamente duro para Libermann. Jean Gay aponta esta carta como origem da instabilidade emocional e nervosa que levará Libermann à crise epiléptica em Março de 1829<sup>108</sup>. Contudo, Libermann entrega-se à oração e nela encontra a força e a paz necessária para a sua vida. O seu espírito e o seu coração só tinham um objectivo, o amor de Deus, e a sua força só vinha da acção do Espírito. A sua simplicidade, a sua discrição e o seu apagamento diante dos outros, começam a fazer com que no seminário se comece a ter uma atenção especial para com este jovem. Era com simpatia que falava com os outros e estava sempre disposto a falar do Bom Deus a quem o questionasse.

No início do ano escolar de 1828-29, Libermann é escolhido pelos seus colegas para fazer parte da Associação do Sagrado Coração<sup>109</sup>, que tinha só nove membros. A escolha de Libermann para este serviço é revelador da confiança e admiração que os seus colegas tinham por ele. Este é também o ano em que Libermann se prepara para receber o sub-diaconado. Com fervor e trazendo tudo para a sua oração pessoal, continua o estudo da teologia. Tudo o que ele faz é habitado pela presença de Deus.

### 2.1.2 A crise epiléptica

Na véspera de receber o sub-diaconado, Março de 1829, Libermann sofre uma forte crise epiléptica que o deixa em grandes dificuldades. A grande consequência deste imprevisível ataque é a impossibilidade de ser ordenado. Depois de alguns anos de preparação, eis que na véspera de um grande passo no caminho ao sacerdócio, tudo parece cair por terra. Ao longo do ano de 1829, Libermann terá três fortes crises epilépticas.

O nosso objectivo aqui não é fazer um retrato da sua doença<sup>110</sup> ou das causas<sup>111</sup>, mas antes a maneira como Libermann viveu e integrou a doença na sua espiritualidade. Contudo, vale a pena referir as suas principais doenças: crises nervosas e epilépticas entre 1827 e 1838, depois da fragilidade nervosa contínua, em 1842 começa a ter problemas gastrointestinais que serão a causa da sua morte.

Libermann estava consciente do seu estado de saúde. Mas a sua doença não foi um momento de tristeza ou de rancor para com Deus. Pelo contrário, a doença foi o lugar onde ele

---

<sup>108</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 67.

<sup>109</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 69.

<sup>110</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 86-97.

<sup>111</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 105-111.

exterioriza a sua santidade e a sua união prática com Deus. Tudo isto se verifica na maneira de acolher a doença e de se relacionar com Deus.

Mas como reage Libermann perante a doença? Pelos testemunhos recolhidos junto daqueles que, com ele viveram ou que mesmo se ocuparam dele durante as suas crises, podemos verificar como reagia Libermann durante as crises epiléticas. Na maioria dos testemunhos o que se destaca mais é a serenidade que transmitia com o seu rosto. Os primeiros a ficarem admirados eram os médicos que não conseguiam compreender o porquê de tanta calma e serenidade no doente<sup>112</sup>. A maioria dos doentes epiléticos expressa uma fisionomia de grande sofrimento. Os seus companheiros de seminário ficavam igualmente admirados com tal serenidade. «*Eu estava ao seu lado chorando e rezando, enquanto o assistíamos, e eu admirava sobretudo a calma inefável do seu rosto e do seu olhar*»<sup>113</sup>. Quando recuperava os sentidos depois dos ataques, a sua cara tornava-se pacífica e sorridente. As suas primeiras palavras eram de agradecimento para aqueles que o tinham ajudado. Estes testemunhos revelam um carácter sobrenatural na reacção de Libermann, uma vez que é pouco comum tal reacção<sup>114</sup>.

Libermann é indiferente às humilhações a que as crises o submetem. Em S. Sulpício e em Issy, alguns alunos, com alguma naturalidade, desprezavam-no e sentiam alguma repugnância pela sua doença<sup>115</sup>. Neste seminário a maioria dos alunos eram da elite social. Para aqueles que o curavam, era uma tarefa difícil a cumprir, «*eu tive horror de o transportar até à sua cama, com dois ou três confrades e de lhe prestar assistência*»<sup>116</sup>. Quando chegar a Rennes a humilhação será mais forte, uma vez que, algumas das suas crises serão diante dos noviços, o que será terrível para Libermann. Mas não eram todos que assim reagiam, a maioria tinha por Libermann um grande respeito e admiração, pela forma como ele vivia a sua doença.

Nem tudo era fácil para Libermann, uma vez que as crises epiléticas criavam desânimos pontuais. Quando passava em alguma ponte vinha-lhe sempre ao pensamento a ideia de se atirar ao rio, mas, como ele dizia, o olhar de Jesus sobre ele encorajava-o e tornava-o paciente<sup>117</sup>. A sua fé e a confiança no amor de Jesus Cristo ajudaram-no a ultrapassar estas tentações e as suas dificuldades.

---

<sup>112</sup> Cf. N.D., I, 450.

<sup>113</sup> N.D., VIII, 454.

<sup>114</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 99.

<sup>115</sup> Cf. N.D., I, 300.

<sup>116</sup> N.D., I, 132.

<sup>117</sup> Cf. N.D., I, 308.

Quais as razões ou intuições que levam Libermann a acolher a sua doença considerando-a como um “tesouro”<sup>118</sup>. Este acolhimento assenta em três pilares fundamentais: a confiança, o abandono e a paz interior. A sua fé e confiança em Deus permitem-lhe e sugerem-lhe um abandono total à vontade de Deus, que tem como fruto a paz interior e que se exterioriza na sua calma e serenidade. A atitude de Libermann diante da doença será de confiança na acção da providência divina e de submissão interior à vontade divina. Assim como em Sb 3,1 e em Rom 8,31-39, Libermann sabe que, colocar-se nas mãos de Deus é a atitude correcta para que nenhum mal o atinja e o afaste do seu amor. A origem da confiança está no sentir-se amado por Deus. «*É uma grande felicidade para uma alma saber que é amada por Jesus. Este conhecimento torna-se nela o manancial abundante de uma confiança sem limites*»<sup>119</sup>. Com esta confiança desmoronam-se todos os temores e o coração fica livre para caminhar ao sabor do Espírito. O seu coração é um coração pobre porque vive o total abandono à vontade de Deus e é ela que enche a sua vida. «*Não tendeis medo nem desconfiança; reconheci que sou o homem mais feliz do mundo, porque não tenho nada a não ser Deus somente, com Jesus e Maria (...) Ele dar-me-á a sua força e o Seu amor, e é tudo o que preciso*»<sup>120</sup>.

Para Libermann a sua doença revela-lhe o plano de Deus a seu respeito, por isso, se ele confia e em seguida se abandona à vontade de Deus, então a doença é para ele um “tesouro”. Um tesouro porque ela é a expressão do plano de Deus para aquele momento. O testemunho de D. Salier revela-nos isso mesmo, «*eu acreditava sem nenhum problema que no mais fundo do seu coração ele rejubilava e bendizia a Deus, como se de uma graça ou favor se tratasse*»<sup>121</sup>. Para Libermann, abandonar-se à vontade de Deus compreendia acolher não só os bens e as alegrias, mas também as dificuldades e os sofrimentos que vão surgindo. Ele vivia o sofrimento da sua doença em íntima união com Cristo. Esta união permitia-lhe ultrapassar o sofrimento. Libermann oferecia a Cristo crucificado os dissabores da sua doença<sup>122</sup>. Diz ele:

«Meu caro amigo, deixa-me a minha pobreza, a minha querida doença, e os cem mil sofrimentos mais. Só eles podem configurar-me com Cristo (...) Jesus Cristo morreu por mim. Estou quase esmagado com os seus benefícios e suas graças. Tenho apenas um pedacinho dos seus sofrimentos e da

---

<sup>118</sup> Cf. L.S., I, 10.

<sup>119</sup> C.S.J., 639.

<sup>120</sup> L.S., II, 302.

<sup>121</sup> N.D., I, 114.

<sup>122</sup> Cf. N.D., I, 289.

sua cruz. Espero que me dará ainda mais, e não havia de ser feliz! Meu Deus! Que seria então necessário para o ser?»<sup>123</sup>.

Libermann sente-se, com Cristo, vítima de amor oferecida ao Pai. No evoluir da sua experiência espiritual, Libermann começa a oferecer o seu sofrimento pela salvação dos irmãos<sup>124</sup>. Vive também a doença como instrumento de Cristo que continua a oferecer sacrifícios ao Pai. «*Saibamos bem que não somos nós que sofremos, é Jesus vivo em nós, pelo seu Espírito, que se oferece de novo ao Pai celeste. Que felicidade para nós sermos instrumentos nas mãos do nosso bem-amado Jesus, pelo qual Ele trabalha muito para glória de Seu Pai*»<sup>125</sup>. A atitude de acolhimento na fé da sua doença, torna-se para Libermann libertação, mesmo ao nível psicológico. Apesar dos limites que a doença lhe provocará, Libermann não perde a alegria de viver e responder ao chamamento de Deus. Nunca chegará a pedir a cura da sua doença simplesmente para que a vontade de Deus se cumpra, se for da Sua vontade e servir a realização do projecto de Deus, então Deus proverá<sup>126</sup>.

A tendência que se verifica, na maioria dos doentes, de um fechar-se sobre si mesmo, não se verifica em Libermann. Libermann viveu como se não fosse doente. O que ele fez foi simplesmente assumir os limites que a doença lhe impunha e de resto viveu num grande abandono à vontade de Deus.

### 2.1.3 A experiência do coração pobre

Depois de em Março de 1829 ter sofrido a crise epiléptica e de o seu futuro próximo ter ficado escurecido, Libermann faz umas férias em Issy com o objectivo de repousar e afastar-se das preocupações que lhe faziam mal e o enervavam. Realiza, também, uma peregrinação a Chartres. No ano lectivo de 1829-30, conclui o seu terceiro ano de teologia. O sacerdócio é-lhe recusado por causa da sua doença, o seu futuro permanece nas mãos de Deus. Diz Libermann: «*Eu acredito que se Nosso Senhor continua a conceder a graça que Ele me concedeu até agora (...) eu terei uma vida perfeitamente pobre e unicamente empregue ao seu serviço. E então eu serei mais rico do que se eu possuísse o mundo inteiro, e eu desafio o mundo a encontrar um homem mais feliz*»<sup>127</sup>.

A Revolução de Julho de 1830 não perturbou pessoalmente Libermann, no entanto afectou os seus “protectores”: o superior do seminário Augé teve de partir e foi substituído

---

<sup>123</sup> L.S., I, 17-18.

<sup>124</sup> Cf. N.D., XIII, 659.

<sup>125</sup> L.S., II, 394.

<sup>126</sup> Cf. N.D., I, 123-124.

<sup>127</sup> L.S., I, 9.

por outro; Drach refugiou-se em Roma; e as caridosas senhoras que lhe pagavam a estadia tiveram de deixar Paris<sup>128</sup>.

Em Novembro de 1831, é-lhe comunicada a decisão do superior dos sulpicianos, de que Libermann teria de encontrar uma saída no mundo, uma vez que o sacerdócio não é uma solução, pelo menos a curto prazo. Libermann acolhe a decisão com uma grande serenidade e sem exprimir grande emoção. Agradeceu a bondade com que sempre o trataram. Pediu que o avisassem do dia da partida e disse: «*Mas, eu não posso voltar para o mundo. Deus, assim o espero, providenciará a minha sorte*»<sup>129</sup>. A resposta de Libermann fez os superiores reflectirem novamente e propuseram a Libermann que fosse para o seminário de filosofia dos sulpicianos em Issy. Aqui, Libermann continuará a sua experiência de coração pobre que nada possui e que, simplesmente se deixa conduzir pelo Espírito através das circunstâncias adversas da sua vida. A única coisa que possui é a confiança no amor de Deus que o faz assumir o amor aos irmãos.

## **2.2 O “anjo” de Issy**

Issy é uma grande propriedade que pertencia aos sulpicianos e que na época de Libermann era ocupada pela filosofia e o noviciado sulpiciano, também servia para tempo de repouso ou de férias para os seminaristas de Paris. Libermann chega a Issy em Dezembro de 1831 e irá passar seis anos neste seminário, onde realizará as tarefas de ajudante do ecónomo e o apostolado junto dos empregados e dos seminaristas na direcção espiritual.

### **2.2.1 A sua estadia em Issy**

Na sua chegada a Issy há uma certa desconfiança em relação a Libermann nomeadamente pelos superiores, que desconfiam do jovem judeu convertido. Era a mentalidade da época. Quando chega, é colocado ao serviço do ecónomo que era um jovem sulpiciano e que rapidamente se tornará seu amigo. Sábio e zeloso rapidamente ganha a confiança dos seminaristas que lhe pedem pequenos favores, uma vez que ele nunca recusava qualquer pedido. Era também responsável pelos empregados, aos quais rapidamente começou a falar do Deus bondoso. Na enfermaria, que ele frequentava para se curar, ocupava-se de conversar com os doentes, encorajando-os à paciência e à alegria.

---

<sup>128</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 75-76.

<sup>129</sup> N.D., I, 160.

Depois da Revolução de 1830 o seminário tinha caído num certo laxismo e o superior queria reinverter a tendência. Apesar de não ter muita simpatia por Libermann, confia-lhe a reintrodução da Associação do Sagrado Coração, que tinha caído em desuso. Libermann apresenta-lhe o projecto de criar pequenos grupos fervorosos de seminaristas que o desejassem. Tendo obtido a aprovação dos superiores sulpicianos, Libermann dedicar-se-á à criação destes grupos que terão o nome de «*Bandos de Piedade*». Nem toda a gente acolheu de feição este papel de Libermann e os “bandos de piedade”, contudo, dois terços dos seminaristas faziam parte. Mesmo depois da partida de Libermann o espírito e a força que ele deu, perdurou durante muito tempo no seminário de Issy.

Em 1837, o seu último ano em Issy, a saúde parece estabilizar-se. A influência de Libermann era já bastante forte, os próprios directores enviavam alguns alunos para se aconselharem com Libermann. Vários alunos que passaram por Issy, foram testemunhas no processo de beatificação, considerando-o como seu pai espiritual<sup>130</sup>. Por isso, a sua experiência apostólica em Issy ajudou a formar uma característica importante de Libermann, a de director espiritual. Sobretudo em Issy, Libermann vivenciou uma íntima prática da docilidade ao Espírito Santo. Não só ele a vivia como incentivava os outros a esta atitude. Libermann estava consciente de que cada um era especial para Deus e que Deus agia de maneira diferente em cada um, por isso era importante a docilidade ao Espírito. O caminho espiritual que apresentava aos seminaristas era a atenção constante ao Espírito, como a docilidade de uma pena que o vento leva por onde e para onde ele quer<sup>131</sup>. O mais importante para o director espiritual é deixar Deus agir: «*Parece-me que o mais importante é deixar Deus agir nas almas, seguir a sua acção e fazê-las fiéis à acção divina, deixando Deus actuar com liberdade, sem opor obstáculos, desvios, imperfeições nem uma acção própria excessivamente violenta*»<sup>132</sup>. Assim sendo, Libermann aconselha os que lhe pedem a partir dos dons que Deus lhe concede, da inspiração do Espírito Santo e da sua própria experiência pessoal. Será esta a base da sua relação com os outros a partir do momento em que no dia-a-dia teve de realizar funções de direcção.

---

<sup>130</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 96.

<sup>131</sup> Cf. C.S.J., 123.

<sup>132</sup> L.S., II, 388.

### 2.2.2 Os “bandos de piedade”

Segundo o relato de Frédéric le Vavas seur<sup>133</sup>, os “bandos de piedade” funcionavam do seguinte modo: os seminaristas que desejassem participar eram divididos em pequenos grupos de quatro ou cinco elementos, reuniam-se em dias e a horas fixas, em encontros semi-secretos. Os grupos não eram fixos, cada seminarista era informado com alguma descrição do grupo a que iria pertencer naquele dia. «*Nessas reuniões, só se devia falar de assuntos de piedade, com alegria de coração, abandonando-se àquilo que Deus inspirava e sem ficar preso ao assunto proposto, cada um dava com simplicidade o que tinha*»<sup>134</sup>. Libermann era o animador destes grupos e a sua presença era muito enriquecedora para os que participavam, como refere Le Vavas seur os alunos saíam mais fervorosos do recreio do que do tempo de meditação pessoal.

Os temas das reuniões dos “bandos de piedade” eram maioritariamente retirados da doutrina de Olier. Como já vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Olier é o fundador dos sulpicianos, e nesta época os directores queriam trazer de volta o fervor pela doutrina do fundador. Ora, sendo Libermann o grande animador destes grupos, a doutrina de Olier era-lhe bem próxima. Desde o tempo de S. Sulpício que Libermann entrou em contacto com a doutrina de Olier e as cartas que ele escreve nesta altura são impregnados da doutrina de Olier<sup>135</sup>. Libermann contribuiu bastante para que a doutrina de Olier voltasse a ser conhecida e amada, sobretudo ele traduzia de forma simples o pensamento de Olier. Como dizia um dos seus professores: «*Ele tinha um segredo, ele fazia as coisas mais comuns de uma maneira pouco comum, quer dizer fazia as coisas em Nosso Senhor (...) o coração sempre cheio de Deus, não vendo senão Deus em tudo (...) a mão de Deus estava sobre ele*»<sup>136</sup>.

Segundo alguns contemporâneos, ele fazia uma releitura pessoal da doutrina de Olier<sup>137</sup>. Depois de sair de Issy, Libermann não voltará a citar Olier, será aos poucos que se libertará da doutrina de Olier e irá seguir a sua própria espiritualidade. Contudo, permanecerá sempre fiel ao essencial da espiritualidade sulpiciano: a renúncia como base da perfeição cristã; a santificação pessoal no apostolado; o teocentrismo; e a união a Cristo.

---

<sup>133</sup> L.S., I, 331ss.

<sup>134</sup> L.S., I, 332.

<sup>135</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 88.

<sup>136</sup> GILBERT, Alphonse – *Tu as mis sur moi ta main*. Rome: [s.n.], 1994, p. 29.

<sup>137</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 88.

### **3. Rennes, a noite da fé.**

Em 1837, o Superior Geral dos eudistas pediu aos sulpicianos alguém com experiência espiritual suficiente para a função de mestre de noviços na Congregação. Não tendo nenhum padre disponível para enviar, os sulpicianos recomendaram Libermann que, apesar de não ser padre, era bem capaz de desempenhar essa função com a maior competência. Libermann, que continuava com o futuro algo indeciso, abandona-se à divina providência e aceita o convite.

Parte, então, para Rennes onde se encontrava o noviciado. Aí Libermann viverá um momento importante do seu itinerário espiritual. Em Rennes viverá um tempo de grande sofrimento interior e de despojamento total de si mesmo. Aí Libermann acolherá o seu chamamento missionário. No meio de todas as dificuldades que irá sentir, Libermann continua a confiar na acção do Espírito na sua vida, ele só tem de deixá-lo agir.

#### **3.1 A “noite escura” do itinerário de fé**

Quando Libermann chega a Rennes vem cheio de vida, pois a sua estadia em Issy tinha sido uma grande experiência de Deus, uma vez que vivenciou a acção e o amor de Deus na sua vida e na vida dos que o rodeavam. Em Rennes a sua experiência será cheia de espinhos, de dificuldades e de mal-estar interior. Pela primeira vez a rejeição dos outros vai afectá-lo interiormente, nomeadamente a dos noviços. Podemos ver esta sua estadia como as últimas purificações que Libermann faz para poder estar totalmente disponível e desprendido, para que possa acolher e realizar a vontade divina.

O próprio Libermann quando sai de Rennes, ao escrever a um amigo, resumia a sua estadia:

«O tempo que passei na Congregação de Jesus e de Maria, em Rennes, foi para mim um tempo de aflições e tormentos (...) sentia-me lá um inútil e incapaz de fazer fosse o que fosse pela glória de Deus. Via-me fechado num noviciado e rodeado de três ou quatro pessoas para as quais não era de nenhuma ou quase nenhuma utilidade espiritual. (...) A direcção do noviciado causava-me dificuldades tão grandes que pensei nunca ser capaz de as suportar. Confesso-lhe que a maior de todas foi a de me sentir inútil na Igreja de Deus. (...) Para combater esta sensação, às vezes eu dizia para comigo mesmo que o que era preciso era pôr toda a confiança em Nosso Senhor e na Virgem Maria, mas logo a seguir pensava que uma tal esperança era infundada e que se continuasse lá, inactivo, a vida ia passando, o meu corpo iria ficando gasto, e eu não serviria para mais nada»<sup>138</sup>.

---

<sup>138</sup> N.D., I, 674-676.

Como vemos neste texto de Libermann, o tempo que ele esteve em Rennes foi cheio de adversidades. Estas dificuldades não são só em relação aos outros com quem se relaciona, mas também com Deus.

Em primeiro lugar, Libermann não se sente totalmente à vontade no noviciado, sobretudo no primeiro ano, porque a sua função não está bem definida. Ele é, ao mesmo tempo, director espiritual dos noviços e noviço. No início, o mestre não o conhecia e não tinha grande confiança nele e ele não era clérigo, por isso, não poderia assumir oficialmente a direcção do noviciado. Algumas vezes o mestre entrou em desacordo com as linhas de orientação que Libermann propunha<sup>139</sup>. Os próprios noviços tinham alguma dificuldade em respeitá-lo uma vez que, a maioria deles já eram clérigos e Libermann só possuía as ordens menores. A doença que ele sofria também lhe retirava alguma credibilidade. Uma vez, teve uma crise epiléptica diante de todos os noviços e confrades, no meio de uma conferência<sup>140</sup>. Para além de sofrimento físico, estas crises trazem a Libermann grandes humilhações. Alguns autores chegam a falar de um certo excesso de zelo<sup>141</sup>, principalmente no primeiro ano do noviciado. Era a primeira vez que ele exercia um cargo de tão grande importância e nos primeiros tempos exigia muito dos noviços, tal como fazia consigo mesmo.

Em segundo lugar, as dificuldades de Libermann situam-se e reflectem-se ao nível espiritual, na sua relação com Deus. Quando ele está em Rennes sente que a sua vida é inútil para a Igreja de Deus, apesar de ser bem apreciado pela maioria. «*Fazem-me um grande renome, mas a verdade estrita e sincera, eu sou um vaso inútil na Igreja de Deus. (...) Eu sou como um paralítico que se quer mexer e não pode*»<sup>142</sup>. O seu futuro permanece pouco claro e este projecto no noviciado não enche o desejo de serviço que Libermann traz em seu coração. Ao contrário da experiência de Issy, em Rennes, Libermann sente que não é capaz de ajudar os noviços a progredir. «*O que eu constato e por isso estou convencido, é que eu faço um grande mal a todas as almas que Nosso Senhor colocou em relação a mim*»<sup>143</sup>. Esta dificuldade em ajudar os outros espiritualmente não acontece só com os noviços mas também com todos aqueles com quem Libermann troca correspondência.

Libermann não sente só uma aridez espiritual, ele tem momentos em que se sente abandonado por Deus. «*Não fazes uma ideia da dor que isto me causa, de há um mês ou seis*

---

<sup>139</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 76.

<sup>140</sup> Cf. N.D., I, 355.

<sup>141</sup> Cf. SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espiritana*. Tomo II, p. 146 ; Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 108.

<sup>142</sup> L.S., II, 293.

<sup>143</sup> L.S., II, 47.

*semanas para cá. Momentos houve em que julguei que Nosso Senhor ia abandonar-me e rejeitar-me (...) esta ideia faz-me tremer»*<sup>144</sup>. Neste momento Libermann faz a sua experiência da cruz onde, tal como Jesus (cf. Mc 15, 34), se sente abandonado por Deus. Esta vivência permite a Libermann perceber melhor o despojamento que é necessário para responder ao projecto de Deus. Aqui, ele vive a aprendizagem do apóstolo que sabe que aquilo que ele é deve-o a Deus e é por pura graça e não por mérito próprio. Libermann sabe que tem de passar por estes momentos difíceis e de dúvida porque só assim é que ele fica totalmente vazio de tudo, à excepção de Deus. Para Libermann, estas dificuldades são momentos de purificação interior porque assim Deus pode verdadeiramente habitar em seu coração.

«É a noite da cruz, da privação, das trevas interiores, em que os sentidos não têm acção, não valem nada, estão mortos; é o momento de viver da fé, mas de uma fé cheia de esperança na bondade divina e, ao mesmo tempo, de temor e desconfiança de si mesmo, e de infinda amabilidade, suavidade e paz. Esta noite é excelente pois é nela e por ela que as nossas almas se aperfeiçoam e perdem pouco a pouco, os defeitos de que estão cheias»<sup>145</sup>.

Aqui, vemos que Libermann viveu a experiência mística da “noite dos sentidos”. No texto atrás referido descreve-nos a sua experiência e, sobretudo, o sentido que lhe dá, nomeadamente de uma purificação necessária a fim de que Deus, e só Deus habite nele. Esta experiência leva Libermann a centrar-se só em Deus, assumindo a atitude de Cristo na Cruz (cf. Lc 23,46), de abandono e entrega à vontade do Pai. Libermann assume as palavras de Paulo, uma vez que ele já não se possui a si mesmo, então «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2,20). Na oração e na vida ele vive só para Deus.

### **3.2 O apelo de Deus no grito dos pobres**

Em Rennes, Libermann vive os momentos difíceis que atrás referimos, mas é também aí que Libermann acolherá a sua vocação missionária e escutará o clamor dos pobres do seu tempo.

Algo que vai marcar a sua experiência de fé é o nascimento da vocação missionária no meio da noite da fé. É precisamente quando Libermann vivia este momento de desafio interior, que a acção do Espírito Santo vem sobre ele e lhe mostra um projecto novo. Libermann viverá aqui algo de muito forte, pois compreende, a partir daqui que, quando não possui nada, quando é nada e quando vive o total abandono, é aí que Deus age porque nesse momento o Espírito não tem entraves à sua acção e a sua dinâmica desenrola-se facilmente.

---

<sup>144</sup> L.S., I, 353.

<sup>145</sup> L.S., II, 226.

Para Libermann aderir à obra dos negros não foi fácil porque, no início, não via aí os caminhos de Deus a seu respeito. Ele que estava quase a tornar-se eudista, eis que Deus intervém de forma inesperada e Libermann acolhe-o.

O texto base de que nos servimos para conhecer o início da Obra dos Negros e da vocação missionária de Libermann é o texto das memórias de Tisserrant<sup>146</sup>, um dos mentores da ideia. Eles foram escritos por Tisserrant e revistos por Libermann que depois acrescentou algumas coisas.

A iniciativa surge no jovem Le Vavas seur que é originário da ilha Bourbon e filho de uma família rica da ilha. Como normal entre estas famílias, veio estudar para França, era um aluno brilhante, mas optou pela vida eclesiástica. É um jovem que vive com uma preocupação o estado de degradação e abandono dos pobres negros da sua ilha. Desde cedo manteve a ideia de arranjar alguma forma de socorro espiritual para os escravos. Em 1836, entrou no seminário de Issy onde conhece Tisserrant. Tisserrant era filho de uma crioula da ilha de S. Domingos. O seu percurso no seminário não foi fácil devido à sua incapacidade para o estudo mas, a sua piedade era grande e tinha dentro de si o desejo de formar uma comunidade que fosse evangelizar os escravos da ilha de sua mãe. Le Vavas seur e Tisserrant conhecem-se no seminário de Issy e juntos partilham com Libermann o desejo de fazer algo por esse pobre povo. Nesses encontros em Issy, Libermann limitava-se a aconselhar e a incentivar os dois jovens a permanecerem fiéis à divina providência. Como o próprio Tisserrant diz nas suas memórias, Libermann era um «pai e guia»<sup>147</sup>.

Quando Libermann vai para Rennes, os dois jovens aconselham-se junto do Pe. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias em Paris. Aos poucos surge o projecto de criar uma Obra dos Negros para socorro dos escravos e das suas respectivas ilhas. Enviam então o projecto a Libermann, que manifesta a sua opinião favorável ao projecto, encorajando-os a unirem esforços, contudo não se envolve muito no projecto.

Nas férias de 1839, Libermann vem a Paris para descansar e ao mesmo tempo aproveita para se encontrar com os jovens e discutirem melhor o projecto. De la Brunière, já como sub-diácono, junta-se ao grupo. Por ser o mais avançado na formação sacerdotal, pensa-se nele para chefiar o projecto. Nessa altura, apesar de sentir vontade em abandonar os

---

<sup>146</sup> Cf. N.D., I, 589-598; 627-641; 647-654.

<sup>147</sup> N.D., I, 659.

eudistas, Libermann não o faz porque não sente que Deus o chame a isso mesmo. Assim, em Setembro, volta a Rennes envolto em desordens interiores e amargurado<sup>148</sup>.

Contudo, o grupo desejava que Libermann se juntasse a eles. De la Brunière passa dois meses no noviciado dos eudistas, junto com Libermann, para que ele se decidisse. Vendo o estado aflitivo e as dificuldades que ele suportava, encorajou-o para que ele tomasse a decisão de deixar Rennes e abraçar o projecto da Obra dos Negros. Libermann continuava à espera de um sinal da divina providência.

A sua decisão é tomada de forma positiva e decidida quando, no dia 25 de Outubro de 1839, recebe uma luz do Bom Deus. «*Ontem à noite, La Brunière veio ter comigo a fim de me comprometer a oferecer a Deus a comunhão por intenção dos pobres e queridos negros, na festa dos Apóstolos Simão e Judas. Fizemo-lo. E o Bom Deus deu-me uma pequena luz*»<sup>149</sup>. Três dias depois é confirmado por uma outra pequena luz e então decide-se a entrar na Obra dos Negros. Libermann sente que Deus lhe indica o seu lugar na Igreja como colaborador desta obra missionária.

O texto acima referido é de uma carta sua enviada a Le Vavassuer. A sua intenção é a de pedir a Le Vavasseur que continue a rezar para que ele consiga realmente discernir de onde vem esta luz. Libermann, nessa carta, não diz o teor dessa pequena luz, o que é normal nele. Contudo, Tisserrant, nas suas memórias, diz que essa pequena luz foi concedida por Maria. «*Este dia que olhará como um dos dias mais felizes da sua vida, por causa da graça com que Maria se dignou favorecê-lo, fazendo-lhe conhecer o lugar que lhe destinava na Igreja*»<sup>150</sup>. Desde o surgir da vocação missionária de Libermann, a presença de Maria será uma constante na Obra dos Negros, até mesmo o nome será dedicado a Maria.

Contudo, apesar de ter recebido esta pequena luz, Libermann passa o mês de Novembro numa agonia interior. A linguagem que usa nas suas cartas nesta época repete frequentemente o imperativo «*é preciso*». O próprio Tisserrant o confirma nas suas memórias<sup>151</sup>. Mas Libermann irá passar esta fase da sua vida caminhando na fé, confiado na Palavra de Deus, e isso é que fazia com que a paz interior permanecesse sempre no seu coração.

Libermann deixa Rennes no dia 3 de Dezembro de 1839, comunica ao superior a sua decisão por carta para que este não o tente impedir. Apesar de estar a passar por dificuldades

---

<sup>148</sup> Cf. N.D., I, 660.

<sup>149</sup> N.D., I, 648.

<sup>150</sup> N.D., I, 661.

<sup>151</sup> Cf. N.D., I, 664.

em Rennes, Libermann não deixa o noviciado para fugir às dificuldades mas antes para ser fiel ao apelo de Deus. Ele faz esta opção totalmente abandonado à acção do Espírito Santo na sua vida. Para qualquer pessoa a sua opção seria uma loucura, principalmente porque o projecto ainda era muito simples, mas Libermann sabe que agora nada possui e pode agora integrar este projecto.

## **4. O nascer da Congregação do Imaculado Coração de Maria**

Libermann encontra-se num momento de grande dificuldade, em que não consegue ver claro o projecto de Deus. A experiência em Rennes não foi positiva. Contudo, ele confia e espera em Deus e na acção deste na sua vida. Mais uma vez fruto da sua fé dá um exemplo de disponibilidade e esperança. Parte para Roma à procura da confirmação do projecto que está a nascer.

A caminho de Roma, Libermann passa alguns dias em Lyon, onde vai experimentar a presença luminosa de Maria na sua vida. Em Roma, ele terá a oportunidade de experimentar de forma concreta o saber esperar o momento de Deus. Sempre imbuído por uma fé forte e suave, Libermann sabe esperar que o “muro caia”. As dificuldades serão ultrapassadas, principalmente a da sua ordenação sacerdotal, que fará dissipar todas as dúvidas.

### **4.1 Lyon, a confirmação da vocação missionaria**

A etapa de Lyon é importante para o itinerário de fé de Libermann uma vez que é aí que ele se sente “curado” da sua aridez interior. Todo o tempo que Libermann passou em Rennes foi para ele tempo de dificuldades. Ele parte rumo a Roma com o objectivo de obter a luz verde por parte de Deus, que seria dada pela opinião do Vaticano.

A viagem foi programada entre Libermann e De la Brunière. Estes combinaram encontrar-se em Lyon, para depois irem juntos até Roma. Libermann chega dia 7 de Dezembro de 1839 a Lyon e fica alojado na família de Ozanam. Era a véspera da festa da Imaculada Conceição, que é a festa principal da cidade. Libermann dirige-se ao santuário para aí rezar a Maria, a sua oração prolonga-se durante os oito dias seguintes. Libermann está angustiado e refugia-se junto de Nossa Senhora. Durante esse tempo é-lhe concedida uma graça que curará a sua escuridão interior. O seu passado, cheio de inquietações, é agora atingido por uma graça de Maria que lhe concede a serenidade de alma. Segundo as memórias

de Tisserrant, Libermann sente-se curado dos seus sofrimentos: «*O Sr. Libermann sentiu a eficácia da sua oração unida às súplicas de tantos milhares de corações orando com ele e por ele: foi curado do seu sofrimento neste santuário mariano. Fortalecido pela consoladora dos aflitos (...) já não receava tanto os males deste mundo*»<sup>152</sup>. Esta é a graça que ele recebe, de se sentir em paz e fortalecido pela mão de Maria. Depois deste momento Libermann não voltará a ser o homem de Rennes. De agora em diante, ele só tem um desejo: realizar o plano de Deus. A força protectora de Maria, que Libermann recebe, permite-lhe não mais recear o desprezo e o desencorajamento dos homens para consigo. Em Lyon, ele foi falar da obra a um superior de uma casa religiosa que ficou a rir-se do projecto de Libermann. Este simplesmente foi-se embora sem lhe responder. É através de Maria que ele aguenta o desprezo que recebe de alguns<sup>153</sup>.

Libermann fica ainda mais três semanas em Lyon à espera de notícias do seu companheiro de viagem. Enquanto isso, coloca a sua correspondência em dia. Desta, destacamos a carta que escreveu ao seu irmão Sansão. Nela dá conta que tinha deixado Rennes e dirige-se agora para Roma. Pede-lhes para não tirarem conclusões precipitadas da sua decisão e que, sobretudo, julguem a situação com os olhos de Deus e não com os critérios humanos. Toda a carta é um reflexo do seu estado interior. Nela reafirma a consciência que está a obedecer à vontade de Deus ao tomar uma decisão tão incompreensível e tão arriscada para o seu futuro. Nela vemos o espírito de fé com que ele enfrenta o desconhecido e os riscos, reafirmando a força espiritual que lhe vem do seu abandono total a Deus. Assim, Deus pode agir nele.

«Caríssimos amigos, reconheçam que temos um Pai nos céus, o todo-poderoso e adorável Senhor Jesus, e uma Mãe poderosa e admirável, que nunca hão-de abandonar os que se dão sem reservas à causa da sua glória e do seu amor. Portanto, não tenham medo nem falta de confiança, acreditem que sou o homem mais feliz do mundo, porque já não tenho senão Deus, com Jesus e Maria; já estou no céu, embora vivendo ainda na terra. Se Deus quiser dar-me uma vida dura e de aflições, tanto melhor; dar-me-á também a sua força e o seu amor, e de nada mais preciso. Toda a minha esperança está em Jesus e em Maria, e é lá que deve estar também a vossa»<sup>154</sup>.

Aqui, Libermann exprime toda a sua confiança e esperança em Deus e só em Deus. Ele sabe que esse é o princípio fundamental de qualquer projecto, quando a esperança está só em Deus e não no poder ou na sabedoria de quem o faz, os frutos serão frutos de graça. Agora

---

<sup>152</sup> N.D., I, 670.

<sup>153</sup> Cf. N.D., I, 670.

<sup>154</sup> N.D., I, 672.

ele está consciente que, mesmo as dificuldades que vierem, não as vencerá sozinho. Jesus e Maria estarão ao seu lado para lhe concederem a força de que necessita.

Em Lyon, Libermann escreve ainda uma importante carta<sup>155</sup> a um amigo, Sr. Féret, na qual expressa uma consciência missionária e eclesiológica bastante avançada para o seu tempo, ou melhor, que será afirmada pelo Concílio Vaticano II.

Finalmente, De la Brunière comunica a Libermann que se encontrará com ele em Marselha e não a Lyon. Nesse encontro, De la Brunière ajuda Libermann a ultrapassar as suas últimas reticências para com o projecto. Contudo, Libermann parte para Roma confiante na protecção de Jesus e Maria, mas a sua viagem ainda lhe traz bastantes incertezas e dúvidas.

#### **4.2 Roma, a vontade divina realiza-se.**

Todos os que estavam à frente do projecto eram da opinião de deveriam apresentar a obra a Roma. A razão principal de irem a Roma é clara para todos, a resposta que obteriam em Roma seria para eles a vontade de Deus a respeito da Obra. *«O Pe. Pinault e os primeiros fundadores da Obra, particularmente o Venerável Padre, eram da opinião de que era necessário ir directamente a Roma, por ser o meio mais seguro de conhecer a vontade de Deus, e para fundar solidamente a pequena sociedade»*<sup>156</sup>. Libermann, que sempre vivia nesta insaciável procura da vontade de Deus, tinha esta convicção de que seria benéfico para a Obra o pronunciamento de Roma.

Libermann e De la Brunière chegam a Roma a 6 de Janeiro de 1840. Ambos ficam alojados numa pensão que é paga por De la Brunière. Porém, não tardaram a aparecer os primeiros obstáculos e dificuldades. Ao irem visitar alguns franceses importantes em Roma, que os poderiam ajudar nas relações com o Vaticano, Libermann constata uma certa adversidade para com a sua pessoa. A grande crítica era de que ele ainda não era presbítero e que era muito astuto em ir a Roma tentar obter a ordenação, coisa que não conseguiu em Paris. *«Várias pessoas eminentes e piedosas fizeram-me sofrer muito, supondo-me sentimentos e intenções que eu não tinha»*<sup>157</sup>. Durante este tempo envia as cartas demissórias, pelas quais obteria a autorização de ser ordenado por um outro bispo que não aquele da diocese onde ele estava incardinado. Aqui, em Roma, Libermann reencontra Drach que

---

<sup>155</sup> Cf. L.S., II, 316.

<sup>156</sup> N.D., II, 92.

<sup>157</sup> N.D., II, 144.

trabalha na biblioteca da *Propaganda Fidei* e que lhe consegue uma audiência particular com Gregório XVI, no dia dezassete de Fevereiro de 1840.

No final de Março, De la Brunière deixa Roma e abandona a sua participação no projecto da Obra. A principal razão deste abandono foi a influência negativa dos comentários a respeito de Libermann. Desde a sua partida de Paris para Roma, a maioria dos comentários que ele ouvia sobre Libermann não eram encorajadores e as primeiras dificuldades em Roma rápido o fizeram desanimar. Ele não conseguia acompanhar todo o pensamento de Libermann, sobretudo por causa da forte vontade e personalidade de Libermann que contrastava com o carácter indeciso de De la Brunière. «*Eu sofri muito por causa do meu companheiro, que ao ver-me no desprezo e na impotência, e estando fortemente tentado contra mim e contra toda a obra pela qual ele se tinha interessado, não parava de me contrariar e de me afligir de todas as maneiras*»<sup>158</sup>. É também verdade que De la Brunière sempre teve uma atenção especial pelas Missões Estrangeiras de Paris (MEP). Depois de abandonar a Obra entra nas MEP e parte como missionário para o Extremo Oriente. Contudo, Libermann não se deixa desencorajar, nem que este abandono afecte o empenho dos outros jovens.

Perante estas dificuldades, Libermann permanece tranquilo e usa a imagem do muro para exprimir a forma como ele encara estas dificuldades. «*Quando obstáculos como estes se apresentam, é necessário continuar, continuar sempre, ficar ao pé do muro, esperar que ele caia, e então passar por cima*»<sup>159</sup>. Esta sua atitude mostra-nos a sua absoluta confiança em Deus e o abandono à Sua vontade. Para Libermann podem aparecer as maiores dificuldades, mas se a vontade de Deus for essa, então nada o fará parar. Segundo Libermann muitos dos comentários de que era alvo eram realizados segundo a visão humana e não com o olhar de Deus.

De la Brunière antes de partir deixou dinheiro para dois meses de alojamento de Libermann e o valor da viagem de regresso a Paris. Libermann toma então a responsabilidade da obra, passando a estar nas suas mãos o futuro da obra. Ele sente isso mas permanece na mesma atitude de colocar tudo nas mãos de Deus e não nas suas capacidades.

No final de Março desse ano, Libermann entra em contacto com D. Cadolini que era o secretário da Propaganda. Este pede-lhe que o faça conhecer por escrito as intenções de Libermann nessa Obra e qual o objectivo. Libermann elabora um pequeno dossier de nove

---

<sup>158</sup> N.D., II, 151.

<sup>159</sup> N.D., II, 160.

páginas onde explica essas intenções<sup>160</sup>. Ao mesmo tempo o perfeito da Propaganda pede ao Núncio de Paris um relatório sobre Libermann. Este realiza um parecer bastante favorável a Libermann, uma vez que se informou junto do Superior Geral dos sulpicianos e dos eudistas, junto de quem Libermann tinha uma grande admiração.

Na espera de uma resposta da propaganda, que o deixa um pouco ansioso, não realiza nenhuma visita ou escreve nenhuma carta de forma a acelerar a situação. A sua postura continua a ser de alguém que espera e confia na acção de Deus nos homens. «*Não sinto vontade em procurar apoios humanos. Apresentei o meu projecto: se Deus quiser que seja confirmado, saberão onde me encontrar, esperarei, senão voltarei como vim*»<sup>161</sup>. Enquanto espera a resposta começa a escrever a Regra de Vida da futura sociedade. Nela vemos que dedica a Obra ao Coração de Maria porque é para ele e para os seus missionários um modelo perfeito do zelo apostólico. O objectivo da obra é o anúncio do Evangelho às almas mais pobres e às mais abandonadas.

Terminado o tempo pago por De la Brunière na pensão, Libermann, sem financiamento consegue alojar-se numas águas furtadas de uma família. Aí começa um tempo de completa solidão, silêncio e trabalho. Poucos dias depois de aí se encontrar, recebe uma carta do Cardeal da Propaganda que se mostra favorável à obra que Libermann apresentou, manifesta também o desejo que Deus lhe conceda a ordenação sacerdotal<sup>162</sup>. Contudo, esta carta é só um parecer favorável, pois ainda seria preciso analisar com mais detalhe o projecto.

Nestas águas furtadas Libermann escreve ainda o “comentário” ao Evangelho de S. João. Não tendo muita coisa para fazer e para ocupar o seu tempo, começa a ler e a meditar o evangelho de S. João, colocando as suas meditações por escrito. Neste seu texto ele aborda só os doze primeiros capítulos do evangelho. Em Novembro pára de escrever e nunca mais conseguirá terminar.

Para descansar um pouco, Libermann faz uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Loretto de quem tinha uma grande devoção desde os tempos de S. Sulpício. O próprio João Olier foi curado de uma doença numa peregrinação a este santuário. A intenção de Libermann é de confirmar o desejo de Deus sobre a Obra e a sua vocação<sup>163</sup>. Quando regressa, tinha duas cartas em cima da sua mesa que o encheram de grande alegria. Uma delas era do seu irmão Sansão que lhe comunicava que o bispo de Estrasburgo estava disposto a

---

<sup>160</sup> Cf. N.D., II, 68 ss.

<sup>161</sup> N.D., II, 165.

<sup>162</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 140.

<sup>163</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 145.

ordená-lo. Libermann deveria então ir para Estrasburgo. A outra carta era do secretário da arquidiocese de Paris a informar o seu *exeat*<sup>164</sup> da diocese tinha-lhe sido concedido. Ou seja, Libermann já podia ser ordenado e já tinha quem o ordenasse padre, o futuro da Obra começava a deslumbrar-se como promissor. Libermann dirige-se então para Estrasburgo. No início o bispo não estava muito confiante em Libermann devido aos comentários que tinha tido de alguns padres. Contudo, conversando com Libermann ganhou estima por ele. Libermann passa alguns meses no seminário de Estrasburgo a fim de rever a Teologia e realizar o exame de final de curso que passa com distinção. No seminário era apreciado por todos pela sua delicadeza e piedade. Dos jovens que frequentaram o seminário ao mesmo tempo que Libermann, alguns jovens entraram na congregação fundada por Libermann. Dia 5 de Agosto 1841 é ordenado sub-diácono e a 10 é ordenado diácono.

Porém, como tudo na vida de Libermann, nada acontece como previsto. O bispo de Estrasburgo estava disposto a acolher a obra na sua diocese e a apoiá-la, no entanto Libermann recebe uma carta do Vigário apostólico das Ilhas Maurícias onde este expressava o seu desejo de que a Obra começasse na sua diocese e que a apoiaria. Contudo, os primeiros missionários deveriam ir para aquela Ilha. Libermann não sabe o que decidir. Aconselha-se junto de amigos e decide seguir o apoio do Vigário apostólico das ilhas Maurícias. Ao mesmo tempo Le Vavas seur não gosta da ideia e conversa com o Pe. Brandt. Este, por sua vez, conversa com o bispo de Amiens, que fica próximo de Paris e aceita ordená-lo mesmo sem conhecê-lo. Ao mesmo tempo declara a protecção à Congregação que está em vias de nascer. *«Eu pensava que iria ficar em Estrasburgo (...) Mas o Bom Deus não quis que assim fosse. (...) eu decidi-me com bastante pena de deixar Estrasburgo. Contudo parecia bem evidente que se ficássemos no interior da França nos seria bem mais favorável. Eu aceitei, por muito que me custe, acreditando ver a vontade de Deus manifestando-se»*<sup>165</sup>. Apesar de não estar totalmente de acordo, mas acreditando realizar a vontade de Deus, Libermann vai para Amiens.

No dia 18 de Setembro de 1841, Libermann é ordenado na capela privada do bispo de Amiens, tendo como testemunha do Pe. Brandt. *«Fui ordenado padre esta manhã. Deus sabe o que eu recebi neste grande dia (...) rezei-lhe para que ele me sacrifique para sua glória, porque é para isso que tenho de me dedicar a partir de agora»*<sup>166</sup>. Como era seu desejo

---

<sup>164</sup> O *exeat* é o documento que permite a Libermann ser ordenado por qualquer bispo, sem necessitar da autorização do bispo de Paris, este perde a jurisdição sobre Libermann.

<sup>165</sup> N.D., III, 65.

<sup>166</sup> N.D., II, 48.

celebrou, no dia 25 de Setembro, a primeira missa no Santuário de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris. Esta missa é também considerada pela tradição espiritana como o dia da fundação da Congregação do Imaculado Coração de Maria. O noviciado teve início no dia 28 de Setembro em La Neuville, perto de Amiens.

## 5. Libermann como Superior

O ponto que agora se inicia é importante para o itinerário espiritual de Libermann na medida em que até ao início da Congregação vemos o desenvolvimento e o amadurecimento da sua espiritualidade. A partir do momento em que Libermann assume a função de superior, vemos que ele coloca em prática toda a experiência que foi adquirindo ao longo dos anos. Quer a nível espiritual quer a nível humano, Libermann reage às situações a partir das vivências pessoais que foi tendo ao longo da sua vida.

A atitude que Libermann foi apresentando perante os acontecimentos ao longo da sua vida é a mesma que ele tem agora como superior, uma fé inabalável no amor de Deus, uma confiança e um abandono à acção do Espírito Santo na sua vida e na vida da Igreja.

Nestes primeiros anos como superior da Congregação nascente, Libermann ocupa-se maioritariamente com a direcção do noviciado e com a administração da Congregação. Os primeiros missionários partem para as Ilhas Bourbon e Maurícias, Le Vavas seur e Laval respectivamente. Ao noviciado continuam a chegar novos candidatos à vida missionária, mas Libermann rapidamente se dá conta de um problema para a congregação: não tem locais para os enviar. Desde 1839, o governo francês entregou ao Seminário do Espírito Santo o monopólio do envio de padres para as Colónias Francesas. O Pe. Fourdinier, o Superior dos Padres do Espírito Santo, recusa os missionários de Libermann. Perante esta situação Libermann confessa: «*O noviciado está fervoroso e os noviços multiplicam-se, mas não sabemos onde ir. Falta-nos a terra*»<sup>167</sup>. Libermann inquieta-se com o futuro da obra e dirige-se, então, a Paris para recomendar o futuro da congregação às orações da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias. No dia seguinte, D. Barron<sup>168</sup>, prelado de Filadélfia e Vigário Apostólico das Duas Guinés, vai à Igreja de Nossa Senhora das Vitórias para falar com o Pe.

---

<sup>167</sup> L.S., III, 368.

<sup>168</sup> Edward Barron (1801-1855), nasceu na Irlanda em 1801, sacerdote em 1829, partiu para a diocese de Filadélfia, nos Estados Unidos. Ofereceu-se para a missão da Libéria, perfeito apostólico e depois vigário apostólico das Duas-Guinés, em 1842. Demite-se em 1844 e regressou aos EUA onde morreu no dia 12 de Setembro de 1854. (Cf. Congregação do Espírito Santo – *Antologia Espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2010, vol. I, p. 513).

Degenetes, uma vez que tinha vindo fazer uma viagem pela Europa com a finalidade de encontrar missionários para evangelizar os escravos que tinham sido libertados na América e reenviados para as costas de África. No momento, Degenetes não se lembrou de Libermann nem da sua obra. Só no dia seguinte fez a relação quando se preparava para celebrar a eucaristia. Prontamente fez entrar em contacto Barron e Libermann. Libermann logo disponibilizou um pequeno grupo para partir depois de estabelecer algumas condições como, a necessidade da vida comunitária para a santificação dos seus missionários.

No dia 13 de Setembro de 1843, o primeiro grupo de missionários parte para África. O grupo é constituído por dez franceses, sete padres e três jovens órfãos que se chamarão «Irmãos», mesmo não tendo nenhum compromisso religioso. Um feliz imprevisto precede a sua partida, o ministro da Marinha tomou a iniciativa de assinar uma convenção com Libermann para apoiar a sua obra, o que é surpreendente uma vez que a sociedade de Libermann ainda não tinha o reconhecimento jurídico, nem eclesiástico, nem civil. Eles chegam ao Cabo das Palmas no dia 30 de Novembro de 1843. D. Barron embarca só a 22 de Novembro e encontra os missionários muito doentes. O Sr. Régnier morre quatro semanas depois e John Kelly desanimado parte para os Estados Unidos. Os doentes morrem uns atrás dos outros. D. Barron envia a sua carta de demissão à Propaganda no dia 7 de Agosto de 1844 e desembarca em Marselha no dia 14 de Dezembro. Do grupo inicial só o Pe. Bessieux e o Irmão Gregório são salvos no Gabão.

Todos estes acontecimentos são analisados por Libermann como uma grande provação de Deus e sem dúvida uma chamada de atenção de Deus para os destinos da obra.

«É necessário que vos dê conta de uma grande provação que a divina Providência nos envia a respeito da nossa pobre Guiné. Quatro dos nossos missionários morreram (...) Os outros três devem deixar o país e regressar a França. Duvido que eles tenham tempo de sair antes de sucumbir (...) É uma grande catástrofe. Deus o quis, que o seu santo nome seja bendito! (...) Tudo isto me é incompreensível e faz-me ver o dedo de Deus»<sup>169</sup>.

Libermann não se deixa desencorajar e tenta discernir este “dedo de Deus”. De toda a reflexão e aconselhamento que realizou junto de pessoas amigas, Libermann vai elaborar um longo programa para a salvação da África. Esse programa é descrito no documento que entrega em Roma a 15 de Agosto de 1846. Basicamente este plano resume-se na santidade de vida dos missionários e de que a salvação de África se fará pelos padres africanos e que é necessário formar uma Igreja local que disponha de um presbitério africano. Assim, aos

---

<sup>169</sup> N.D., VI, 372-373.

poucos, a Congregação fará vir alguns africanos para estudarem em França e assim se obter um clero nativo.

No seu tempo de superior, Libermann teve de passar por uma grande provação que, ao mesmo tempo, revela o seu carácter de homem de Deus e de alguém que sabe transmitir a paz que tem aos outros. Falo da “fusão”, em 1848, entre a Congregação do Imaculado Coração de Maria e o Seminário do Espírito Santo. Pierre Blanchard considera o papel de Libermann nesta “fusão” como o seu maior milagre<sup>170</sup>. Na verdade a figura de Libermann foi fundamental no desenrolar deste processo.

O Seminário do Espírito Santo foi fundado em 1703 por um jovem bretão de 24 anos, Cláudio Francisco Poullart des Places<sup>171</sup>. Era um jovem cheio de piedade e de uma caridade muito grande pois, resolveu partilhar a sua mesada com os jovens que não tinham possibilidades económicas para realizarem os estudos eclesiásticos. Apesar de o fundador ter morrido cedo, seis anos depois da fundação, deixou uma mística muito forte e, sobretudo, um regulamento que tornava os seus seminaristas exemplares. O objectivo era formar esses jovens pobres, que depois tinham o dever de assumir trabalho para os quais a Igreja não arranjava padres, desde hospitais a dioceses pobres. Contudo, o seu fundador também tinha o desejo das missões longínquas. Os seus sucessores estruturaram o Seminário e obtiveram os reconhecimentos jurídicos a nível civil e eclesiástico. Os membros da Congregação nunca passavam os quinze e eram escolhidos entre os melhores alunos do Seminário.

Desde 1839, o Ministério da Marinha tinha confiado ao superior do Espírito Santo o monopólio para escolher e dirigir os padres que trabalhassem nas colónias. Na década de quarenta o Seminário começa a ter uma má reputação junto dos bispos franceses, uma vez que, o trabalho nas colónias não era o mais evangélico. Grande parte deste descrédito deve-se ao facto de que muitos dos que partiam para as colónias, não tinham passado pelo Seminário do Espírito Santo, mas estavam agora sob a sua direcção e o Superior não conseguia ter autoridade sobre eles. O número de membros do Seminário também tinha vindo a decrescer. O Perfeito da Propaganda tinha recomendado ao Pe. Fourdinier, superior do Seminário do Espírito Santo os missionários de Libermann. Contudo, este responde-lhe dizendo: *«estou longe de ter a convicção de que esses padres (...) farão o bem que esperamos. Dizem que são padres experientes, mas à excepção do Sr. Libermann, são todos jovens, dos quais a maioria*

---

<sup>170</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome II, p. 438.

<sup>171</sup> Cf. LE FLOCH, Henri – *Claude-François Poullart des Places: Fondateur du Séminaire et de la Congrégation du Saint-Esprit*. Paris: Libraire-Éditeur, 1915.

*nem se quer padres são»*<sup>172</sup>. Durante o mandato de Fourdinier as relações com a Congregação de Libermann serão muito difíceis. Será só durante o mandato interino de Warnet, 1845, que a Propaganda fará uma aproximação das duas Congregações de forma mais formal. Numa carta enviada em Janeiro de 1845, o Núncio de Paris escreve à Propaganda descrevendo o declínio do Seminário do Espírito Santo e faz uma proposta: «*sou da opinião de confiar a direcção à Congregação do Pe. Libermann, que a poderia administrar»*<sup>173</sup>. Contudo, Libermann toma a sua atitude habitual de espera. Ele não faz nenhuma acção que favoreça uma ou outra perspectiva, pois simplesmente espera e confia na acção de Deus. «*O Núncio é-nos muito próximo, ele quer a todo o custo que o Seminário do Espírito Santo nos seja dado. Estou assustado. (...) Eu não fiz nenhum contacto para isso, nem farei. (...) Não pedirei nada»*<sup>174</sup>. Esta é a normal atitude de Libermann, de total dependência da vontade divina e de nada fazer para a contrariar, ele simplesmente espera.

A fusão traria essencialmente uma perspectiva de grande abertura a nível do território a trabalhar e também não seria mais necessário trabalhar a questão da jurisdição, uma vez que, o Seminário do Espírito Santo já possuía. O Seminário também beneficiaria da organização da nova congregação e sobretudo receberia um grande número de elementos novos.

O superior que lhe sucedeu no Seminário, Pe. Leguay, também não é muito favorável à fusão, recusando qualquer entendimento e reivindicando a jurisdição sobre as colónias. Por isso, desde 1845 até 1848, a questão da “fusão” não será trabalhada de ambas as partes. Em 1848, devido aos acontecimentos políticos, Leguay é levado a pedir a demissão. É então eleito o Vice perfeito apostólico da ilha Bourbon, Monnet que era amigo de Le Vavassuer. Este tem um pensamento totalmente diferente dos seus predecessores e a primeira coisa que faz ao chegar é retomar os contactos com Libermann. Ele está de acordo com a fusão, mas exige que se mantenha o fervor e a regra da sua Congregação. Em Agosto de 1848, o acordo está terminado e assinado por ambas as partes. Libermann é em seguida eleito Superior Geral e tem a aprovação da Propaganda da Fé.

Deste processo realça-se o grandioso ascendente que Libermann foi tendo, mesmo junto daqueles que não lhe eram favoráveis. A sua calma persuasiva e a sua prudência permitiram-lhe vencer as resistências que se foram gerando dos dois lados. Uma das suas dificuldades foi conseguir mostrar a muitos dos seus confrades que esta “fusão” era querida por Deus. «*A divina Providência, levou esta questão de forma admirável, e tudo o que ela fez*

---

<sup>172</sup> N.D., III, 540.

<sup>173</sup> N.D., VII, 47.

<sup>174</sup> N.D., VII, 32.

*mostrou-me que é Deus quem nos conduziu nesta questão»<sup>175</sup>*. Esta é a maneira de se situar na vida, quando sente que a divina Providencia indica o caminho, então só tem de seguir o caminho indicado.

A actividade de superior que Libermann exerceu ao longo de dez anos é admirável até para os seus próprios confrades. Muitos dos seus confrades, mesmo aqueles que lhe eram mais próximos, não conseguem seguir o seu pensamento ou empenho. Quando se opõem às decisões de Libermann dão-se conta que uma força interior o conduz e que o optimismo pacífico que o habita é fruto da sua contemplação, influência do Espírito Santo na sua alma, que lhe está sempre atenta e fiel.

Ao longo do ano de 1851, Libermann começa a sofrer de forma mais grave de uma doença do estômago. Com o trabalho e pouco descanso, sucumbirá à doença no dia 2 de Fevereiro de 1852. Morre no seu quarto, enquanto na Capela do Seminário se entoava o *Magnificat*, «*e exaltou os humildes*» (Lc 1,52).

---

<sup>175</sup> N.D., XIII, 48.

### CAPÍTULO III – SÍNTESE DA ESPIRITUALIDADE DE LIBERMANN

Numa carta de direcção espiritual escrita por Libermann a um seminarista, em 1842, ele diz o seguinte: «*Não se deve dizer: este sistema de espiritualidade agrada-me, parece certo ao meu espírito, por isso ele é verdadeiro. É preciso uma vida interior para conhecer estas coisas, uma graça do Espírito Santo e a experiência, é preciso um conhecimento experimental e não especulativa*»<sup>176</sup>. Vários autores realçam a importância desta afirmação, nomeadamente porque ela revela a importância que Libermann dá à experiência pessoal que cada um tem de Deus. A espiritualidade de Libermann vai assentar sobre o confronto entre a relação pessoal com Deus e a experiência de fé vivida no dia-a-dia.

Depois de verificar o contexto e o meio onde Libermann nasceu e viveu até à sua conversão, vimos em seguida o seu itinerário de fé. Neste capítulo abordaremos os pontos essenciais da espiritualidade libermanniana. Mais do que querer apontar Libermann como um modelo a seguir, a intenção é demonstrar o que ele tinha como princípios importantes na sua caminhada de fé.

Em primeiro lugar veremos o fundamento divino, ou seja, a visão que Libermann tinha de Deus. Acolhendo a acção amorosa deste Deus incarnado, Libermann centra-se na pessoa de Jesus Cristo, pelo Espírito Santo. Jesus Cristo é a Revelação por excelência da união perfeita com Deus. Precisamos de nos esvaziarmos de nós mesmos para que o Espírito Santo possa agir sem nenhuma resistência.

A fé de Libermann assenta num Deus vivo que caminha com o seu povo, que age através dos homens e dos acontecimentos a fim de realizar os seus desígnios. Libermann desenvolve uma doutrina da divina providência, onde o homem é convidado a deixar-se conduzir pela mesma.

Toda a vivência espiritual de Libermann vai amadurecendo ao longo da sua vida. No ideal missionário que ele vai apresentando, verifica-se os frutos das suas experiências pessoais. Sendo Cristo o missionário por excelência do Pai, deve aspirar a uma santidade de vida que faça irradiar pela sua acção o amor de Deus pelos homens.

A santidade a que somos chamados a viver, não é aquela que imaginamos ou que queremos construir, é antes aquela a que Deus nos chama<sup>177</sup>. Na oração é preferível ao homem escutar a Deus do que lhe dizer o que queremos. Na acção, Libermann temia sempre

---

<sup>176</sup> N.D., III, 267.

<sup>177</sup> Cf. L.S., III, 378.

que em vez de cooperar na realização do plano de Deus, o missionário introduzisse e realizasse a sua vontade natural.

O que Libermann propõe são alguns critérios espirituais, para que possamos responder em fidelidade ao que Deus designa, no meio de um mundo que é obscuro e que dificulta a acção de Deus e dos seus enviados. Estes critérios revelam-se necessários para reconhecer os sinais da graça de Deus, pela acção do Espírito Santo. O homem que segue os impulsos lança-se. A alma que está à escuta do Espírito Santo abandona-se<sup>178</sup>.

## **1. Experiência amorosa de Deus**

O pensamento de Libermann situa-se sempre numa perspectiva de fé. Ele tem sobre tudo e todos um olhar de fé. Este é o horizonte último da sua compreensão da vida e do mundo. Tudo o que ele vê, vê-o a partir do ponto de vista de Deus.

Sentir-se amado por Deus é o fundamento a sua conversão e do seu apaixonar-se por Cristo. Ao sentir este amor, ele esvazia-se de si mesmo para que só Deus habite nele e que o seu coração seja guiado pelo seu Espírito.

### **1.1 Abandono a Deus**

No momento da sua morte, em género de testamento espiritual, Libermann pronunciou algumas frases soltas. Todas elas resumem aspectos principais da sua espiritualidade: «*Deus é tudo; o homem é nada*»<sup>179</sup>. Deste modo salienta uma das maiores certezas da sua vida.

Para Libermann a antropologia é teocêntrica, pois o centro da vida do homem está em Deus e só nele. Neste contexto, o homem não consegue ser nem perceber nada fora de Deus. Também na vida sobrenatural o homem nada pode diante da grandeza de Deus. Esta foi a experiência que ele teve no momento da sua conversão. Uma experiência de incapacidade pessoal e ao mesmo tempo da onnipotência da Graça.

Quando Libermann se coloca de joelhos e pede a Deus que o ilumine sobre a religião “verdadeira”, ele vive o culminar de uma crise de fé, onde não consegue pela razão nem pelas suas capacidades chegar à verdade. Ele só chegará a esta verdade pela graça de Deus, uma vez que é o poder de Deus que lhe revela a verdade. Abandonar-se nas mãos de Deus foi o que ele fez na sua atitude de colocar-se de joelhos e pedir a acção de Deus na sua vida de fé.

---

<sup>178</sup> Cf. L.S., II, 6.

<sup>179</sup> N.D., XIII, 659.

Este abandono total nas mãos de Deus será uma visão quietista? Nada disso! A primazia de Deus na ordem da acção, revela a necessidade do princípio da passividade mística. Esta passividade mística deve ser vista numa perspectiva prática e não teórica nem metafísica<sup>180</sup>. Implica uma actividade de despojamento e provoca uma actividade apostólica.

Libermann usa várias imagens para especificar esta sua doutrina. Para ele a alma deve ser como: o barro nas mãos do oleiro<sup>181</sup>; a estátua nas mãos do escultor<sup>182</sup>; o brinquedo que obedece aos caprichos da criança<sup>183</sup>; o bebé que vive sob o olhar e o sorriso da mãe<sup>184</sup>. Segundo Blanchard<sup>185</sup>, este princípio de passividade inspira várias atitudes psicológicas: o aniquilamento; a espera do momento de Deus; a paciência nos momentos difíceis; fidelidade à graça, ao seu ritmo e às suas exigências.

### 1.1.1 Primazia de Deus

Desde a sua infância, vivida num meio judaico conservador, Libermann cresce como um homem do Absoluto<sup>186</sup> e a primazia é sempre dada a Deus. O estudo da Sagrada Escritura forneceu-lhe a sensibilidade para a grandeza e transcendência de Deus. A grandeza e onnipotência de Deus, face ao ser criado, é uma convicção totalmente bíblica. A “escola francesa”, que encontra em S. Sulpício, ajuda-o a expressar este teocentrismo dentro da tradição cristã. Contudo, é na experiência de vida que ele irá afirmar cada vez mais esta sua certeza. Libermann percebe que Deus é o centro da vida do cristão, no dia-a-dia da sua vida.

Libermann realça a primazia de Deus ao longo das suas cartas. «*Só o meu Deus é grande, só o meu Deus é belo (...) e eu diante dele sou pobre e miserável*»<sup>187</sup>. «*Só Deus, só Deus, sempre só Deus (...) acima de tudo ver só Deus em todas as coisas*»<sup>188</sup>. Libermann retoma essencialmente Dt 6,5 que o próprio Jesus relembra. O homem é assim convidado a amar a Deus acima de todas as coisas e, essencialmente, a amá-lo no mais íntimo do seu ser, no seu coração. É aqui que se joga a fidelidade ao amor de Deus. Se Ele é o centro da nossa vida então conseguiremos amá-lo com todo o nosso ser. Ama-lo é a melhor coisa que o

---

<sup>180</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Libermann: un guide pour notre temps*. In *Cahiers spiritains n° 13*. Roma: [s.n.], 1980, p.11.

<sup>181</sup> Cf. L.S., III, 160.

<sup>182</sup> Cf. L.S., II, 153-154.

<sup>183</sup> Cf. L.S., II, 330.

<sup>184</sup> Cf. L.S., II, 166.

<sup>185</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Libermann: un guide pour notre temps*, p.11.

<sup>186</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 47.

<sup>187</sup> L.S., I, 195.

<sup>188</sup> L.S., I, 153.

homem pode realizar durante a sua existência. Libermann não nega o amor a outras realidades, ainda assim, pensa é que essas realidades devem ser amadas por e em Deus<sup>189</sup>.

Desta convicção de Libermann destaca-se o facto de que a vida espiritual não é possível se não concedermos a Deus o primeiro lugar na relação pessoal. A iniciativa é de Deus e, tudo o que é feito pelo homem, é concedido por pura graça de Deus. No seu itinerário espiritual conseguimos verificar uma evolução em relação a esta primazia de Deus<sup>190</sup>.

Até 1940, quando entra no projecto da Obra dos negros, Libermann fala numa linguagem onde predomina a “*fuga mundi*”, Deus é tudo para ele porque é um pobre miserável. Nesta fase, Libermann está a ser moldado para se tornar um instrumento de Deus.

A partir do momento da fundação da obra missionária, ele continua a ter uma perspectiva teocêntrica, mas agora em vista da missão. Deus é a causa da partida dos missionários e, ao mesmo tempo, é o ponto de chegada. Para ele os missionários têm como missão o anúncio do evangelho como libertação, que é o aspecto humano, e como salvação, o aspecto sobrenatural.

No seu artigo, Bernard Tenailleau realça que a primazia que Libermann dá a Deus, não deve fazer pensar que o resto não tem importância. Para ele, os valores humanos têm a sua importância, isto se estiverem ligados à verdadeira fonte que é o próprio Deus. Ou seja, tudo tem importância para Libermann, na medida em que está numa relação de dependência de Deus, porque Ele é que é o ser absoluto<sup>191</sup>.

Este teocentrismo faz criar em Libermann uma necessidade de união a Deus, de submissão total à vontade divina e daí a rejeição de tudo aquilo que pode constituir obstáculo a essa união com Deus.

### **1.1.2 A Renúncia**

A renúncia é a consequência lógica da vontade de querer amar e abandonar-se a Deus de todo o seu coração. Ao admirar a grandeza de Deus o homem toma consciência de que nada pode e que só pode amar a Deus se se renegar a si mesmo.

Libermann fundamenta a sua doutrina da renúncia de si mesmo na passagem evangélica de S. Mateus: «*Se alguém quer seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me*» (Mt 16, 24). É fundamental, para quem quer seguir e amar a Deus, a renúncia de si mesmo. Libermann recomenda, na sua fase de “seminarista”, a renúncia de si mesmo, a

---

<sup>189</sup> Cf. L.S., I, 107-109.

<sup>190</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 179.

<sup>191</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 179.

abnegação, pois, para ele, nós próprios é que somos o grande entrave à acção de Deus na nossa vida. Por isso fala da renúncia de si mesmo. Esta consiste em eliminar toda a espécie de egoísmo que possa existir em nós, tudo o que é vida “natural”, ou seja, aquilo que nos afasta de Deus e do seu amor. Na linguagem de Libermann, diríamos que tudo aquilo que impede e retarda o movimento do Espírito de Jesus, é o que nos impede constantemente de responder ao amor infinito de Deus, pelo dom total do nosso amor.

Outro motivo para a necessidade da renúncia de si mesmo é a necessidade de estar completamente livre e vazio para que Jesus possa entrar e habitar em nós. Ora, sendo Deus tudo e o homem nada, então o homem só pode amar a Deus se este lhe conceder essa graça. Essa graça foi-nos concedida pela encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Nele, nós recebemos o Filho como dom do Pai. A graça de amarmos a Deus é concedida em Cristo, porque Ele vivia só para o Pai, dava-se ao Pai com todas as suas forças, com todo o seu coração, com todo o seu ser. Então o que nós devemos fazer é contemplar Jesus e imitá-lo, deixando-o viver em nós. Diz Libermann: «*Mas fazer o pedido que Jesus viva em nós é (...) pedir que o seu Espírito Santo habite em nós, para estabelecer a vida de Jesus em nós, para fazer-nos viver da vida de Jesus, porque o Verbo da Vida não vive em nós senão pelo Espírito Santo que habita em nós*»<sup>192</sup>. Assim sendo, é o Espírito de Jesus que trabalha em nós e nos leva a Deus. A consciência Paulina de Libermann de que, o homem é templo do Espírito Santo, é muito forte nos seus escritos. Para habitar em nós o Espírito tem de entrar e, para isso, é necessário ter espaço para Ele no coração. Por isso devemos esvaziar-nos de nós mesmos, do que é egoísmo, para que o Espírito Santo possa entrar e habitar em nós. «*É necessário que estejamos absolutamente vazios de tudo o que não é Deus*»<sup>193</sup>. Seria difícil o Espírito habitar em nós se continuássemos a ter uma vida “natural” que não lhe é submissa, nem deixa que o Espírito seja o princípio de vida e da acção da alma.

A um seminarista doente, que lhe pede conselhos, Libermann escreve-lhe em 1836, dando-lhe alguns conselhos para a sua salvação:

«Permaneça nas mãos de Deus como um homem morto e aniquilado (...) Não viva nem sinta senão em Deus e só em Deus. Lembre-se que está cheio do Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que é este Espírito Santo, que quer ser ele só, o princípio e o fim de todos os seus desejos, de todos os seus afectos, de todos os movimentos e tendências da vossa alma. Não tendais mais vida própria, mas deixai-o viver em vós. Não procureis nada nem tendais nenhum movimento por vós mesmo, mas que só ele seja a única vida e o único movimento da vossa alma. É preciso que estejamos inteiramente mortos a

---

<sup>192</sup> N.D., II, 463.

<sup>193</sup> L.S., I, 14.

nós e a todas as coisas, assim sendo a nossa vida será escondida em Deus com Nosso Senhor, a quem nós estaremos intimamente unidos por todas as forças da nossa alma; esta estando inteiramente vazia das criaturas e dela mesma, o Espírito de Nosso Senhor será a vida nela»<sup>194</sup>.

Este texto resume bem a necessidade da renúncia a si mesmo. Esta renúncia inspira-se no tema Paulino da necessidade de morrer para aquilo que nos afasta de Deus. Em Col 3,3, Paulo exorta os cristãos a morrerem para aquilo que não é Deus e que não orienta para Deus, para assim poder viver em íntima união com Deus, a que S. Paulo chama: “vida escondida com Cristo em Deus”.

Os termos renúncia e abnegação são frequentes na linguagem de Libermann, principalmente até 1840 e depois, nas recomendações aos seus missionários. Agostinho Tavares no seu livro, aponta a abnegação como a base do edifício espiritual do missionário<sup>195</sup>. Contudo, para a nossa linguagem os termos renúncia, desapego e abnegação são vistos de forma negativa. Por isso, Tavares faz uma interessante diferenciação e especificação de cada termo, para melhor percebermos o que Libermann pede aos seus ouvintes<sup>196</sup>. Renúncia é dizer não, colocando de lado alguma coisa quando se prefere algo; renuncia-se sempre a outra coisa. Abnegação é um termo ainda mais negativo, pois vai mais à raiz da negação; é negar-se a si mesmo. O ser humano tem direito a ser ele mesmo e a realizar-se, contudo, abnegação é descentrar-se de si mesmo e não se fechar num egoísmo. A abnegação é, em primeiro lugar, «viver um processo de maturação em que a mesmidade se diz na alteridade»<sup>197</sup>. Em segundo lugar, é esquecer-se de si para se dar por completo, sendo um acto de liberdade suprema<sup>198</sup>. Esta é a atitude de Jesus que, no alto da cruz, se dá por amor e salvação dos homens. Libermann usa o termo “renúncia” num contexto de fé num sentido de abnegação e não de psicologia, e tal como Jesus pedia: «Se alguém vem a Mim, e não dá mais preferência a Mim do que ao pai, à mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos, às irmãs e até mesmo à sua própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não toma a sua cruz e não caminha atrás de Mim, não pode ser meu discípulo» (Lc 14,26-27).

O pecado aprisiona o homem no egoísmo e impede-o de amar a Deus. Assim, Libermann pede para nos abirmos ao amor de Deus e enchemo-nos do seu Espírito. Para isso, precisamos de estar totalmente vazios de tudo o que não é Deus. O caminho sugerido por Libermann é a abnegação. «Se a abnegação é necessária para nos fazer evitar o pecado e

---

<sup>194</sup> L.S., I, 214-215.

<sup>195</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 202.

<sup>196</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 202-203.

<sup>197</sup> TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 203.

<sup>198</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 203.

*praticar a perfeição, ela é bem mais necessária ainda para desarreigar as tendências más do nosso coração»*<sup>199</sup>. Não chega evitar o pecado, na perspectiva de Libermann, é necessário combater a sua acção no nosso interior. No fundo, Libermann convida a uma vida de amor e união com Deus, ou seja, a uma vida nova no Espírito Santo.

## 1.2 Docilidade ao Espírito Santo

Segundo Libermann, não é possível que Cristo viva e aja em nós se não formos dóceis ao Espírito Santo, que é o Espírito do Pai e do Filho. O único mestre da alma é Deus, mas o director, é o Espírito Santo. Para ele, este Espírito que age e guia a alma do homem para a santidade a que o Pai a chama é o Espírito de santidade e de amor.

«Sê santo (...) porque o Pai de Nosso Senhor (...) é Santo e porque o seu Espírito que deve viver e agir em ti é Santo (...) Diz não a tudo o que não seja amor (...) Que o Espírito de Jesus possa morar, agir e viver em ti (...) Abandona-te plenamente a este Espírito de (...) santidade, e Ele não só viverá plenamente em ti, senão que a tua vida não será mais a tua, mas a do Espírito de Jesus Cristo, que será tudo em ti»<sup>200</sup>.

É por este Espírito que somos chamados a ser santos, tal como o nosso Pai é Santo. Este era um convite constante que Libermann fazia aos seus correspondentes. Ao conceder-nos o Espírito Santo, Deus dá-nos um imenso dom porque, na fidelidade à escuta interior, somos chamados a ser santos. «*Meu caro, sê fiel ao que o divino Espírito quer fazer em vós, segui-o amavelmente, numa grande humilhação interior diante dele*»<sup>201</sup>.

Ao analisar a espiritualidade de Libermann podemos verificar que ele usa os termos Espírito Santo e Espírito de Jesus no mesmo sentido. Pois ambos se referem ao Espírito Santo. Contudo, ele especifica claramente em algumas passagens a relação de cada pessoa na salvação humana<sup>202</sup>. «*O Verbo de vida não vive em nós senão pelo seu Espírito Santo que habita em nós*»<sup>203</sup>. «*O Espírito Santo reside, no fundo da vossa alma, pela virtude de Nosso Senhor*»<sup>204</sup>.

No comentário ao Evangelho de S. João, Libermann explica: «*O Verbo recebe a plenitude do Espírito Santo de seu Pai; o Pai ama o Filho desde toda a eternidade com este amor substancial; é esta relação essencial que faz proceder o Espírito Santo, do Pai e do Filho; toda esta essência divina é posta na sua mão, isto é: na sua humanidade santa, pela*

---

<sup>199</sup> E.S., 467.

<sup>200</sup> L.S., I, 301.

<sup>201</sup> L.S., II, 407.

<sup>202</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 200.

<sup>203</sup> L.S., II, 516.

<sup>204</sup> L.S., I, 222.

*união hipostática com o Verbo, para ser distribuído aos homens»*<sup>205</sup>. Por outras palavras, é o amor de Deus para com o seu Filho que, pelo Espírito Santo nos é proposto penetrar em nós e “bate à porta do nosso coração”. É preciso, portanto, abrir este coração à acção do Espírito Santo «*que quer ligar-se e que quer encher com a sua própria luz e com a sua própria virtude»*<sup>206</sup>, «*que quer fazer tudo em nós»*<sup>207</sup>, que «*quer ser ele só o nosso mestre absoluto e único móbil da nossa alma»*<sup>208</sup>. Libermann concebe a acção do Espírito como alguém que bate à porta do nosso coração. Na sua liberdade, o homem deve abrir essa porta e deixar entrar. Diz ele a um seminarista:

«Penso e estou bem persuadido que para se ser perfeito é preciso que estejamos absolutamente vazios de tudo o que não é Deus. O Espírito Santo bate a todo o instante à porta do nosso coração: nós desejamos ardentemente que Ele entre e por causa deste desejo abrimos-lhe a porta, mas como pode ele entrar se não encontra lugar, se o nosso coração que deve tanto pertencer-lhe, está cheio de afeições inimigas? Ele é obrigado a ficar fora e tem a inconcebível bondade de esperar até que se abra um pequeno lugar à medida que nós nos desembaracemos destas miseráveis afeições»<sup>209</sup>.

Não basta só abrir o coração, é necessário tê-lo livre para que Ele possa agir nele. Esta é uma das imagens que Libermann usa para falar do Espírito Santo. Outras são usadas para descrever a atitude que devemos ter diante do Espírito de Deus: ser como uma criança que espera tudo de sua mãe, ser como a argila nas mãos do oleiro, ser como uma estátua nas mãos do escultor, ser como o ferro nas mãos do ferreiro, ser como uma pena de ave ao sabor do vento. No comentário que fez ao Evangelho de S. João, Libermann deixou-nos esta maravilhosa oração: «*Santo e adorável Espírito, fazei-me escutar a vossa amável voz, refrescai-me com o vosso divino sopro. Quero ser para vós como leve pena, a fim de que o vosso sopro me leve para onde quiser e eu não lhe ofereça a menor resistência»*<sup>210</sup>. A atitude de deixar-se moldar e formar pela acção do Espírito é essencial.

Esta acção do Espírito é querida pelo próprio Cristo, que quer unir-nos a Ele pelo dom do seu Espírito: «*Ele tomou bem as suas precauções para que estejamos em todo o tempo em perfeita união com Ele, dando-nos o seu Espírito Santo, que é o consumidor de toda a santidade»*<sup>211</sup>. Este Espírito de Jesus, age em nós se nós formos plenamente dóceis. Nesta ordem de ideias, Jesus Cristo produz em nós os mesmos sentimentos que estão nele: «O

---

<sup>205</sup> C.S.J., 119.

<sup>206</sup> L.S., I, 294.

<sup>207</sup> L.S., I, 327.

<sup>208</sup> L.S., I, 141.

<sup>209</sup> L.S., I, 34.

<sup>210</sup> C.S.J., 89.

<sup>211</sup> L.S., I, 52.

*Espírito Santo agiria em nós com toda a força e toda a extensão da sua graça e o nosso interior seria uma representação perfeita do interior de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque todos os nossos desejos, todas as nossas afeições e todos os nossos amores seriam os desejos, as afeições e os amores de Jesus no seio do seu Pai»<sup>212</sup>. Obter a conformidade de Jesus Cristo no seio de seu Pai é ao que tende toda a acção do Espírito Santo em nós. É, portanto, no coração da vida da Trindade que somos convidados a penetrar: o Filho de Deus inteiramente dado a seu Pai, animado e movido pelo Espírito na humanidade a que ele se uniu pela Encarnação.*

Para Libermann, o Espírito Santo “impõe-se” especialmente ao recebermos a Eucaristia, pois é aí que Cristo nos dá o seu Espírito da maneira mais perfeita: *«No Santíssimo Sacramento ele comunica-nos uma tão grande plenitude do Espírito Santo e um tão grande dom de amor e de união, que infalivelmente morreríamos se o víssemos claramente»<sup>213</sup>. «A santa comunhão não deixa de produzir em nós efeitos incompreensíveis de graças, de bênçãos e de luzes: ela dá-nos uma grande abundância do Espírito Santo, que é preciso tentar reter em nós»<sup>214</sup>. A humanidade de Jesus está cheia do Espírito Santo e a Eucaristia dá-nos o seu Corpo e o seu Sangue. Este Espírito que faz a unidade de amor entre Jesus e seu Pai. Este sacramento tem por fim *«transformar-nos no seu próprio amor; Ele quer tornar-nos um em seu Pai. O Pai está nele e ele vem ter convosco afim de que sejamos consumados nele e em seu Pai que são um só»<sup>215</sup>. Temos aqui um eco certo das palavras de Jesus a seu Pai: «Eu neles como tu em mim, para que eles sejam consumados na unidade» (Jo 17,23) e ainda: «que o amor com que me amas esteja neles e eu nele» (Jo 17,26).**

O Espírito Santo foi uma descoberta que Libermann foi fazendo através da sua experiência pessoal e através da direcção das almas que lhe estavam confiadas. Depois da sua conversão, Libermann tenta viver o dinamismo da sua fé na docilidade ao Espírito Santo, quer na sua vida interior, quer no seu apostolado diário. Para ele esta docilidade baseia-se numa confiança e disponibilidade interior à acção do Espírito. Deste modo, a disponibilidade ao Espírito Santo é vivida pelo missionário na vida pessoal, interior, mas também em todas as suas actividades exteriores. Na vida interior é necessário ter consciência da presença do Espírito e deixar-se conduzir por ele, sem nunca o preceder. Para isso, o missionário deve manter à sua volta um ambiente de paz, de silêncio, controlo dos impulsos, viver da graça

---

<sup>212</sup> L.S., I, 422.

<sup>213</sup> L.S., I, 52.

<sup>214</sup> L.S., I, 83.

<sup>215</sup> L.S., I, 51.

presente e saber esperar o momento de Deus. Deve trabalhar na busca do esvaziamento de si mesmo, para que pela ascese, consiga deixar o Espírito agir na sua alma. Contudo, esta atenção à acção do Espírito não deve ser só interior mas também nas actividades exteriores, Libermann chama a esta constante atenção ao Espírito Santo na vida apostólica de “união prática”. A fidelidade ao Espírito Santo não exclui a oração pessoal, onde o missionário se encontra a sós com Deus. Libermann realça ainda a importância da oração comunitária. Não é só à mesa que os missionários se encontram, é essencial o encontro em oração comunitária. Uma comunidade unida na caridade é sinal da presença do Espírito Santo.

A acção do Espírito nas almas, varia de alma para alma. Ele não age da mesma forma com todas. Age sempre com amabilidade e com força para nos levar à perfeita união com Jesus, para nos santificar. Por sua vez, o cristão tem de consentir a acção do Espírito e colocar a sua confiança e esperança em Deus. O tempo de abnegação que viveu em Issy e em Rennes, revela esta sua grande docilidade ao Espírito Santo, no seu caminhar espiritual.

Na missão, o protagonista é o Espírito Santo. Só por ele podemos realizar as maravilhas e os desígnios de Deus, pois os missionários são meros instrumentos de quem o Espírito Santo se serve<sup>216</sup>. Na medida em que se deixa iluminar por esta convicção, o missionário vive a missão numa atitude de abnegação, humildade, confiança, paz, serviço e de total docilidade e abandono ao espírito, sendo capaz de ter esperança mesmo nas situações mais difíceis. Se o missionário vive a missão apoiado nas suas próprias forças, dificilmente Deus se servirá dele para tocar os corações. Insiste Libermann: *«Só a graça pode agir sobre as pessoas (...) Se em vez de nos mantermos como instrumentos dóceis para receber e comunicar as impressões do Espírito, não transmitimos senão o fruto das nossas ideias (...) Enchamo-nos, pois, do Espírito de Deus»*<sup>217</sup>.

### **1.2.1 Discernimento da acção do Espírito Santo**

O Espírito Santo é o guia da alma. Para que ele possa agir, a alma tem de consentir a acção do Espírito, seguir os seus movimentos. Desta necessidade revaloriza-se o abandono à acção do Espírito que se manifesta no fundo da nossa alma, no profundo recolhimento de nós mesmos. O que a alma deve fazer é deixar-se possuir e animar.

*«O grande princípio do qual não devemos afastar-nos, é no agir em todas as coisas segundo a boa vontade de Deus e de nada fazer a não ser pelo movimento da divina graça,*

---

<sup>216</sup> Cf. C.S.J., 739.

<sup>217</sup> R.P., 9-10.

*que está em nós»<sup>218</sup>. Na experiência de docilidade ao Espírito Santo a doutrina do abandono é muito importante. Libermann vive este abandono no caminho pascal do seguimento de Jesus, que visa libertar a acção do Espírito em nós, para que possamos chegar à íntima união com Cristo. «Esvaziai-vos de vós mesmos. Em tudo, vede somente Deus (...) deixo ao Espírito de Jesus o cuidado de instruir-vos no fundo do vosso interior. Escutai-o e sede dóceis à sua voz. Apartai-vos das criaturas e esquecei-vos de vós mesmos, em grande paz, calma interior e suave vigilância, na presença d'Aquele que vos penetra e enche do seu Espírito de santidade»<sup>219</sup>. Ora, para que a alma atinja este profundo abandono, tem de ultrapassar um grande obstáculo que é o seu egoísmo. Este egoísmo é uma perturbação à proximidade do homem com Cristo. O próprio Libermann experimentou-o e se não estivesse em paz consigo mesmo e aberto à alteridade, não seria capaz de abandonar-se totalmente à acção do Espírito Santo.*

Libermann valoriza ainda a necessidade de saber discernir a acção do Espírito, se estamos a ser dóceis ao Espírito Santo ou se estamos somente a corresponder aos nossos caprichos. Nas suas cartas de direcção espiritual ele dá alguns conselhos de como se deve discernir a acção do Espírito Santo em nós. Quando se trata do Espírito Santo «*a alma arde, e no meio desse fogo, ela é levada, unida a Deus, sem desordem, inquietação, agitação, irritação ou amor-próprio, com um movimento de humildade de si mesmo diante de Deus, no seu interior e diante de todas as criaturas*»<sup>220</sup>. Ao comentar o evangelho de S. João «*Eu sou o caminho*» (Jo 14,6), Libermann diz que só o Espírito Santo nos faz andar neste caminho. Jesus deixou-nos o Espírito para que nós sejamos conduzidos, por Ele, neste caminho que é o próprio Cristo. Quando não se trata do Espírito Santo, é a natureza que inspira a acção e é o espírito que recebe o impulso. A experiência cristã do próprio Cristo indica-nos que a presença do Espírito percebe-se pela percepção e convergência de sinais, que são fruto dessa mesma presença (cf. Lc 4,18-19). Para Libermann os critérios supremos desta presença são a humildade de coração e uma vontade fervorosa. Pela sua experiência pessoal, aponta ainda a oração e a direcção como meios de ajuda a este discernimento. Libermann diz que o aconselhamento feito pelos directores, no discernimento espiritual, deve partir da experiência pessoal que cada um faz da docilidade ao Espírito Santo, tal como ele fazia com os seus ouvintes.

---

<sup>218</sup> L.S., I, 65.

<sup>219</sup> L.S., I 443-446.

<sup>220</sup> L.S., II, 598-599.

### 1.2.2 Frutos da acção do Espírito

A docilidade ao Espírito Santo não pode ser vivida de qualquer maneira pois, como vimos no final do ponto anterior, ela submete-se a alguns critérios para discernirmos se realmente é a voz do Espírito que escutamos. A veracidade da acção do Espírito Santo na vida dos cristãos é confirmada sobretudo pelos frutos que essa acção provoca neles. Influenciado por S. Paulo, Libermann apresenta os seguintes frutos como sinais da presença do Espírito: a humildade de coração, a amabilidade, o abandono interior, a paz, vontade fervorosa e a alegria.

«Ele (o espírito) comunica ao vosso coração a amabilidade e a humildade da qual o Divino Mestre nos deu o exemplo. Oh! Como esta amabilidade e humildade de coração são importantes e poucos as possuem (...) Aquele que não possui estas duas grandes virtudes santificadoras (...) só o Espírito de Jesus as pode amar, este Divino Espírito é frequentemente substituído pelo espírito próprio e algumas vezes pelo espírito das trevas»<sup>221</sup>.

Esta docilidade ao Espírito Santo deve englobar toda a vida do cristão e não só a vida interior. Quando Libermann fala da docilidade podemos verificar dois tipos de docilidade à escuta do Espírito<sup>222</sup>: uma docilidade interior, onde o Espírito Santo é a alma da nossa alma; e uma docilidade exterior, especialmente na vida missionária em particular e na vida apostólica em geral, pois o Espírito Santo é também a alma da Igreja. Assim, Libermann não abrange só a vida interior dos seus missionários, mas consegue chegar ao concreto das suas vidas, à sua acção apostólica. Em tudo isso a docilidade ao Espírito deve ser o diapasão que incute nos missionários não só os desígnios de Deus mas, sobretudo, a maneira de agir do próprio Cristo.

Libermann convidava os seus missionários a configurarem a sua vida à de Cristo, para que a Boa Nova que anunciassem não fosse a deles, mas sim a de Cristo. A docilidade ao Espírito Santo na vida apostólica verifica-se pelos seguintes frutos: paciência, amabilidade, paz interior e o saber esperar o momento de Deus. Em resumo, verifica-se num zelo missionário que provém da caridade de Cristo.

«A paz dá ao zelo uma qualidade que ele deve ter sempre, uma grande suavidade. O ardor com o qual é preciso abraçar tudo o que pode procurar a Glória de Deus, não deve impedir-nos de manter a amabilidade interior, a qual deve derramar e surgir em toda a nossa acção, que deve ser amável como a do nosso Divino Mestre»<sup>223</sup>.

A docilidade ao Espírito Santo verifica-se na sua plenitude na vida apostólica, «*essa vida de amor e de santidade que o Filho de Deus levou na terra, para salvar e santificar as*

---

<sup>221</sup> N.D., XIII, 144.

<sup>222</sup> Cf. GAY, Mgr Jean – *Libermann: Juif selon l'Évangile 1802-1852*, p. 280.

<sup>223</sup> N.D., II, 286-287.

almas, e pela qual se sacrificou continuamente à glória do Pai para a salvação do mundo»<sup>224</sup>.

### 1.3 O encontro com Cristo

Libermann tem a profunda convicção de que Deus é tudo e que tudo lhe deve ser dado. Da mesma forma afirma que Cristo é tudo, pois o teocentrismo de Libermann é cristológico<sup>225</sup>. Jesus Cristo é o Filho bem-amado do Pai e é por Ele que Deus nos é dado. Jesus Cristo é o único mediador entre o homem e Deus. É por ele que participamos da vida em Deus. Jesus é o enviado do Pai, que por sua vez nos envia como seus missionários (cf. Jo 20,21). Estando unidos a Cristo possuímos a vida em Deus.

Como já referimos várias vezes, as vivências espirituais de Libermann marcam muito a sua espiritualidade, por isso a sua Cristologia não é diferente. Muitos dos que conviviam com Libermann destacavam o seu testemunho de homem de Deus. Le Vavassuer destaca de Libermann o seguinte: «*Ele tem uma calma, uma força, uma paciência, uma coragem que é toda de Deus. Não é um erudito, não é um grande orador, mas ele tem muito mais do que isso: ele tem o Espírito e a vida de Jesus nele*»<sup>226</sup>. A experiência que fez de Cristo é o que erradia e fascina as pessoas que vivem e a ele se confiavam espiritualmente.

A experiência religiosa que o faz encontrar face a face com Cristo é a sua conversão. Libermann vai exprimir a sua experiência através da linguagem e das categorias da “escola francesa” de espiritualidade, que encontrou em S. Sulpício, em Issy e em Rennes. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Libermann teve contacto com o pensamento dos grandes nomes desta “escola”, nomeadamente Bérulle, Olier e João Eudes. Apesar do contacto e destes o terem ajudado a compreender o que vivia, Libermann tem o seu pensamento original em relação a estes autores. Pierre Blanchard, destaca que Libermann evita os grandes defeitos dos bérulianos e sobretudo comunga as grandes virtudes: «*(...) de Bérulle, o rigor teológico do princípio cristocentrico com todas as suas aplicações, o calor experimental e fogo de Olier, o fervor apostólico e missionário de João Eudes, sem esquecer o carisma sacerdotal do Pe. Condren*»<sup>227</sup>. Apesar de toda esta influência na cristologia, Libermann tem o seu toque pessoal valorizando, sempre, a sua experiência pessoal. Tal como S. Paulo, Libermann é alcançado por Cristo (cf. Fil 3,12). Ele não se converte a Deus mas

---

<sup>224</sup> N.D., X, 505.

<sup>225</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 181.

<sup>226</sup> N.D., Compléments, 152.

<sup>227</sup> BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 217.

antes a Cristo porque ele nasce e vive num meio de fé. A sua conversão foi também uma experiência forte da gratuidade do amor de Deus.

### 1.3.1 Configuração e comunhão com Cristo.

Em muitas das suas cartas, Libermann realça a necessidade da primazia de Cristo nas almas dos seus correspondentes. Quando se refere a Deus, tem em mente as três pessoas da Trindade, cada uma com o seu lugar no interior do mistério trinitário. Noutras vezes, quando se refere a Deus, Libermann tem em mente o próprio Cristo. Ele é «o verdadeiro caminho, verdade e vida» (Jo 14,6) e Ele atrai-nos a si para podermos partilhar da vida em Deus. Em 1839, Libermann escreve um verdadeiro hino à primazia de Cristo, de inspiração paulina e beruliana:

«Que Jesus e Maria sejam a vossa esperança e o vosso amor, não vos alegreis senão de Jesus, não suspireis que depois de Jesus, não tenhais coração, alma, corpo, vida e existência a não ser para Jesus e em Jesus. Quando estará ele plenamente na vossa alma? Acredito que Ele vos encha deste desejo e eu alegro-me com isso. Viverá em vós, assim o espero; vivei também Nele, não vos contenteis com o desejo de estar sempre ocupados de Nosso Senhor Jesus, mas acrescentai o desejo ainda maior e mais brilhante de O possuir na vossa alma, e sereis possuídos vós mesmos, para que ele seja a vida e a alma da vossa alma, para que não tenhais mais acção, sentimento, desejo, afecto, vontade, mas que seja Jesus que vos anime em todas as operações interiores e exteriores da vossa alma»<sup>228</sup>.

Libermann aconselha a que Jesus seja, realmente, o centro da vida e sobretudo que seja a alma da alma. O homem tem por isso que abandonar-se e colocar-se numa total disponibilidade à acção de Deus. Ou seja, tem de aderir a Jesus. Libermann aponta dois meios para atingir essa adesão: o espírito de oração contínua e a paz da alma.

A presença de Jesus na alma é uma presença activa e dinâmica que se adapta a cada alma<sup>229</sup>. Cristo não se limita a atrair-nos a Ele, Cristo quer fazer-nos participar da sua vida. Libermann insiste no facto de que o próprio Cristo quer viver em nós a sua própria vida, através dos “estados” que caracterizaram a própria vida de Cristo<sup>230</sup>. Aqui, Libermann comunga do fundamental da “escola francesa”. Jesus em nós, realiza a sua função de mediador, que é essencial numa missão redentora. Desta acção de Jesus na nossa alma resulta uma maior união a Ele. Libermann identifica, no seu comentário ao evangelho de S. João, três momentos no movimento da alma ao encontro do Cristo<sup>231</sup>. Contudo, esta actividade não se

---

<sup>228</sup> N.D., II, 197-198.

<sup>229</sup> Cf. C.S.J., 625.

<sup>230</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 183.

<sup>231</sup> Cf. C.S.J., 50.

esgota só na relação da alma com Jesus e vice-versa, a actividade continua na doação de si mesmo aos outros. «*Quando Jesus viver plenamente em vós, então ele mesmo vos fará trabalhar a salvação dos outros*»<sup>232</sup>.

Para chegarmos à perfeita união com Cristo devemos participar dos Mistérios do Homem-Deus. Para Blanchard, o que permite esta participação é a realidade ontológica do Corpo Místico. Diz Libermann: «*Deus Pai não vê mais na natureza humana que uma só e mesma pessoa com o seu Filho*»<sup>233</sup>. Este Corpo Místico surge em consequência do Mistério da Encarnação de Jesus Cristo. Todos os Mistérios de Cristo têm por finalidade o restabelecimento da união do homem com Deus, pela comunicação da vida divina. Por isso, a vida cristã não é nada mais do que o exercício desta união. A perfeição é atingida quando a união passa a ser um estado<sup>234</sup>.

Nos tempos de fundador, Libermann deixará de colocar o acento no Mistério da Encarnação para virar a sua atenção para o mistério apostólico da vida de Jesus, onde realça a imolação pascal para a salvação mundo. Libermann realiza esta mudança para aconselhar os seus missionários a procurarem uma união prática com Jesus. Esta união prática consiste, não só numa união interior, mas em deixar Jesus ser a alma da nossa alma, é sobretudo, procurar uma imitação, uma configuração total com a acção apostólica de Jesus. Os missionários devem assumir uma grande semelhança com Cristo Salvador. Para Libermann a união prática é a vida apostólica que deve ser vivida no respeito da vontade de Cristo e alimentada pelos sentimentos do mesmo Cristo<sup>235</sup>.

A santidade a que o missionário é chamado não deve ser inventada por cada um. Ela já existe e foi vivenciada na perfeição por uma pessoa, Jesus Cristo. A santidade de cada um deve ser vivida à imagem de Jesus Cristo<sup>236</sup>. Devemos num primeiro momento descobri-la, estudá-la e depois imitá-la. Esta descoberta é feita sob a influência do Espírito Santo que nos faz penetrar nas intenções de Cristo e ajuda-nos a discernir os movimentos da pessoa de Cristo<sup>237</sup>. A alma tem de consentir a acção de Deus.

---

<sup>232</sup> N.D., III, 257.

<sup>233</sup> E.S., 51.

<sup>234</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 222.

<sup>235</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 183.

<sup>236</sup> Cf. L.S., II, 22.

<sup>237</sup> BLANCHARD, Pierre – *Libermann: un guide pour notre temps*, p. 15.

### 1.3.2 Cristo e a inseparável presença de Maria

A presença de Maria na vida de Libermann é notória e evidente, não só pela importância dos acontecimentos ocorridos em lugares marianos e da presença mariana no itinerário espiritual, mas sobretudo, pelo modelo que Maria era para Libermann. É no momento do seu baptismo que Libermann descobre Maria. Quando recebe a água do baptismo imediatamente acreditou e amou a Maria<sup>238</sup>. Assim, ele incluirá o nome de Maria no seu próprio nome. Este amor a Maria iluminará toda a sua vida. Nas suas cartas, sobretudo as do tempo de S. Sulpício e de Rennes, fala dela constantemente.

É para Jesus e para Maria que Libermann orienta os seminaristas de que era director espiritual. Ao longo dos seus anos de seminário vai descobrindo o lugar particular que Maria tem no Mistério da Salvação. Ela é a mãe de Jesus, o Filho de Deus.

Libermann vai contemplar a disponibilidade e a fidelidade de Maria. Para ele, Maria é um modelo de união a Cristo, não só por ser mãe de Jesus e nela o Verbo ter incarnado, mas também pela vida de santidade e de riqueza interior. Maria, em todos os Mistérios de Cristo, procura viver uma íntima união com Jesus Cristo para que Cristo viva nela.

«Seria algo grandioso, amável e admirável, se o Espírito Santo realiza-se nas nossas almas esta união santa com Jesus em Maria, e com Maria em Jesus. Que Jesus viva em nós como Ele viveu em Maria, que estejamos unidos a Maria assim como ela esteve unida a Jesus, uma união de desejo, de amor, de vontade e de vida. Que sejamos cegos, aleijados e aniquilados em nós mesmos e por nós mesmos, e que o Espírito de Jesus seja todo o movimento e vida em nós, para nos unir e nos fazer uma só coisa com Ele, em Maria, por Maria e com Maria»<sup>239</sup>.

Em Maria, Libermann contempla sobretudo a vida de Jesus em Maria pelo seu Espírito. A prece de Libermann é quase sempre dirigida a Jesus, que Ele viva na sua alma tal como Ele vivia em Maria, numa união íntima.

Ele adquiriu a sua devoção ao Coração de Maria, bem antes da sua passagem por Rennes. Essa devoção vinha-lhe por influência da “escola francesa” em S. Sulpício e pela influência do Pe. Degenetes. Numa carta a este pároco, ele faz uma revisão da presença de Maria no despontar e na construção da Sociedade do Imaculado Coração de Maria. O próprio confessava que a sua adesão ao projecto da “Obra dos negros” deveu-se à intervenção que o Imaculado Coração de Maria terá quando ele estava em Rennes. Foi no dia 28 de Outubro de 1839, uma data desde então muito querida para os espiritanos, que uma pequenina luz se

---

<sup>238</sup> Cf. N.D., I, 99.

<sup>239</sup> L.S., II, 424-425.

acendeu no seu espírito. Ele evocará sempre esse dia como um dos mais felizes da sua vida<sup>240</sup>. Em carta dirigida ao P. Desgenettes, Libermann confessa: «*Desde o começo desta difícil empresa, a nossa confiança estava nos favores do Coração da nossa amantíssima Mãe. (...) eu sentia em mim um pulso forte e um sentimento de confiança muito grande no Imaculado Coração de Maria*»<sup>241</sup>.

Decidido a deixar os eudistas para se unir à Obra dos Negros, Libermann deixou o noviciado de Rennes a 1 de Dezembro de 1839. Vai a Roma com a intenção de obter a opinião do papa sobre o projecto. Para ele a decisão tomada seria a voz da vontade divina. A caminho de Roma, chegou a Lyon a 7 de Dezembro, pedindo hospitalidade à família Ozanam, enquanto esperava por aquele que o devia acompanhar a Roma, Maxime de la Brunière. No dia seguinte, 8 de Dezembro, Libermann juntou-se à multidão para participar na peregrinação de Nossa Senhora de Fourvière.

É Tisserant quem nos conta no seu “Memorial”<sup>242</sup> que foi durante esta peregrinação que Libermann ficou curado das suas dúvidas e hesitações, recuperando a paz e a certeza sobre a sua entrega definitiva à Obra dos Negros. «*A Santíssima Virgem fez-me recuperar a calma e comunicou-me por sua divina vontade a força de continuar e a força de suportar com vontade firme todos os desprezos dos homens*»<sup>243</sup>.

Em Roma, aguardando que “o muro caia”, ou seja, que os obstáculos se aplanem, pois estava à espera de uma resposta da Propaganda da Fé, Libermann começa a redigir nas águas furadas da Via del Pinacolo, onde estava hospedado<sup>244</sup>, a Regra Provisória da sua futura Congregação. Traça o plano geral, esforça-se por escrever, contudo parecia impossível formular uma ideia. Na carta escrita ao Pe. Degenettes, Libermann relata que não conseguia escrever essa Regra e decide fazer uma visita às sete Igrejas dedicadas a Nossa Senhora, em Roma. Quando regressou a casa prontamente conseguiu escrever a Regra Provisória<sup>245</sup>.

Outro momento importante foi depois da peregrinação de Libermann a Nossa Senhora do Loreto. Expôs a Nossa Senhora as dificuldades que a aprovação da sua obra encontrava e, quando regressou a Roma, encontrou nas suas águas furtadas uma carta do Prefeito da Propaganda que manifestava a sua opinião favorável à aceitação do projecto da Obra dos

---

<sup>240</sup> Cf. N.D., I, 661.

<sup>241</sup> L.S., III, 361.

<sup>242</sup> Cf. N.D., I, 670-671.

<sup>243</sup> N.D., I, 670-671.

<sup>244</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Libermann: un guide pour notre temps*, p.14.

<sup>245</sup> Cf. L.S., III, 364.

Negros. Tinha também uma carta do Bispo de Estrasburgo que se propunha ordená-lo sacerdote, condição indispensável para obra ser aceite pela Santa Sé<sup>246</sup>.

Maria foi muito importante nas primeiras vocações da Congregação. Tal facto é relevante por vários acontecimentos. Foi na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias onde Libermann celebrou a sua primeira missa com a comunidade nascente. Nesta Igreja encontra, por acaso, o Pe. Remi Bessieux, que se junta imediatamente à comunidade e que virá a ser o fundador da missão do Gabão. Ali encontra também os primeiros membros da Congregação, Frederico Le Vasseur e Eugénio Tisserant, já ligados a Nossa Senhora das Vitórias, Collin e outros membros de S. Sulpício. É também de Nossa Senhora das Vitórias que parte para a ilha Maurícia o primeiro missionário de Libermann: o P. Laval.

Para Libermann a vida apostólica é «*a vida toda de amor e santidade que o Filho de Deus levou sobre a terra para salvar e santificar as almas e pala qual se sacrificou pela glória de seu Pai*»<sup>247</sup>. Ora diz ele:

«Este espírito apostólico onde o poderemos encontrar mais perfeito e mais abundante, junto de Nosso Senhor, senão no Coração de Maria, eminentemente apostólico e inflamado de desejos pela glória de Deus e salvação das almas? (...) Maria, no seu recolhimento, teve como missão dirigir os Apóstolos, comunicar-lhes o seu espírito apostólico e atrair às almas as graças de conversão e santificação (...) Devemos, pois, considerar o Coração de Maria como o modelo perfeito do zelo com que devemos ser devorados e como uma nascente abundante onde devemos ir bebê-lo»<sup>248</sup>.

Libermann não hesita em propor Maria como modelo de vida dos seus missionários, modelo de união que deve existir entre a alma dos missionários e Jesus, principalmente devido à vida de oblação e de ternura que caracteriza o seu coração de mãe. No momento da “fusão”, Libermann saberá explicar aos seus missionários que a consagração ao Espírito Santo em nada diminui aquela feita anteriormente na obra do Imaculado Coração de Maria<sup>249</sup>.

«Os missionários terão em consideração o imaculado Coração de Maria como um modelo perfeito de fidelidade a todas as inspirações do Divino Espírito e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica. No Coração, eles encontrarão refúgio no qual terão auxílio nos seus trabalhos e dificuldades, e a ele abrirão o seu coração, com uma confiança de criança, nas suas fraquezas e tentações»<sup>250</sup>.

---

<sup>246</sup> Cf. L.S., III, 364-365.

<sup>247</sup> N.D., X, 505.

<sup>248</sup> R.P., 161.

<sup>249</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 185.

<sup>250</sup> N.D., X, 568.

O comentário<sup>251</sup> que Libermann faz à oração do Pe. Condren, “*Ô Jesus vivendo em Maria*”, está envolto, não só de uma teologia mariana pura, mas também expressa a sua autêntica experiência mariana. Esta consiste na união a Jesus, na íntima identificação com Ele, da sua transfiguração Nele e numa fidelidade absoluta ao Espírito Santo para Glória de Deus. A experiência mariana do cristão é cristológica uma vez que está orientada para a vida de Jesus em nós. Mas é também uma experiência trinitária, pois imitando Maria, o cristão une-se a Jesus Cristo pelo Espírito Santo para Glória do Pai.

## **2. Espiritualidade do Deus Vivo**

A importância que a experiência pessoal tem na espiritualidade de Libermann está bem nítida ao longo do seu itinerário espiritual. Contudo, esta experiência só tem importância graças à convicção bíblica de que Deus age na história e na vida dos homens. Os aspectos importantes da espiritualidade de Libermann interligam-se neste aspecto.

Libermann não é um teórico da teologia mística, mas antes um prático da direcção espiritual, e nunca se afasta do realismo funcional. Ele valoriza uma vida espiritual construída pela reflexão sobre a experiência e não pelos manuais de ascese. Desaconselha ainda os esquemas espirituais, pois cada um deve abrir-se à graça do Espírito Santo e reflectir sobre a sua experiência de vida<sup>252</sup>.

Mais do que colocar regras à vida espiritual, Libermann realça a importância de deixar agir a graça e possuir atitudes interiores que facultem a acção da mesma. No tempo em que esteve no seminário de S. Sulpício, Libermann referia-se muito a Olier, porém aconselhava os alunos valorizarem mais o espírito das palavras do que as palavras em si<sup>253</sup>.

A partir da sua experiência pessoal, Libermann tem fé na acção de Deus na história humana e fé de que os acontecimentos são lugares privilegiados para a percepção da acção de Deus. Desta certeza surge uma “doutrina” sobre a providência e a sua acção na vida do cristão.

---

<sup>251</sup> Cf. N.D., II, 456ss.

<sup>252</sup> Cf. L.S., II, 588.

<sup>253</sup> Cf. L.S., II, 329.

## 2.1 Deus age na história de forma imprevisível

Como foi referido várias vezes, na vida espiritual de Libermann, Deus está sempre no centro de tudo o que ele pensa, faz e reza. Contudo, esta presença não é um ponto de atracção na sua vida, mas é muito mais do que isso, pois é Deus que caminha ao lado do homem e que intervém na vida do homem. Deus é um companheiro vivo e dinâmico que através dos acontecimentos da história manifesta a sua vontade. Esta convicção vem desde a experiência religiosa e continua depois da sua conversão. O Deus de Israel que caminhava com o seu povo e o conduzia pelos Seus caminhos é o mesmo Deus que continua hoje a caminhar com a Igreja. A promessa que o próprio Cristo fez, *«eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos»* (Mt 28,20) dá continuidade à promessa feita ao povo de Israel. O Deus de Libermann é o Deus da história da Salvação que se revelou em Jesus Cristo. É notório que para Libermann, Deus não é um ser distante, mas sim um Deus vivo. Ele está presente na vida dos homens e serve-se dos acontecimentos para se manifestar.

Esta acção de Deus é gratuita e imprevisível e não depende do homem mas apenas do amor de Deus. Por isso, Libermann não aconselhava nem esquemas nem doutrinas espirituais, mas sim que cada um procurasse perceber e concretizar esta acção de Deus na sua vida. Se cada sujeito é diferente e singular, a acção de Deus é única em cada um. Deus ama todos os homens de forma absoluta, porém ama cada homem como um ser único. Daí a necessidade de cada um abandonar-se, viver na paz e na confiança. Aquele que vive totalmente abandonado e confiante em Deus será capaz de verificar a acção de Deus na sua vida.

A vontade humana é importante no sentido em que é ela que se dispõe à acção amorosa de Deus, pois é Ele que nos atrai a Si e nos transforma<sup>254</sup>. *«Vivificando-nos pelo seu Espírito Santo, Deus une-nos com ele, sem que, por nossa parte nós façamos alguma coisa mais do que dispormo-nos, e estando dispostos não resistir»*<sup>255</sup>.

Desta sua convicção surge a atitude de disponibilidade. Tendo confiança Naquele que tudo pode e que é tudo, o homem tem de viver num constante abandono e paz, sem impaciência. Isto porque a acção de Deus é imprevisível e só aquele que espera e confia Nele é capaz de perceber o seu momento.

Dezoito meses antes da sua morte, Libermann escreve ao Pe. Le Vavasseur: *«eu nunca consegui realizar um plano que tivesse sonhado; sempre realizei, como que por encantamento, no meio de cruzes e de sofrimentos, tudo o que nos era trazido*

---

<sup>254</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 180.

<sup>255</sup> E.S., 480.

*providencialmente*»<sup>256</sup>. Desde a sua conversão Libermann faz esta experiência da acção imprevista de Deus na sua vida. A sua conversão é tudo menos algo previsível. Em menos de dois anos Libermann cai numa crise de fé e passado algum tempo, é arrebatado por Cristo. Tal como com S. Paulo, é Cristo que vem ao seu encontro apesar de já O procurar.

Libermann vê a sua doença como um convite de Deus ao abandono, para que ele se esvazie de si mesmo, para que apenas Cristo possa habitar nele. Quando ele tem a crise de epilepsia o seu caminho parece decidido, contudo por caridade Libermann é acolhido como jardineiro e depois ajudante de ecónomo em Issy. A sua vocação missionária também é um exemplo desta acção imprevista de Deus na sua vida. Ele que no início é um mero conselheiro espiritual dos mentores do projecto, será mais tarde ele o escolhido para iniciar o projecto apresentando-o em Roma em 1839. O seu principal objectivo nesta viagem a Roma é essencialmente conhecer a vontade de Deus a respeito da obra<sup>257</sup>. É importante referir que o percurso feito por Libermann para chegar ao sacerdócio, e mesmo a sua própria ordenação, em 1841, é um caminho cheio de imprevistos.

Depois da perda dos missionários na Guiné, Libermann tenta perceber os sinais que Deus lhe quer comunicar:

«O que concluir destes desígnios de Deus? Ele manifestar-nos-á os seus desígnios no tempo devido, entretanto, creio ver nisto tudo que a sua bondade deve reduzir-nos, fazer-nos ver que precauções devemos ter nos nossos esforços e que valor dar às pessoas. Confio-vos, Monsenhor, que eu não ousou afligir-me com estes infortúnios nem dos embaraços que temos, porque estou convencido que tudo isso tem lugar no projecto de misericórdia sobre nós e sobre este pobre povo do qual estamos encarregados de evangelizar»<sup>258</sup>.

A “catástrofe” da Guiné é uma dura provação. Libermann começa a conceber a necessidade de formar um clero africano, de estabelecer uma igreja autóctone. A formação do clero, prevista no início como um objectivo a longo prazo, torna-se um objectivo prioritário. Mesmo nos momentos de dor e aflição Libermann guarda a confiança e o abandono à vontade de Deus, numa profunda paz. Para ele, os acontecimentos mais importantes tinham sempre um significado da vontade de Deus. Nem sempre era evidente, mas Libermann permanecia numa atitude de confiança e esperança na acção amorosa de Deus.

A atitude de Libermann ao longo do processo de união entre a sociedade dos Missionários do Sagrado Coração de Maria e a Congregação do Espírito Santo, foi sempre uma atitude de procurar realizar a vontade de Deus e fazê-la da forma como Deus quer e não

---

<sup>256</sup> N.D., XII, 198.

<sup>257</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 498-499.

<sup>258</sup> L.S., IV, 680.

segundo a sua própria vontade, ou seja, numa atitude de suavidade e força, pois são estas as características da pedagogia de Deus.

O projecto de uma tal união já estava nas ideias de alguns desde o sinal afirmativo de Roma sobre o projecto da Obra dos Negros. Contudo, existiam numerosos obstáculos a ultrapassar. A união de dois grupos foi sempre muito complicada. Neste caso, o conflito de personalidades complicava a tarefa e houve mesmo momentos de grande hostilidade entre os dois grupos. Ao longo deste tempo, Libermann esperava, ao seu estilo, o momento de Deus. Ele constatava o mal que causava em África a rivalidade entre os dois grupos; considerava deplorável que nas relações com o governo francês, existisse uma certa competição. Para ele, uma boa administração era essencial ao apostolado. Quando as condições se apresentaram favoráveis à união, Libermann não hesitou em seguir em frente.

A fé na acção imprevista de Deus foi uma fonte de dinamismo para Libermann e para a sua obra. Tal como Cristo promete aos seus discípulos cem vezes mais a quem deixa tudo para o seguir (cf. Mc 10,29), Libermann enche-se desta confiança e esperança na acção de Deus. Ele tinha tudo para desanimar mas os obstáculos suscitam em Libermann uma esperança inventiva.

«Somos todos uns pobres homens, reunidos pela divina vontade do mestre, que é a nossa única esperança. Se nós tivéssemos meios poderosos nas nossas mãos, não faríamos grande coisa de bom. Agora que não somos nada, que não temos nada e que não valemos nada, podemos formar grandes projectos, porque as esperanças não estão fundadas em nós, mas naquele que é todo-poderoso»<sup>259</sup>.

Esta esperança dinâmica de Libermann permite-lhe ver os acontecimentos com o olhar favorável a Deus. Nem as dificuldades o fazem perder a esperança nem a confiança, pelo contrário, reforçam a sua força interior. «*Quanto mais as dificuldades são grandes, mais a minha alma sente a força e a esperança*»<sup>260</sup>. Esta dependência da vontade de Deus e de fazer somente a vontade divina resultava numa grande necessidade de oração e de contemplação<sup>261</sup>.

## 2.2 A Providência

O desejo de realizar o plano que Deus tem para a sua vida, leva Libermann a estabelecer uma grande fé na Providência Divina que tem uma acção vivificante nos acontecimentos. Estes, são lugares privilegiados da acção de Deus com os homens. Nas suas cartas podemos constatar a importância que Libermann concedia a este tema da Providência.

---

<sup>259</sup> N.D., IV, 303.

<sup>260</sup> N.D., VI, 277.

<sup>261</sup> Cf. N.D., XIII, 638.

Muitas vezes aponta “leis” para podermos verificar e confirmar a acção da Providência na vida de cada um. Devemos ter sempre presente que o que Libermann aconselhava aos seus correspondentes era fruto da sua própria experiência pessoal, quer na oração com Deus, quer na acção do dia-a-dia. Por isso, os conselhos que dava e os meios que referia para a interpretação da realidade eram os mesmos que ele usava para si próprio. *«Tem coragem e não desanimes se as coisas não começam perfeitas. Vê que eu não faço o que quero. A divina Providência conduz os trabalhos além de mim, pois te garanto que se eu tivesse seguido as minhas ideias, estaria bem aflito com inumeráveis coisas a fazer ao mesmo tempo»*<sup>262</sup>.

Como nos diz Blanchard, desta experiência da Providência, Libermann passou a uma doutrina da Providência<sup>263</sup>. Apontaremos, por isso, as indicações que Libermann dá para o discernimento da acção da Providência. Em primeiro lugar é fundamental realçar a importância do momento de Deus. Este não corresponde nem à vontade, nem ao desejo humano. A palavra de Deus distingue-se da palavra humana. Os seus critérios diferem dos humanos uma vez que a intenção e o fim a atingir é determinado por Ele. Assim, o importante é agir no momento de Deus e não no momento humano. Mesmo quando a nível natural parece existir um certo sucesso, terá sempre um insucesso transcendental. *«Se não consegues fazer todo o bem que é necessário fazer, pacienta-te e espera o momento de Deus. Ele virá, está descansado, pois não pode estar muito longe»*<sup>264</sup>. Libermann aconselha sempre a espera deste momento de Deus em todas as ocasiões, sejam elas de angústia, de alegria, de desencorajamento, quando se pretende abandonar um trabalho missionário ingrato ou quando se espera pelo início de uma nova missão dada por Deus. Esta espera deve ser sempre realizada numa atitude de confiança e de amor.

Segundo Blanchard, Libermann foi o homem da espera na acção e da acção na espera<sup>265</sup>. Este pensamento resume bem a experiência da providência na vida de Libermann. É uma relação de dependência da Providência, mas não uma dependência, uma espera passiva, antes pelo contrário, uma espera activa.

Sendo a Providência a acção dinâmica do Deus vivo, é necessário perceber e adoptar o seu movimento na continuidade. *«Sabei em todas as coisas, em todo o tempo e todas as circunstâncias seguir os caminhos da Providência, segui-la em vez de a preceder»*<sup>266</sup>. A iniciativa é sempre de Deus. O homem tem de livremente aderir e permanecer fiel, pois a

---

<sup>262</sup> L.S., IV, 92.

<sup>263</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 500.

<sup>264</sup> N.D., VI, 411.

<sup>265</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome I, p. 503.

<sup>266</sup> L.S., IV, 223.

qualquer momento pode não cumprir a fidelidade à Providência e permanece sempre um ser livre. Assim, o homem tem de aderir ao movimento da Providência. Libermann indica que o ritmo deste movimento é lento, por isso é que a sua acção é sólida. «*Deus age lentamente nas suas obras, tenhamos atenção de não caminhar mais rápido do que ele*»<sup>267</sup>. O homem não tem necessidade de se apressar em relação à Providência porque a precipitação pode levar ao erro.

Na atenção à Providência, Libermann aponta a busca da perfeição ideal sem ter em conta a realidade em que vivemos como um grande perigo<sup>268</sup>. Da nossa imperfeição caminhamos para a perfeição que é Deus. Por outro lado, a auto-suficiência é algo que nos afasta de Deus. Na nossa fragilidade, a Providência concede-nos os dons necessários para a realização dos desígnios de Deus. Revela-nos muitas vezes que os desígnios de Deus são contraditórios no que concerne à vontade e à maneira humana de pensar e reagir. A contradição é uma característica da Providência. Contudo, a experiência de Libermann é que quanto mais Deus nos prova, mais nós devemos provar o nosso amor.

A vida de Libermann é como a dos Patriarcas, pautada pelo olhar de Deus. Ele constata na sua vida, rica em acontecimentos, a presença amorosa e a acção poderosa de Deus. Para conseguir perceber e ser fiel à Providência, Libermann só aponta um caminho: a renúncia de si mesmo abandonando-se totalmente a Deus numa total confiança e paz interior. A abnegação de si mesmo nos acontecimentos possibilita a união prática com Deus.

### **3. Uma espiritualidade missionária**

Na perspectiva de Libermann, a evangelização confiada aos homens é obra divina, continua no mundo e, ao longo dos tempos, a missão de Cristo e dos Apóstolos. O missionário é testemunha de algo que o transcende. As suas qualidades humanas, úteis na acção, são guiadas pela força do Espírito Santo. A exigente formação que Libermann dava aos seus missionários preparava-os para as mais diversas dificuldades ou situações adversas que poderiam encontrar na missão. O objectivo era que eles permanecessem numa atitude de disponibilidade e de entrega de si mesmos à providência divina. Sendo ele o Superior da Congregação sentiu a necessidade de propor um caminho de santidade aos seus “discípulos”, que são os missionários.

---

<sup>267</sup> N.D., XII, 166.

<sup>268</sup> Cf. N.D., VIII, 111-112.

A espiritualidade missionária de Libermann, pode sintetizar-se na busca da santidade pessoal. Para ele, os destinatários da evangelização têm necessidade de um testemunho missionário. Escreve ao Pe. Lairé:

«Este povo africano não precisa de missionários hábeis e capazes, nem é pelo esforço deles que será convertido; o que os vai salvar é a santidade e o sacrifício dos seus padres. (...) Ah! Como desejaria que todos os meus caros confrades sentissem tão vivamente quanto eu a necessidade da santidade num missionário de África. Seja, pois, santo como Jesus era santo, é esse o único meio de resgatar, de santificar as almas. Que o Espírito de Jesus anime todos os seus actos, modele todos os sentimentos de sua alma, abrande e modere todos os seus arrebatamentos do espírito, todos os sentimentos duros e rígidos do coração, numa palavra, tudo o que há de apaixonado e desregrado em sua alma; que dominem todas as suas impressões, dirija e conduza todos os movimentos de sua alma. Que ele comunique ao seu coração a mansidão e a humildade, de que o divino Mestre nos deu o exemplo»<sup>269</sup>.

Este texto de Libermann é paradigmático da sua espiritualidade missionária. Não se pode responder à vocação missionária se aquilo que transmitimos com as palavras não for vivido pela vida pessoal e se, as realidades de fé em que acreditamos, deixarem de ser simples verdades abstractas mas verdades que transformaram a nossa vida<sup>270</sup>. Embora Libermann não use muitas vezes o termo testemunho, a ideia que ele quer transmitir é essa mesma: a vida do missionário tem de ser um testemunho credível e não só um anúncio da Boa Nova.

Este convite de incentivo à santidade do missionário foi uma constante preocupação de Libermann enquanto superior da Congregação. Porém, esta sua preocupação é uma constante ao longo da sua vida, quer na sua caminhada cristã, quer na sua relação de aconselhamento dos outros. O desejo da santificação é algo muito forte na sua espiritualidade. Vemos isso não só na sua atitude de renúncia a si mesmo e à sua vontade para realizar apenas a vontade de Deus, mas também no conselho que dava nos “bandos de piedade”. Aquando da sua passagem pelos seminários de S. Sulpício e de Issy, dizia ele: «*É este o ponto fundamental da norma de vida que deveis seguir: primeiro a vossa santificação; segundo a vossa própria santificação, terceiro e sempre a vossa santificação*»<sup>271</sup>. Aqui não está uma exacerbada preocupação com a salvação pessoal, antes pelo contrário, deve-se entender aqui o princípio fundamental que consiste na santificação pessoal pelos outros. Libermann tem presente em seu pensamento a atitude de Jesus no Evangelho de S. João, «*Santifico-me por eles*» (Jo 17, 19). Santificação num sentido de entrega e de sacrifício pelos outros.

---

<sup>269</sup> N.D., XIII, 143-144.

<sup>270</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Libermann: un guide pour notre temps*. In *Cahiers spiritains n° 21*. Roma: [s.n.], décembre 1987, p. 8.

<sup>271</sup> N.D., II, 239-240.

Depois de no início deste capítulo termos verificado a importância que tem para Libermann a configuração da vida cristã com os Mistérios de Cristo, torna-se mais fácil perceber que o trabalho missionário é necessariamente um trabalho de configuração ao Mistério de Cristo-Apóstolo, ou seja, de Cristo como enviado do Pai. «*Quem acredita em Mim, não é em Mim que acredita, mas n'Aquele que Me enviou; e quem Me vê a Mim, vê Aquele que Me enviou*». (Jo 12, 44-45) A missão tem por isso a sua fonte na Trindade. A missão é também a continuação da missão dos Apóstolos que, por sua vez, a receberam do próprio Cristo, Enviado do Pai. Assim sendo, a lei fundante da vida missionária é o envio dos Apóstolos pelo próprio Cristo: «*assim como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós*» (Jo 20,21). Libermann assume esta passagem como base da sua espiritualidade missionária, uma vez que o missionário deve ter consciência de que não é em seu próprio nome que vai, mas sim porque recebeu a graça do mandato de Cristo. Se é Cristo que nos envia então ele deve ser a nossa referência e Nele devemos colocar as nossas forças. Dizia ainda aos seus missionários: «*Assim como Jesus Cristo, enviado do Pai, viveu para o Pai, assim vós, enviados por Ele deveis viver para Ele, no seu espírito de santidade*»<sup>272</sup>. As palavras que são dirigidas por Jesus aos Apóstolos são repetidas por Libermann aos seus missionários num registo exigente:

«Enviados pelo Pai celeste no espírito de santidade e de misericórdia, Ele (Jesus) não vive se não para Ele (Pai) e Nele para as almas que ele veio salvar. Por isso a sua vida é uma vida de abnegação, de sacrifício, de humilhação, de obediência, e de amor, cheio de força, mansidão e misericórdia. Ele envia-nos com o mesmo espírito e nas mesmas condições»<sup>273</sup>.

Nesta ordem de ideias é perceptível que todo o trabalho apostólico deve ser feito no mesmo espírito de Jesus. Este espírito pode ser contemplado em Jesus, mas também nos apóstolos e naquilo que eles falam da sua missão. A missão é, então, um dom concedido por Deus e não algo que temos por iniciativa própria. É necessário conceder liberdade ao espírito de Jesus para ele agir em nós. A nossa atitude deve ser de total abandono e mortificação de toda a actividade que não venha do espírito de Jesus. Neste aspecto podemos ficar com a impressão de um certo quietismo da sua parte, mas não é essa a intenção. Ele não condena a acção, ele convida-nos a um agir sempre conduzidos pelo Espírito Santo, numa atitude de disponibilidade.

A santidade nos missionários é necessária com o objectivo de que o homem veja Jesus. Assim, o mandato dado por Cristo é que os homens O consigam ver nos missionários

---

<sup>272</sup> N.D., XIII, 405.

<sup>273</sup> E.S., 377-378.

tal como os seus discípulos podem ver Nele o Pai<sup>274</sup>. Precisamos, então, de ter uma vida semelhante à dele e uma íntima união com Ele. Um bom testemunho é essencial na evangelização, pois o contágio da sua santidade é benéfico para os seus irmãos.

Para Libermann, «*um homem santo, com a sua simples presença, faz maior bem do que um missionário com todos os seus trabalhos e discursos, mas imperfeito*»<sup>275</sup>. Quando vai evangelizar «*o missionário deve falar-lhes por todos os sentidos, pela santidade eminente da sua própria vida que, unida à palavra da sua boca, penetra em todos os sentidos (...) a santidade faz parte da sua missão*»<sup>276</sup>.

Como vimos no ponto 1.3.1 deste capítulo, o cristão deve, em primeiro lugar, deixar que Cristo viva nele e que ele mesmo viva em Cristo. A união e a intimidade com Cristo são fundamentais na fé do cristão. Também na espiritualidade missionária estas dimensões são essenciais. Se os missionários são enviados por Cristo então, para que Ele possa comunicar as suas graças aos homens através deles, é necessário que o deixemos viver em nós e que nós vivamos Nele<sup>277</sup>. Antes de anunciar o Reino de Deus ao mundo, os missionários devem começar pelo seu próprio coração. A sua vida deve ser diferente dos homens comuns. Deve ser também uma vida de fé e de caridade<sup>278</sup>. Daqui resulta a necessidade de uma união prática com Deus.

A santidade não era uma exigência pessoal de Libermann, mas ele insistia porque o próprio Cristo pediu aos seus Apóstolos, «*deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*» (Mt 5,48) e que na Epístola de S. Pedro se reafirma: «*Sede santos, porque eu sou santo*» (1Pe 1,16). Nos regulamentos de 1849, Libermann destaca a busca da própria santificação como o principal objectivo com que Deus envia os seus missionários. Eles são instrumentos das mãos de Deus, por isso é necessário que a sua actividade seja a de Jesus Cristo. Quanto mais perfeito for o instrumento e a sua dependência de Cristo, mais eficaz será o apostolado. Também no Evangelho temos o exemplo de Cristo. Agora cabe aos seus missionários configurarem-se com Cristo para assim realizarem os desígnios de Deus.

Todo este desejo da santidade entende-se através da imagem do fogo que Libermann usa: «*Quando se é santo, é-se como o fogo, que aquece todos os que se aproximam dele. As mais simples palavras, às vezes, a simples visita de um santo, produzem maior bem do que os*

---

<sup>274</sup> Cf. E.S., 371.

<sup>275</sup> R.P., 140 e 100.

<sup>276</sup> E.S., 372.

<sup>277</sup> Cf. E.S., 373.

<sup>278</sup> Cf. N.D., X, 505-506.

*discursos de um pregador de talento*»<sup>279</sup>. Um homem santo é considerado pelos outros como um homem de Deus. Libermann realça a importância da confirmação da comunidade acerca da santidade pessoal. Não basta o missionário considerar-se santo, mas a comunidade e os frutos da sua acção devem demonstrá-lo.

Na busca da santidade as duas dimensões que favorecem a santificação pessoal são a união prática e o zelo apostólico. Cada um destes termos traduz uma experiência de vida de Libermann, assim como uma confiança de que são meios para amar a Deus e os irmãos.

### **3.1 União prática e dedicação aos pobres**

Ao longo do último ano de vida, Libermann começa a utilizar uma expressão que resume bem a vivência da sua espiritualidade missionária: “união prática”. Esta é uma união íntima com Deus em toda a vida activa, graças a uma atitude permanente de disponibilidade e atenção ao Espírito. A consequência desta atitude é não querer pensar, amar e agir a não ser sob a influência daquele que se tornou a «*alma da nossa alma*»<sup>280</sup>. A explicação desta união prática está feita no sexto capítulo das Instruções aos Missionários<sup>281</sup> que Libermann escreveu no último ano de vida e nas suas últimas conferências no noviciado, na primavera de 1851. Nestes textos explica com clareza que esta união a Deus passa pela graça, pela oração e pelas outras actividades da vida. «*A união prática consiste em despojar-se das impressões naturais para ouvir as impressões divinas na alma. Enquanto a alma for escrava das impressões naturais, ela é como um corpo opaco que não deixa entrar a luz sobrenatural da verdade*»<sup>282</sup>.

No coração da união prática está a vontade firme de querer vencer em nós mesmos as tendências naturais e deixar a graça inspirar todas as acções. Para isso necessitamos de saber discernir a acção da graça e da natureza humana em nós. A abnegação e a renúncia total da vontade natural ajudam-nos a esse discernimento. Esta atitude é possível mediante uma fé e uma caridade sem limites que nos leva a desejar fazer somente o que apraz a Deus. Também aqui está implícita uma grande relação entre a oração e a união prática. Pela união prática o homem colabora na acção divina e não fica só numa atitude passiva.

A perspectiva da qual Libermann parte para falar da união prática é a da Fé e da realização do Plano de Deus. Para Libermann a Vida Espiritual é a que é vivida em conformidade com o plano de Deus. Esta conformidade só pode passar por uma vida de

---

<sup>279</sup> R.P., 13.

<sup>280</sup> C.S.J., 85.

<sup>281</sup> Cf. E.S., 480-496.

<sup>282</sup> N.D., XIII, 699.

santidade, ou seja, uma vida de união íntima entre Deus e o homem. Então, para podermos ser fiéis ao plano de Deus temos de estar unidos a ele, assim como Cristo estava unido ao Pai.

Na relação com Deus podemos estabelecer uma união passiva quando deixamos que Deus aja em nós por Jesus Cristo e assim Ele nos une a Deus no seu Espírito. Temos, pois, de estar disponíveis à sua acção e não resistir<sup>283</sup>. Neste tipo de união destaca-se a primazia da acção do Espírito na Vida Espiritual. Existe também a união activa que consiste na busca constante da fidelidade ao dom recebido por Deus. Neste sentido o ser humano permanece unido quando busca a fidelidade à acção da providência nas suas relações com as criaturas<sup>284</sup>. Estes dois tipos de união são respostas do homem à gratuidade do amor divino.

Dentro da união activa, Libermann distingue a união contemplativa da união prática. A união contemplativa é a relação de intimidade que o homem estabelece com Deus na oração. «É a união que se dá na oração»<sup>285</sup>. Por sua vez, a união prática é a tendência indirecta do homem para Deus. Pelas relações vividas no quotidiano, o homem procura permanecer unido com Deus, deixando-se inspirar pelo Espírito<sup>286</sup>. Esta é uma atitude orante que na espiritualidade cristã se costuma denominar de “oração continua”. «Na união prática a pessoa, conservando as suas relações com as criaturas, em conformidade com a vontade de Deus, adere e obedece à Graça que a anima e une-se a Deus nas suas obras. Na oração, corta toda e qualquer relação com as criaturas, recolhe as suas potências, a fim de as aplicar a Deus por meio de uma visão de fé, e une-se a Deus pelo amor»<sup>287</sup>. O homem é fiel a Deus na medida em que faz convergir as duas uniões: quando a sua vida é uma união contemplativa e prática. Uma e outra implicam-se e são necessárias. Explica Libermann:

«Nenhuma destas duas uniões seria perfeita se não incluísse a outra, num grau muito perfeito. Há pessoas que Nosso Senhor atrai pela contemplação, e então esta é acompanhada pela união prática, produ-la e aumenta-a, quando estas pessoas são fiéis à graça divina. Quando esta primeira união não é acompanhada pela segunda, ou quando o é fracamente, então a pessoa não está unida a Nosso Senhor em todas as suas operações, mas numa ou em algumas apenas, e ainda de modo mais ou menos imperfeito. Outras pessoas, ao contrário, são atraídas pela união prática, e então, se esta união tem um certo grau de perfeição, é acompanhada e animada, mais ou menos, pela primeira»<sup>288</sup>.

Assim, Libermann faz perceber aos seus missionários que a união prática não consiste num activismo inspirado por Deus, mas antes, numa vida fundamentada na oração e na

---

<sup>283</sup> Cf. E.S., 480.

<sup>284</sup> Cf. E.S., 480.

<sup>285</sup> E.S., 66.

<sup>286</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 216.

<sup>287</sup> E.S., 496.

<sup>288</sup> E.S., 67-68.

caridade apostólica. Se na vida do missionário não existe lugar para Deus, se não alimenta a união de amor com Deus, o seu amor ao próximo perderá a sua fonte, a sua força e a sua razão de ser<sup>289</sup>. Desta forma, Libermann tenta superar a tensão do activismo existente na vida missionária. Colocar a oração e as práticas da vida interior de lado para valorizar só a acção é o maior perigo do missionário. O missionário não pode evitar as interferências que a vida apostólica pode ter na sua Vida Espiritual, mas também não pode deixar absorver-se totalmente pela pastoral. São necessários tempos importantes de oração. Por isso, Libermann aconselhava aos seus missionários um estado contínuo de oração<sup>290</sup>.

Nas Instruções aos Missionários são apontados alguns frutos da união prática, entre os quais: *«uma pessoa assim unida a Deus fica, pouco a pouco, isenta dos erros do espírito, da influência dos defeitos e impressões naturais dos seus juízos (...) adquire luzes práticas e sólidas, ou seja, um certo tacto nas coisas de Deus...»*<sup>291</sup>.

Para o missionário o crescimento espiritual rumo à santidade enquadra-se inevitavelmente no horizonte da Missão de anunciar a Boa Nova aos pobres mais pobres. A união prática passa pela união com Deus no serviço dos irmãos. Como se lê no Evangelho de S. João, *«Deus é Amor»* (1Jo 4,8), Libermann percebe que a nossa relação de amor a Deus, por Cristo no Espírito, realiza-se no amor aos irmãos. Assim, nesta perspectiva, Tenailleau afirma que a caridade enraíza-se sobretudo no coração e na vontade<sup>292</sup>. Resumindo, a caridade teologal passa pelo amor a Deus e o amor fraterno. A centralidade de Libermann em Deus não o faz afastar do amor fraterno. Pelo contrário, a sua espiritualidade é apostólica no sentido em que culmina no serviço gratuito dos mais pobres, até ao dom de si mesmo. O amor que Libermann preconiza é um amor de atenção a Deus e aos outros. Assim entendemos como é necessária a contemplação e a acção, e ambas são indissociáveis. A um confrade que tinha receio do apostolado, dizia-lhe Libermann: *«A caridade não faz perder a caridade, ou seja, a caridade que praticas com os homens, não vos fará perder a caridade com Deus, pelo contrário, ela aperfeiçoa e aumenta o que perderias do ponto de vista sensível e imaginário»*<sup>293</sup>. Assim, Libermann reforça a ligação estreita existente entre as duas formas de amor que são distintas mas complementares.

---

<sup>289</sup> Cf. SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espirítana: Espiritualidade apostólica espirítana*. Tomo VI-A, p. 302.

<sup>290</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 218.

<sup>291</sup> E.S., 491.

<sup>292</sup> Cf. TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Libermann*, p. 189.

<sup>293</sup> N.D., X, 293-294.

O missionário exerce este amor em três lugares particulares: no encontro dos pobres, na evangelização e na comunidade. Para Libermann não basta escolher o serviço dos mais pobres. É sobretudo necessário amá-los, devolvendo-lhes a dignidade humana e levando-os ao encontro do Evangelho. Na época de Libermann os mais pobres eram os africanos. Os seus missionários deveriam ser «*os advogados e os defensores dos fracos e dos pequenos contra aqueles que os oprimem*»<sup>294</sup>. Quase que decalcando as palavras de S. Paulo (cf. 1Cor 9,22), Libermann diz aos seus missionários: «*fazei-vos negros com os negros*»<sup>295</sup>. O amor na evangelização está presente na atitude com que o missionário exerce o seu ministério. O zelo apostólico é a atitude que o missionário deve ter na sua evangelização<sup>296</sup>.

Na vida dos seus missionários o amor ao próximo deve ser vivido e testemunhado na vida comunitária. Esta vida fraternal é um meio obrigatório para todos os membros da Congregação. O objectivo é que os seus membros cresçam na santidade de vida pela interajuda fraterna. A união nas comunidades é essencial no sentido em que permite uma maior santidade pessoal e também uma evangelização mais credível. «*Para o aperfeiçoamento da vida apostólica, para a estabilidade e extensão das obras, objecto desta mesma vida apostólica, a Congregação tomou como regra fundamental a vida comum. Todos os seus membros viverão sempre em comunidade*»<sup>297</sup>. A vida fraterna em comunidade é elemento fundamental do projecto missionário, não só como meio para os seus missionários, mas como modo de viver a Missão.

A união prática faz com que a espiritualidade proposta por Libermann aos seus missionários seja verdadeiramente missionária, no sentido em que ela permite ao missionário agir segundo o Espírito que o faz ir beber à fonte do amor. Como Deus age nos acontecimentos históricos e está presente de forma viva na vida do missionário, então a dedicação aos pobres é entendida como uma dedicação a Deus presente no outro que me interpela.

«Para chegar à união habitual com Deus precisamos de nos aplicar com muito zelo à observância dos preceitos evangélicos, sobretudo ao da perfeita abnegação, tão recomendada por Nosso Senhor Jesus Cristo, prestando, além disso, grande fidelidade à acção da graça interior, fazendo tudo com fé e amor e com o desejo exclusivo de agradar a Deus»<sup>298</sup>.

---

<sup>294</sup> N.D., II, 256

<sup>295</sup> N.D., IX, 330

<sup>296</sup> Este tema será abordado no próximo ponto do trabalho, 3.2.

<sup>297</sup> N.D., X, 454

<sup>298</sup> E.S., 483

### 3.2 Comunhão e zelo apostólico

Um dos mais belos capítulos do Comentário da Regra provisória é, com certeza, aquele em que Libermann fala do zelo apostólico. Com o espírito de discernimento subtil que lhe é característico, ele desenvolve as qualidades do verdadeiro zelo missionário. É pois, no oitavo capítulo, que este tema é abordado.

Logo no primeiro artigo Libermann afirma que o zelo é «*a essência do espírito apostólico*»<sup>299</sup> e que a fonte deste zelo está no amor de Deus e no Coração de Jesus. O missionário animado por este zelo, é testemunho de santidade no meio dos seus irmãos e em si mesmo, faz viver e reinar Jesus Cristo. Enviado de Cristo, o missionário tem que beber na verdadeira fonte que é Cristo. O missionário tem dois meios: unir-se sempre a Jesus Cristo deixando-o viver em si; ter diante dos olhos Jesus Cristo vivendo na Terra. É na gratuidade do olhar gratuito em Deus que o missionário é capaz de se entregar até ao sacrifício total de si mesmo pela salvação dos irmãos<sup>300</sup>.

Para Libermann o zelo concede ao missionário uma atitude pacífica de acolhimento e realização da vontade divina. «*No verdadeiro zelo há sempre grande suavidade antes e depois da acção. No zelo defeituoso, pelo contrário, há sempre agitação, na acção e depois dela. Procure, pois – recomenda Libermann ao seu correspondente – ter um zelo forte, fervoroso e animado de puro amor de Deus, do desejo da Sua glória e do verdadeiro espírito interior*»<sup>301</sup>. Só um amor assim leva o missionário a ser fiel à sua missão.

Libermann aconselha sempre uma vida apostólica cheia de amor e fervor e não um zelo de activismo que deixa o interior desordenado e inquieto<sup>302</sup>. A procura da paz interior é sempre fundamental. As propriedades do zelo são o ardor e a paciência que nenhum obstáculo faz desanimar, pois espera sempre os movimentos favoráveis da divina providência que, na maior parte das vezes, toma os caminhos mais lentos e longos, como é característico da sua acção<sup>303</sup>.

Desde a sua passagem por Rennes ou por Issy, quando falava do zelo apostólico, Libermann chamava sempre a atenção a um aspecto essencial: o zelo apostólico não se deve confundir com activismo. «*É ilusão muito comum, no que se refere ao zelo, representar-se como homem zeloso o que anda sempre em movimento (...) o verdadeiro zelo consiste numa*

---

<sup>299</sup> N.D., II, 285.

<sup>300</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 190.

<sup>301</sup> L.S., III, 63-64.

<sup>302</sup> Cf. N.D., II, 474-475.

<sup>303</sup> Cf. BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann*. Tome II, p. 86.

*caridade pura, ardente e, por conseguinte, não é na imaginação que devemos procurá-lo»<sup>304</sup>. Ele sabe que o missionário cai facilmente nesta ilusão de pensar que o zelo é fazer muitas coisas. O verdadeiro zelo funda-se no amor de Deus. Quando o missionário deixa de ter as raízes do seu zelo apostólico no amor de Deus, a sua actividade degenera em activismo. Quando isto acontece, reflecte-se na vontade de realizar a vontade própria em vez da vontade divina. Perde então a paciência em esperar o momento de Deus e perde a tranquilidade interior. Já não sabe viver ao ritmo do Espírito e deixa de ser um ponto de irradiação do amor de Deus<sup>305</sup>.*

No apostolado, o missionário deve fazer com que o zelo não o deixe orgulhoso porque *«o orgulho murcha o zelo nos seus motivos; leva-nos a empreender coisas das próprias forças, a fazer coisas aparatosas, que nos elevem aos nossos próprios olhos e nos atraiam a estima dos outros»<sup>306</sup>. É o próprio Deus que deve ter as glórias e os êxitos do trabalho porque é Ele o autor e o mentor de todo o apostolado. O missionário deve ser um simples seguidor do Senhor. Alguém que está sempre atento à manifestação da vontade de Deus nos acontecimentos e circunstâncias da vida. Dizia Libermann:*

*«É uma coisa admirável ver como a divina Providência conduz as circunstâncias para a execução dos seus desígnios de salvação (...) Não temos, por isso, necessidade de nos inquietarmos tanto com a salvação das almas (...) Só temos de seguir o exemplo de Nosso Senhor (...) ser fiéis em pôr, do nosso lado, tudo o que de nós depende, e ajudar a divina providência à medida que nos for apresentando as circunstâncias»<sup>307</sup>.*

O modelo é sempre Cristo enviado do Pai. O único modelo paradigmático de zelo apostólico é Cristo enviado do Pai, nomeadamente no que respeita em colocar em prática este zelo pela salvação das almas. Ao seu zelo, o missionário deve aliar a força e a suavidade que são as características do agir de Deus, segundo Libermann<sup>308</sup>. A força funda-se no amor de Deus, e a suavidade na acção do Espírito Santo. Esta é a sabedoria com que o missionário deve viver e realizar a sua Missão de anúncio da Boa Nova aos pobres.

Este zelo apostólico deve, verdadeiramente, animar o coração do missionário para que assim ele possa santificar as almas que o rodeiam, uma vez que, a sua santidade também já se transmite aos outros, não só pelas palavras mas, sobretudo, pela atitude para com os irmãos.

---

<sup>304</sup> R.P., 150.

<sup>305</sup> Cf. TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito*, p. 190.

<sup>306</sup> N.D., XI, 538-539.

<sup>307</sup> L.S., IV, 680.

<sup>308</sup> L.S., IV, 458.

## CONCLUSÃO

Depois do percurso traçado ao longo deste trabalho, importa agora apontar as principais conclusões e ideias clarificadas que foram surgindo ao longo da presente reflexão. Não será feita uma apresentação exaustiva, mas antes, uma abordagem ao cerne deste trabalho.

O primeiro capítulo ajudou essencialmente a conhecer o meio em que nasce Libermann, a sociedade, a igreja e sua família. Num primeiro momento poderíamos dizer que a época em que vive é cheia de acontecimentos adversos ao cristianismo, nomeadamente com as consequências da revolução Francesa. Porém, ao estudarmos o caso concreto dos Judeus em França, podemos perceber que nem tudo foi negativo na Revolução Francesa. Vários factores contribuíram para uma maior abertura e igualdade entre os Judeus e os outros cidadãos franceses. Libermann vai para Metz estudar porque, a partir do Grande Sinédrio de 1807, os estudantes das escolas rabínicas eram obrigados a aprender francês. Medidas como estas fizeram os estudantes entrar em contacto com outras culturas para além da Judaica. É neste ambiente que Libermann começará a interrogar-se sobre a sua fé judaica e encontrará Cristo.

Tendo Libermann nascido no seio de uma família judaica, na qual o pai era rabino, foi importante verificar as várias influências que o judaísmo teve na sua personalidade e espiritualidade. Desde muito pequeno, Libermann vive na dinâmica da fé judaica e todo o seu dia é envolvido pela relação de amor com o Absoluto. Nada estava fora da esfera divina, devido à vida de gueto experienciada pela comunidade judaica.

Mais tarde, já como cristão, manifestará algumas características judaicas que fizeram com que ele pudesse viver de forma mais autêntica o seu cristianismo. Uma delas é a importância da relação familiar. Libermann não pode seguir a vontade do pai, porém sempre teve grande estima e respeito por ele. Ao longo da sua vida, Libermann, sempre teve uma relação de proximidade com os seus irmãos convertidos ao cristianismo, existindo um número significativo de correspondência entre si, que manifesta o valor que era dado à relação familiar. Libermann conseguiu ser o conselheiro de vários dos seus irmãos. Outro aspecto que revela a influência do judaísmo é a importância dada e o conhecimento da Palavra de Deus. Libermann tinha um conhecimento profundo do Antigo Testamento e depois da sua conversão percebe-se que possuía um grande conhecimento do Novo Testamento, nomeadamente de S. João e S. Paulo. A capacidade organizativa e administrativa que revela como superior da Congregação é algo bem característico do judaísmo.

As três figuras estudadas da “escola francesa de espiritualidade”: Bérulle, Olier e João Eudes, são aqueles com que Libermann teve contacto ao longo da sua formação. Na espiritualidade de cada um, Libermann encontrou vocabulário, experiências e uma mística, que o ajudaram a exprimir aquilo que ele ia vivenciando interiormente.

O itinerário espiritual pode ser dividido em três grandes momentos: até à chegada a Metz; desde Metz até à fundação da Congregação do Imaculado Coração de Maria; e na fase de Libermann como Superior da Congregação. Apesar Libermann não ser cristão numa primeira fase, não impede que seja uma etapa importante no seu caminhar espiritual. Na sua conversão, Libermann não mudará de Deus, ele será alcançado por Cristo e a Ele seguirá. Libermann não se torna cristão para ser mais fiel a Deus, torna-se cristão para levar a sua fé judaica à plenitude das suas consequências. A sua conversão é um momento fundamental da sua espiritualidade, no sentido em que, regressará sempre a esta experiência de Deus. Não é ele que encontra Deus, pelo contrário, ele tem a experiência de ser alcançado por Deus. Ele limita-se a interceder a Deus, para que este o ilumine. É por pura graça que Libermann acredita. Ele reconhece que Deus se serviu de várias pessoas como instrumento da acção divina. Só assim a sua conversão foi possível.

Não querendo minimizar os vários períodos da vida de Libermann ocorridos entre o seu baptismo e a sua ordenação, mas tudo o que aconteceu são os meios de que Deus se serviu para “moldar” e “preparar” Libermann, a fim de que ele fosse capaz de desempenhar a sua vocação dentro da Igreja. Por meio das dificuldades que vão surgindo, Libermann vê desenvolver-se o plano de Deus. Ele vive a experiência da necessidade da renúncia, da abnegação da vontade própria para se realizar a vontade de Deus. Esta vontade só é perceptível numa profunda docilidade ao Espírito Santo. Esta fase da sua vida é uma experiência concreta da necessidade de configurar-se com Cristo, pois só quando assumirmos tal união e intimidade com Cristo conseguiremos ser os seus verdadeiros missionários. É nesta perspectiva que Libermann encara ainda a doença, como lugar da realização da vontade de Deus e meio pelo qual se configura com Cristo. Para chegar à perfeição tem de imitar Cristo na sua kenósis, na renúncia à sua vontade para realizar somente a vontade do Pai. O abandono à vontade divina é, para Libermann, uma escola de docilidade ao Espírito Santo.

Toda a dinâmica relacional e espiritual, vivida ao longo deste período, vai ser o mesmo nos últimos anos da sua vida. Como superior da Congregação, Libermann irá ter a mesma atitude perante os acontecimentos e para com os seus confrades. Ele irá usar a experiência vivida para aconselhar e ajudar os seus confrades. A presença do Deus Vivo que

caminha connosco, é inseparável do pensamento de Libermann. Deus que esteve com os seus antepassados, com ele mesmo, em várias fases da sua vida, está agora com os seus confrades. Por isso, é necessário os seus confrades abrirem-se à acção de Deus através da acção do Espírito Santo. Valorizando a sua experiência de Deus, Libermann apresenta um modelo de missionário concreto e credível, pois ele mesmo o vivenciou, não na forma de partir para as “missões”, mas numa experiência interior. Assim sendo, podemos constatar que na visão de Libermann, toda a sua vida consiste na procura e na realização do plano de Deus.

Até encontrar a sua vocação na Igreja, Libermann percebe que tudo o que se passa à sua volta é a acção da divina providência. Depois, ele procura viver na mesma docilidade apesar do seu serviço de Superior da Congregação.

Depois de no segundo capítulo ter percorrido o itinerário espiritual de Libermann, tenta-se, no terceiro capítulo, apresentar os pilares fundamentais da espiritualidade libermanniana. A sua espiritualidade é fundamentada em três aspectos sem os quais não se consegue entender os seus textos. São eles: a experiência de Deus; a importância de Deus nos acontecimentos; e a característica missionária da sua espiritualidade.

Desde pequeno que Libermann vive uma grande intimidade e centralidade no Absoluto. A sua vida sempre foi pautada pela relação com Deus, pois o seu pai tinha como projecto de vida para ele ser futuro rabino, por isso, desde pequeno foi colocado em exigente contacto com o Livro da Palavra de Deus. A sua vida sempre foi seguida numa perspectiva teocêntrica, onde tudo está em referência a Deus. A cultura e o meio que o envolviam contribuíam para tal. Assim, a afirmação de que Deus é tudo e o homem é nada, entende-se no contexto da caminhada espiritual que Libermann fez. A primazia dada a Deus faz-nos perceber que tudo é dom e graça de Deus. O homem como resposta a esta primazia deve responder com a realização da vontade divina através de uma íntima união. Para isso, ele precisa de renunciar à sua vontade própria para que seja realizada a vontade de Deus. Sem renúncia a nós mesmos facilmente realizaríamos a nossa vontade segundo o nosso egoísmo. Só através da renúncia e abnegação conseguiremos chegar a uma liberdade interior. É em liberdade que o homem responde ao apelo divino. Libermann faz a experiência do abandono nas mãos de Deus, sempre num sentido de fé profundo.

Nesta dinâmica de união a Deus, Libermann confere importância ao Espírito Santo, pois é Ele quem deve agir em nós e devemos deixar-nos conduzir por este Espírito que nos é dado como dom.

Para Libermann toda acção do Espírito Santo tem por objectivo realizar em nós a conformidade de Jesus no seio do Pai. Libermann, na sua caminhada espiritual, ensina-nos que a docilidade ao Espírito Santo se traduz numa confiança e disponibilidade ao plano de Deus, que nos é dado a conhecer na docilidade ao Espírito Santo. Esta disponibilidade deve ser vivida não só ao nível da vida interior mas também na acção apostólica, testemunhada na união pessoal a Deus. A disponibilidade requer um discernimento que, se for bem feito, resultará na vivência dos frutos do Espírito.

A centralidade do Absoluto na vida de Libermann é cristológica, na medida em que devemos aderir a Cristo. Na caminhada espiritual, cada um deve procurar a comunhão e a configuração com Cristo. Assim sendo, temos de deixar que seja Cristo a alma da nossa alma. A configuração com Cristo é a melhor maneira de o homem caminhar para a perfeita união com Deus. Libermann realça, no início da sua caminhada espiritual, o mistério da encarnação. Depois, à medida que vai se envolvendo no projecto da Congregação, exalta o mistério apostólico de Cristo. Os seus missionários devem procurar configurar-se a Cristo nestes dois momentos, é para isso que eles foram enviados. Como modelo perfeito desta intimidade e união a Cristo, Libermann apresenta-nos Maria, modelo de perfeito zelo e amor apostólico. Toda a devoção e atenção a Maria, dada por Libermann, fundamentam-se neste ser modelo de Maria. Ela é para Libermann modelo de fidelidade ao Espírito Santo, modelo da vida apostólica e refúgio e protectora dos espiritanos.

Um outro pilar da espiritualidade libermanniana é a experiência de fé do Deus vivo, que caminha connosco. Esta vivência de Libermann já é denotada no judaísmo, porém, quando encontra Cristo, ela adquire a plenitude do seu sentido. Ele faz a experiência da presença de Deus através dos “sinais dos tempos”. A história é a agenda de Deus. Todos os grandes passos da sua vida e todas as suas opções de fundo não foram programados. A maioria deles nem sequer estava prevista. Para ele, Deus não se pode programar, é preciso pôr-se à sua escuta e esperar pela resposta. A sua confiança firma-se em que Deus vem naquele que permanece aberto à acção divina, sem defesas. Para ele, os acontecimentos eram sinais de Deus através dos quais se guiava. Se era Deus que lhe falava através dos acontecimentos, era preciso manter-se à sua disposição. Isso não implica instalação, nem uma espécie de quietismo. A partir destas convicções Libermann elabora uma doutrina da providência, onde tenta explicar como esperar e agir segundo a divina vontade.

Nos últimos anos da sua vida, Libermann exprime uma espiritualidade madura que condensa toda a sua experiência de fé. Ao assumir a sua vocação na Igreja como Superior da

Congregação, Libermann exprime uma espiritualidade missionária muito madura e inovadora para a sua época. Inspirou-se nos documentos da Igreja? Não parece muito credível. Penso que a espiritualidade missionária do magistério da Igreja tenha antes ido beber a Libermann. Para ele, os seus missionários são enviados por Cristo, assim como o próprio Cristo foi enviado pelo Pai. Para serem verdadeiros missionários de Cristo, eles devem configurar-se com Cristo e deixarem-se ser conduzidos pelo Espírito Santo, ou seja, devem procurar ser santos. Só desta forma conseguirão ser verdadeiras testemunhas de Cristo. O único método do missionário deve ser o da santidade. Na medida em que é procurada a santidade, chega Cristo aos outros. O sentido inverso também é credível, na medida em que pelos outros eu também me santifico.

Neste último ponto fala-se da união prática e do zelo apostólico, duas condições essenciais à espiritualidade missionária, no sentido em que elas nos permitem viver uma vida apostólica e interior semelhante à de Cristo. Para Libermann, a vida apostólica é a vida de santidade e de amor que o próprio Cristo viveu na terra. Quer a união prática quer o zelo apostólico permitem-nos “imitar”, configurar a Cristo. Assim, seremos testemunhas credíveis da Boa Nova. A união prática, relembra constantemente aos missionários que a união a Cristo não está nem só na oração nem no apostolado, está na sapiência de viver em simultâneo estas duas dimensões na perfeição. No zelo apostólico, Libermann exalta a uma vida de docilidade, confiança e disponibilidade do missionário à acção do Espírito Santo nele e nas pessoas a quem se dirige.

Concluindo de uma forma condensada a espiritualidade libermanniana, penso que a disponibilidade ao Espírito Santo é o melhor resumo. Tudo isto porque o que Libermann pede aos seus missionários resume-se a duas palavras: estar disponível. É também esta a sua experiência de vida: uma constante disponibilidade. Contudo, para chegar a esta atitude de completa disponibilidade, existe um caminho a percorrer. Nele, somos convidados por Libermann, a moldarmo-nos e a deixar que Deus nos vá talhar à sua medida e ao seu jeito. É esta a experiência de fé que Libermann faz até 1841, em que toda a renúncia e sacrifícios que vivencia, são uma forma de Deus o preparar para ser um instrumento credível nas Suas mãos.

A experiência da imprevisibilidade da acção de Deus é singular em Libermann. A sua resposta é só uma: que se faça a vontade de Deus e não a minha. Sempre numa atitude de desprendimento total e, acima de tudo, de grande disponibilidade ao Espírito Santo.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes:

*Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann.* Paris: Maison-Mère, 1929-1941. Tome I-XIII ; Compléments.

*Écrits Spirituels du Vénérable Libermann.* Paris: Gaume, 1891.

*Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann.* 3<sup>a</sup> ed. Paris: Poussielgue, 1889, vol. 3.

*Lettres Spirituelles du Vénérable Père aux Membres de la Congrégation.* Paris: Maison-Mère, 1889. (L.S., IV)

LIBERMANN, François - *Commentaire de l'Évangile selon Saint Jean.* Paris: Nouvelle Cité, 1987.

*Règle Provisoire des Missionnaires de Libermann.* texte et commentaire, pro manuscripto, Maison Mère, Paris.

### Estudos:

BLANCHARD, Pierre – *Le Vénérable Libermann.* Paris: Desclée de Brouwer, 1960. Tome I; II.

Congregação do Espírito Santo – *Antologia Espiritana.* Lisboa: [s.n.], 2010, vol. I.

COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Libermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires.* Paris: CERF, 1988.

GAUTIER, Jean – *L'esprit de l'École française de spiritualité.* Paris: Bloud & Gay, 1936.

GAY, Mgr Jean – *Libermann : Juif selon l'Évangile 1802-1852.* Paris: Beauchesne, 1977.

----- – *François Libermann: les chemins de la paix.* Paris: éditions S.O.S., 1974.

GILBERT, Alphonse – *Tu as mis sur moi ta main.* 2<sup>a</sup> ed. Rome: Tipografia S. Pio X, 1994.

----- – *Nas tuas mãos, Senhor: um caminho de santidade com Francisco Libermann.* Lisboa: LIAM, 2002.

KOREN, H. – *Les Spiritains: Trois siècles d'histoire religieuse et missionnaire.* Paris: Beauchesne, 1982.

KRUMENACKER, Yves, - *L'école française de spiritualité: Des mystiques, des fondateurs, des courants et leurs interprètes.* Paris: CERF, 1999.

LIAGRE, Louis – *Le Vénérable Père Libermann: l'homme, la doctrine.* Paris: Editions Alsatia, 1948.

MARTINS, Amadeu Gonçalves – *Espiritualidade missionária do P. Libermann.* Lisboa: LIAM, 2003.

SEIXAS, Joaquim Ramos – *Antologia espiritana: Francisco Libermann de Judio a padre de missionero.* Madrid: [s.n.], 2000. Tomo II.

----- – *Antologia espiritana: espiritualidad apostólica espiritana.* Madrid: [s.n.], 2000. Tomo VI-A.

TAVARES, Agostinho – *Caminhos do Espírito: duas vidas, um projecto missionário*. Braga: Apostolado de Oração, 1997.

VERDETE, Carlos – *História da igreja Católica: Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*. Lisboa: PAULUS Editora, 2009.

### Artigos:

RAYEZ, André – France: VII. De la Révolution au Début du XX<sup>e</sup> siècle. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 5, col. 953-997.

TORRES NEIVA, Adélio – *Liebermann e a hora da África*. In *Missão espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2009: n° 15, p. 75-92.

FARIAS, António – *S. Paulo na espiritualidade do Padre Liebermann*. In *Missão espiritana*. Lisboa: [s.n.], 2009. n° 15, p. 41-57.

MOLIEN, A. – Bérulle. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, col. 1539-1581.

NOYE, Irénée ; DUPUY, Michel – Olier. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 11, col 737-751.

MILCENT, Paul – Jean Eudes. In *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Dir. Marcel Villier. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 8, col. 487-501.

DUBREIL, Henri – *Le disciple de Monsieur Olier*. In *Spiritus: supplément*. Paris: [s.n.], 1965, p. 223-229.

COGNET, Louis – *Liebermann et la spiritualité française*. In *Spiritus: supplément*. Paris: [s.n.], 1963, p. 23-30.

TENAILLEAU, Bernard – *La démarche spirituelle du Père Liebermann*. In COULON, Paul; BRASSEUR, Paule – *Liebermann 1802-1852: Une pensée et une mystique missionnaires*. Paris: CERF, 1988, p. 165-193.

HIRTZ, Joseph – *Spiritain selon le cœur de Liebermann*. In *Cahiers spiritains n° 21*. Roma: [s.n.], 1987, p. 8-36.

BLANCHARD, Pierre – *Liebermann: un guide pour notre temps*. In *Cahiers spiritains n°13*. Roma: [s.n.], 1980, p. 3-29.

KELLY, Bernard – *Liebermann: l'épanouissement d'un apôtre*. In *Cahiers spiritains n°4*. Roma: [s.n.], 1980, p. 18-31.

LECUYER, Joseph – *La spiritualité du P. Liebermann*. In *Cahiers spiritains n°12*. Roma: [s.n.], 1980, p. 23-38.

# ÍNDICE

<b>ABREVIATURAS .....</b>	<b>2</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO I – LIBERMANN E O SEU TEMPO .....</b>	<b>6</b>
1. Contexto Político-religioso da França nos inícios do século XIX.....	6
2. O Judaísmo e Libermann.....	10
2.1 Judaísmo na Alsácia, no início do século XIX .....	11
2.2 Influências do judaísmo em Libermann.....	13
3. Escola Francesa de espiritualidade .....	18
3.1 Bérulle, o mestre da “escola francesa” .....	19
3.2 João Olier, fundador do Seminário de S. Sulpício.....	22
3.3 S. João Eudes, fundador dos eudistas .....	25
<b>CAPITULO II – ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE LIBERMANN .....</b>	<b>28</b>
1. A conversão .....	28
1.1 Metz, o encontro inesperado com a dúvida .....	29
1.2 Paris, o encontro com Cristo.....	33
2. O caminho do sacerdócio barrado .....	37
2.1 Em S. Sulpício encontra um “tesouro” .....	37
2.1.1 Estadia em S. Sulpício .....	37
2.1.2 A crise epiléptica .....	38
2.1.3 A experiência do coração pobre .....	41
2.2 O “anjo” de Issy.....	42
2.2.1 A sua estadia em Issy .....	42
2.2.2 Os “bandos de piedade”.....	44
3. Rennes, a noite da fé.....	45
3.1 A “noite escura” do itinerário de fé .....	45
3.2 O apelo de Deus no grito dos pobres .....	47
4. O nascer da Congregação do Imaculado Coração de Maria.....	50
4.1 Lyon, a confirmação da vocação missionaria.....	50
4.2 Roma, a vontade divina realiza-se. ....	52
5. Libermann como Superior .....	56

<b>CAPÍTULO III – SÍNTESE DA ESPIRITUALIDADE DE LIBERMANN.....</b>	<b>61</b>
1. Experiência amorosa de Deus .....	62
1.1 Abandono a Deus.....	62
1.1.1 Primazia de Deus.....	63
1.1.2 A Renúncia .....	64
1.2 Docilidade ao Espírito Santo .....	67
1.2.1 Discernimento da acção do Espírito Santo.....	70
1.2.2 Frutos da acção do Espírito .....	72
1.3 O encontro com Cristo.....	73
1.3.1 Configuração e comunhão com Cristo. ....	74
1.3.2 Cristo e a inseparável presença de Maria .....	76
2. Espiritualidade do Deus Vivo.....	79
2.1 Deus age na história de forma imprevisível.....	80
2.2 A Providência .....	82
3. Uma espiritualidade missionária .....	84
3.1 União prática e dedicação aos pobres .....	88
3.2 Comunhão e zelo apostólico .....	92
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	 <b>94</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	 <b>99</b>
Fontes: .....	99
Estudos: .....	99
Artigos: .....	100
 <b>ÍNDICE.....</b>	 <b>101</b>